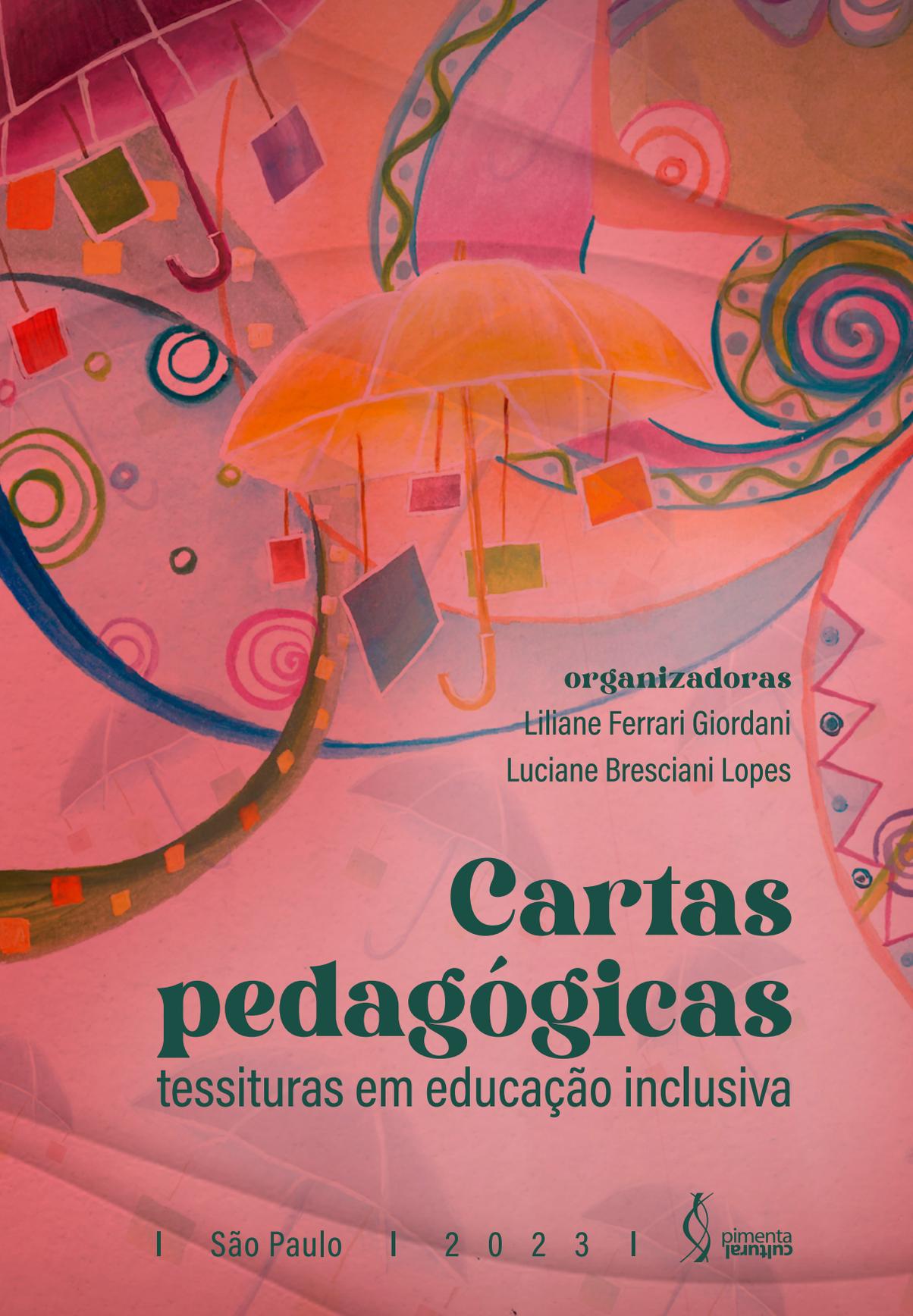


The background is a vibrant, abstract collage of colors including yellow, green, orange, and red. It features various geometric shapes such as squares, circles, and spirals, along with wavy lines and patterns that resemble traditional folk art or textile designs. The overall composition is dynamic and textured.

organizadoras
Liliane Ferrari Giordani
Luciane Bresciani Lopes

Cartas pedagógicas

tessituras em educação inclusiva



organizadoras
Liliane Ferrari Giordani
Luciane Bresciani Lopes

Cartas pedagógicas

tessituras em educação inclusiva

| São Paulo | 2 0 2 3 |



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C322

Cartas pedagógicas: tessituras em educação inclusiva / Organizadoras Liliane Ferrari Giordani, Luciane Bresciani Lopes. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-794-5

DOI 10.31560/pimentacultural/2023.97945

1. Educação especial. 2. Inclusão as diferenças. 3. Singularidade.
4. Docência. I. Giordani, Liliane Ferrari (Organizadora). II. Lopes, Luciane Bresciani (Organizadora). III. Título.

CDD: 371

Índice para catálogo sistemático:

I. Educação especial.

Jéssica Oliveira - Bibliotecária - CRB-034/2023

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2023 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2023 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

[<https://creativecommons.org/licenses/>](https://creativecommons.org/licenses/).

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Bianca Bieging
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini Potira Manoela de Moraes
Bibliotecária	Jéssica Castro Alves de Oliveira
Imagens da capa	Ana Coronas de Souza
Tipografias	Acumin, Wingdings
Revisão	Landressa Rita Schiefelbein
Organizadoras	Liliane Ferrari Giordani Luciane Bresciani Lopes

PIMENTA CULTURAL

São Paulo • SP

+55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



2 0 2 3

Conselho Editorial Científico

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski

Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt

Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva

Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto

universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosangela Colares Lavand

Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah

Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes

Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos

Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos

Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni

Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins

Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva.

Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein

Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues

Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva

Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro

Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fábrica Lopes Pinheiro

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa

Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales

Instituto Nacional de Estudos

e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges

Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ivan Farias Barreto

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles

Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa

Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre

Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura

Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschiqui Vieira Pinto

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini

Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro

Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik

Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastrelí Barbosa

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos

Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi

Centro Federal de Educação Tecnológica

Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Bieging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Pareceristas e revisores(as) por pares

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

Sumário

Carta para quem se desafia esperarçar	10
---	----

CARTAS PARA OS ALUNOS

Carta de Josiane	15
Carta de Isamara	18
Carta de Kelly	21
Carta de Mariana	23
Carta de Marco	28
Carta de Martha	31
Carta de Glauce	34
Carta de Jonas	35
Carta de Ana Paula B.	37
Carta de Elisângela	40

CARTAS PARA AS PROFESSORAS E PROFESSORES

Carta de Maria	44
Carta de Maura	47
Carta de Elvia	50
Carta de Pâmela	52
Carta de Rosângela	55
Carta de Cláudia	57
Carta de Cíntia e Andréa	59
Carta de Ana Paula S.	64
Carta de Lissandra	67
Carta de Leana	70
Carta de Lidiane	73
Carta de Aline e Renata	76
Carta de Luciane	81
Cartas de Cíntia	83

Carta de Mara	87
Carta de Daiana	90
Carta de Daniele e Luciane	92
Carta de Deise	99
Carta de Tatiana	101
Carta de Cristiane	103
Carta de Fabiane	105
Carta de Fabiani	107
Carta de Sandra Eli	109
Carta de Fátima	112
Carta de Sheila	114
Carta de Veridiana	116
Carta de Sílvia	118
Carta de Silvana	120
Carta de Gerusa	123
Carta de Débora	126
Carta de Marina	128
Carta de Karla, Katiuscha e Mara	130

CARTAS ÀS PROFESSORAS QUE SOMOS E PARA AS QUE VIRÃO

Carta de Sabrina	136
Carta de Sandra Lopes	139
Carta de Vanessa	148
Carta de Susie	150
Carta de Francine (2022)	152
Carta de Fernanda	157
Carta de Jaque	160
Carta de Jéssica	162
Carta de Angélica	164
Carta de uma pequena despedida	167
Sobre as autoras e os autores	169



Carta para quem se desafia esperançar

Querido/a leitor/a,

Que nossa carta de apresentação possa lhe encontrar bem, que nossas palavras possam ser lidas como um convite, uma provocação, um desafio. Esse livro, como resultado de um esforço coletivo, deseja te alcançar como uma forma de analisar a sua vivência com o mesmo comprometimento daquelas e daqueles que produziram as cartas que compõem a tessitura que é esse livro. Tecer é juntar partes, partes que formam o todo. O nosso todo é multicolorido. Não encontrarás receitas prontas, mesmo quando se parecem, poderíamos dizer que são dicas, um modo de contar o que se tem feito em tantos contextos diferentes.

Nossas escritas são plurais. Nossas escritas mexem com todos os sentidos, pois se faz com e a partir deles. Nossas escritas exaltam a diferença. Por vezes, se parecem com um acerto de contas – consigo, contigo, em outros momentos, desabafo. Nossas cartas contam da importância de registrar e contar o que está acontecendo no interior das nossas escolas, como um modo de refletir sobre as práticas cotidianas.

Professoras e professores que escrevem cartas endereçadas para colegas, alunas e alunos, produzem outras formas de estar junto, de estar com, falando de si e de suas práticas. A escrita, e especialmente a leitura dessas experiências, por outras professoras e professores mobiliza também o desassossego diante das contradições, injustiças, das alegrias e dos movimentos que envolvem a inclusão. Muitas cartas nos trouxeram a esse livro, e a vontade e o compromisso de prosseguir na discussão política sobre a educação.

Na tarde de um sábado quente de dezembro de 2022, quando essas cartas foram escritas, orientadas pela professora Larisa Bandeira, voltamos nossa atenção para um movimento feito em 2008. Naquele ano, na mesma sala da Faculdade de Educação, na qual professores e professoras da Educação de Surdos, em um curso organizado pela Professora Adriana Thoma, escreveram cartas que foram publicadas em um blog. Escrever uma carta é contar sobre o que se viveu e também lançar-se ao que vem. Olhar para trás, para seguir em frente:

Eis que outros momentos virão, eis que outros espaços são arquitetados, eis que outros momentos serão dispostos em outras possibilidades discursivas. Entretanto, eis que vivenciamos a emergência de discussões impreteríveis, problematizações urgentes, questionamentos fervorosos, enfrentamentos emergentes. As narrativas e memórias avivadas e reavivadas pela disponibilidade e abertura de cada membro se tornaram chamas aquecidas e em seu interior queima o sentimento de pertencimento, o desejo de permanecer, ou quem sabe, de continuar por um período indeterminado, trilhando um caminho impreciso, mas ávido de possibilidades suspensas.

Esse trecho da Carta de Graciela Marjana Kraemer, escrita em 28 de novembro de 2008, no encerramento da 1ª edição do Curso *Memórias e Narrativa de professores na Educação de Surdos*, nos mobiliza na produção das cartas da 2ª edição do Curso de Aperfeiçoamento – *Educação Inclusiva: Tessituras do Fazer Pedagógico na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*.

Cartas produzidas como uma fina costura, daquelas que se fazem por muitas mãos. Uma grande tessitura, colorida, afetiva e esperançosa. Uma produção elaborada pelos sujeitos que fizeram de vários sábados, ao longo do ano de 2022, momentos de escuta, leitura, ensinamento e aprendizado. Escritas com muitos destinatários, inclusive para si, para o eu em diferentes

temporalidades, revestidas de inúmeras intencionalidades. São relatos pessoais, relatos sobre desafios da prática docente cotidiana, pautada na responsabilidade ética que produz a boniteza de aprender-ensinar-aprender.

As cartas deste livro abordam a força dos encontros, na defesa do aprendizado no e pelo coletivo, trata-se de acreditar na ousadia de sonhar e na desobediência como potência. Deste modo, a inclusão é compreendida como um caminho que se faz com – com pessoas, com responsabilidade – independente do território que se desenvolvem as ações educacionais.

Vista-se de coragem! As tramas nos fortalecem!

Porto Alegre, março de 2023.

Liliane Ferrari Giordani e Luciane Bresciani Lopes



**CARTAS
PARA
OS ALUNOS**



*Essa aqui vem do fundo do meu coração
Do mais profundo canto do meu interior
Pro mundo em decomposição
Escrevo como quem manda cartas de amor
(Cananéia, Iguape e Ilha Comprida, Emicida)*



Carta de **Josiane**

**Para os meninos
dos meus olhos,
meus queridos alunos.**

Endereço: Rua da Esperança, nº 20.

Meus queridos alunos, escrevo essa carta na conclusão de um curso em Educação Inclusiva que me foi oportunizado neste ano de 2022 na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Não poderia deixar de compartilhar com vocês, tudo que sinto e tudo que vivi nessa experiência, afinal foram vocês que me trouxeram até aqui. Muitos alunos já passaram pela minha vida e pela minha sala de aula nestes dez anos de docência, mas, nenhum me tocou tanto quanto vocês dois. Pois bem, início de ano letivo, e não de qualquer ano letivo, mas de um ano pós-pandemia, no terceiro ano do Ensino fundamental onde para a maioria, era o primeiro ano na escola, depois de dois anos em casa. Vocês chegaram resistentes, em um ambiente estranho e barulhento. Eu, mesmo com pouca experiência em educação especial, fui atrás de material pedagógico

que os agradasse e chamasse atenção, no meio de tanta bagunça de colegas agitados que assim como vocês estavam aprendendo a serem alunos. Então começa o desafio, com medo mesmo, com alguns anos de experiência em sala de aula parecia que desta vez, com vocês, não sabia o que estava fazendo de fato. Preparar material, recortar, montar jogos, pesquisar sobre os personagens e desenhos favoritos, buscar o olhar, acolher, aconchegar, ambientar, socializar, incluir? Pois bem, não foi como esperado, foi difícil trazê-los para perto, foi difícil eu ficar tranquila pensando se vocês estavam bem, ou não, dentro da nossa sala de aula, do nosso ambiente escolar.

Então vem a pergunta, como vou fazer para acontecer a inclusão? Será que ela existe de verdade? Será que é possível? Foi então que apareceu a oportunidade, Curso de Aperfeiçoamento em Educação Inclusiva: Tessituras do Fazer Pedagógico, um ambiente com mais de cinquenta professores e profissionais da educação, brilhantes, que assim como eu buscavam melhorar suas práticas, entender a inclusão e buscar o melhor para os seus alunos. Então, ao buscar o melhor ao longo desses sete meses de curso eu aprendi... aprendi que somos imperfeitos, que não existe a categoria aluno de inclusão sem existir a categoria professor inclusivo. Aprendi, Dani, que tu não és o autista, que tu és o Daniel e que tens Transtorno do Espectro Autista (TEA). Aprendi, "Cacá", que tu não és Down, que tu és o Carlos e que tens síndrome de Down. Aprendi que tudo estava invertido, que eu não ia simplesmente conseguir incluir vocês naquele ambiente, mas que teria que repensar a escola. Para vocês. Quem eram vocês? Do que tinham medo? Quais eram seus sonhos? Com quem viviam? O que gostavam de fazer? De onde vinham? O que os deixava felizes? Eu precisava ver vocês como sujeitos integrais, além do transtorno ou da síndrome. E, depois de muitas trocas e experiências com os colegas e profissionais do curso, muitas coisas novas foram feitas... desenho na vertical, giz branco na folha preta, rotina com fotos, caixa surpresa ou, simplesmente, ficar sentada no chão acolhendo, jogando no tablete, ou olhando pela milésima vez o mesmo livro ou jogo. Muita intencionalidade, pouca pressa, envolvimento coletivo de uma engrenagem potente indo da gestão ao porteiro, sem esquecer do apoio, mediação, auxílio e parceria do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Minha prioridade? Que vocês estivessem felizes no ambiente escolar. Toda socialização ou atividade pedagógica foi consequência de este estar bem e incluído. Aprendi contigo Dani, que mesmo que não sustentas o olhar,

não significa que não me olhes... Contigo Carlos, aprendi que um abraço e comemoração depois de cada rabisco na folha, além de demonstração de afeto é a tua forma de dizer que estás aprendendo. E, mesmo com todas as conquistas evoluções e aprendizagens que vivenciamos neste ano, mesmo aprendendo a confiar em mim e em vocês, em cada atividade antes não aceita e agora realizada, cada interação com um colega de sala que criamos juntos e com as famílias de vocês, que incansavelmente estiveram juntas nessa caminhada, consigo aceitar que é só o começo do percurso até a inclusão. Como disseram dois professores do curso, "procurar o sentido, quer dizer caminho não percorrido, mas que se deseja percorrer. Portanto, significa projeto, sonho, utopia, aprender..."

Hoje, além de entender vocês, consigo confiar mais em mim, acreditar, ter perseverança e resistência para buscar conhecimento e ajudar qualquer aluno que me atravesse no futuro, enfrentando os desafios de ser uma professora inclusiva. Por vocês e pelos próximos que virão.

Josiane Farias Fagundes



Carta de **Isamara**

**Para Ex-professoras
e alunos do 5º ano B.**

Endereço: Rua Américo Vespúcio, s/n.

Eu não sou o que fizeram comigo sou aqui-
-lo que escolhi ser!

De pele marrom, olhos arregalados, sobrancelhas marcantes, sorriso alegre para aquele que bem me recebe. Cheguei ao espaço escola com um coque no alto da cabeça, brincos pequenos, tímida e desconfiada. Lembro-me da pré-escola, das práticas de pontilhar sobre a linha, amarrar os cadarços de um dado, para desenvolver a coordenação motora. Lembro-me dos móveis, do rosto da professora, do barulho do balanço da pracinha, que só podia ser usado no final da manhã.

A primeira série não foi fácil, a pobre menina negra que insistia em escrever o s espelhado, não compreendia a fúria da professora que insistia em apagar a escrita tracejada, repetidas vezes, para que ela o fizesse corretamente.

O tempo naquele lugar era um misto de sentimentos que ela não sabia explicar. As brincadeiras sobre o cabelo e cor da pele pareciam “inocentes” aos olhos das professoras, mas deixaram marcas no inconsciente da menina, que não acreditava que aquele pudesse ser o seu espaço.

A acolhida era para poucos, o cuidado, o bem-estar, alcançavam somente alguns.

A vida transcorria com a menina sempre em busca do seu espaço! O teatro era a sua janela, sua válvula de escape, a poesia trazia a tranquilidade e alegria que a menina buscava no espaço escola. A biblioteca era o porto seguro. Tudo que vivera entre a educação infantil e a terceira série foram práticas vazias! Vazias de acolhimento, vazias de significado, vazias de intencionalidade pedagógica... Quis o destino que essa menina cruzasse o caminho daquela professora, de cabelos pretos brilhantes como as estrelas, sorriso alegre e um abraço que reconfortava todo e qualquer mal nessa vida.

Era uma professora teimosa! Queria satisfação para as ausências e capricho na escrita. Era “autoritária” e sabia de cada um, cada coisa de sua sala de aula. Dentro dela o pensamento dos alunos era soberano, a discussão de ideias era valorizada e toda e qualquer diferença era acolhida.

Aquela professora inquieta, sorridente soberana em sua sala de aula, insistia em dizer a seus alunos: “Vocês podem ser o que quiserem, podem ter tudo! Desde que estudem para isso!”

Ela salvou aquela menina, que tantas vezes já haviam negligenciado, ela sabia sim, ela sabia que seu trabalho pautado no afeto, calcado na proximidade com a família, estruturado para a promoção do conhecimento fazia a diferença na vida de cada um dos seus alunos.

Aquela professora me salvou! E fez acreditar que a escola poderia e seria um lugar melhor para mim e para as gerações futuras.

Escolhi ser professora para dar continuidade ao bom trabalho dela, hoje posso afirmar: sou mulher, negra, bacharel em Serviço Social e professora, com muito orgulho, com muito amor. Sou as minhas escolhas!

Escolhi dar sustentação teórica ao meu fazer pedagógico, a romper com práticas excludentes que privilegiam alguns e desrespeitam outros. A cada

início de ano letivo realizo escolhas pedagógicas, seja de teorias, formações, condução com o grupo de pais, entre outras, faço isso por compreender que ser professora é um ato político. Uma luta constante na promoção, validação, e aplicação dos direitos das crianças (educandos).

É urgente que possamos cativar os professores da escola pública no que se refere ao peso e comprometimento, com a prática de qualidade promotora de igualdade entre os alunos. O espaço escola é de todos e deve ser um espaço compartilhado, permeado por diferentes saberes que se complementam, constroem e reconstroem práticas que produzem sentido, configuram um significado, práticas que se adequem a necessidade e realidade do educando.

Cabe a cada professora realizar as suas escolhas pedagógicas, lembrar que “só é capaz de ensinar quem se dispõe a aprender”, como dizia Paulo Freire.

Isamara da Silva Nunes



Carta de **Kelly**

Para Chloé.

Endereço: Avenida dos Perdões, 289. Porto Alegre/RS.

É com imenso prazer que escrevo essa carta para você. Quando nossos olhos se cruzaram em uma reunião escolar, em meio a apresentações formais, senti que você de uma certa forma, me desafiou enquanto professora. Seu olhar me remeteu a muitos sentimentos, como: menosprezo, incapacidade, provocação e inspiração. Tudo isso mexeu comigo, pois sabia de antemão que você era mãe do “Christofer”, ou seja, “o aluno não diagnosticado, que não ficava em sala e só gritava nos corredores”. Após uma breve conversa com você e quebrando um pouco esse primeiro contato, fui para casa pensativa. Passei o final de semana pensando no nosso encontro, nossa breve conversa e no “Christofer”. O teu olhar me motivou a querer mais, querer novas aprendizagens e foi no dia a dia escolar que percebi que somos constituídos de muitas falhas, mas se estamos de coração aberto para os desafios da aprendizagem, com certeza teremos retornos positivos. Em muitos momentos conversamos na porta da sala de aula, trocamos ideias e

experiências e fomos criando um vínculo de confiança e aprendendo juntas o melhor “lidar” com o Christopher, pois também para mim, como para você o dia a dia era de surpresas, trocas e muito aprendizado. Dias de luta, dias de glória. Dias de risadas, dias de bravura, e dias de agradecer por tudo, porque você e ele se tornaram peças importantes e essenciais no meu crescer. Saber que não existe receita certa e nem manual a ser seguido, juntas trilhamos o melhor para ele. Hoje você deixando-o subir sozinho, ele ficando sem a sua presença foi um avanço e tanto. Como foi importante você compreender que o seu filho era pertencente à escola e que precisava lidar com suas frustrações junto ao seu grupo. Agradeço pela confiança e até mesmo pelo desafio de ter vocês nos meus olhos e prática. O curso que esse ano veio me aprimorar e enriquecer como pessoa e profissional, serviu para saber que não existe o “fazer certo e errado”, existe o permitir-se desafiar, a querer estar pronta para encarar o novo, os desafios. Quero dizer a você e ao Christopher: obrigada, obrigada e obrigada! Permita-se sempre. Você é excelente mãe.

Profe Kelly



Carta de Mariana

Para Solar.

Endereço: Rua do Sol, nº 10 – Cidade Iluminada/RS.

Quero através dessa carta contar um pouco sobre o nosso convívio e todas as aprendizagens que construímos juntos esse ano. Em fevereiro de 2022, tivemos o nosso primeiro encontro, processo de adaptação do grupo de Maternal 2 em sua segunda experiência em escola, após um longo período pandêmico, e lá estava você, radiante e curioso com os olhos verdes brilhantes.

Seu jeito de se relacionar com os outros me chamou a atenção, você observava e repetia ações dos seus colegas, sendo elas positivas ou negativas, seus desconfortos eram seguidos de choros que eram difíceis de decifrar.

Decidi conversar com seus pais para entender melhor como você era em casa, sua rotina, seu jeito de lidar com frustrações, até que chegamos ao assunto **encaminhamento**, que é quando pedimos ajuda a quem sabe mais. Uma fonoaudióloga? Um psicólogo? Um neurologista? Seus pais escutaram

atentamente o que falamos e contaram que observavam os mesmos comportamentos em outros espaços, como em casa e praças que vocês iam juntos.

A espera foi grande, um mês e meio, sem atualizações das consultas, até que ele veio, o laudo de TEA (Transtorno do Espectro Autista) e o que mudou para mim? Absolutamente nada e tudo ao mesmo tempo.

Em um grupo de *WhatsApp* que faço parte, com professoras de Educação Infantil do Município de Porto Alegre, chamado “Ed Infantil Poa Conversam”, foi divulgado o *Curso de Educação Inclusiva Tessituras do Fazer Pedagógico – 2ª edição*, pensei, por que não? Me inscrevi, e em maio veio a tristeza, estava de suplente, queria tanto aprender mais.

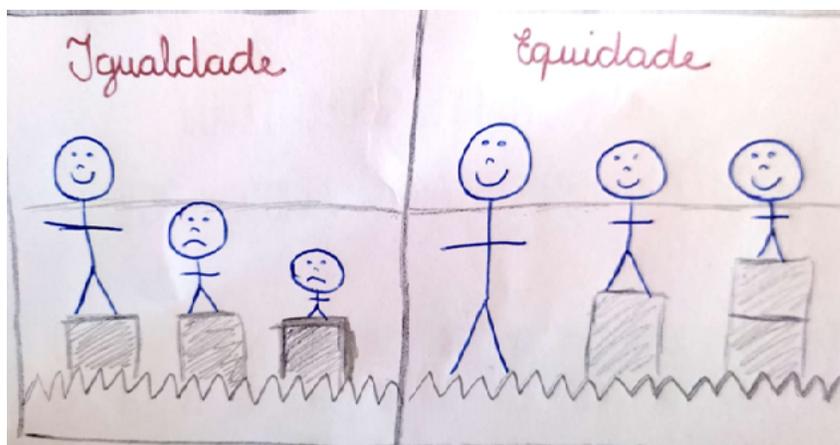
Nesse meio tempo sua mamãe foi incansável, foi atrás de informação, estudou muito, entrou em um grupo de mães de crianças com TEA e buscou formas de te ajudar com as terapias e algumas mudanças em sua rotina em casa.

Até que, em junho, alguém desistiu e lá estava a minha vaga para o curso que te contei. Você esteve comigo desde o primeiro momento, desde a carta de intenção que era preciso escrever para realizar a matrícula no início do curso, até esta carta que te escrevo para finalizar. O primeiro susto veio ao receber o cronograma, 15 sábados, o dia inteiro, que cansativo!

O primeiro encontro chegou dia 11 de junho, manhã fria, FACED (local das aulas) mais fria ainda, cama quentinha chamando e a dúvida: será que vou? Criei coragem para encarar o frio e lá fui eu. Neste dia tive o prazer de conhecer duas pessoas, a Ana Rosimeri e o Marco Aurélio, ex-professores do município de Porto Alegre, que me ensinaram os termos corretos para tratar pessoas com deficiência e lembraram que “somos imperfeitos”, confesso que nunca gostei muito da palavra perfeição. E para finalizar, nesse dia, fomos agraciados com um show da banda Malucos Beleza, comandado pela professora Eliana e seus ex-alunos da E.M.E.E.F Elizeu Paglioli, que deram um verdadeiro espetáculo.

O segundo encontro chegou, dia 26 de junho, manhã fria, FACED mais fria ainda, cama quentinha chamando e a dúvida: será que eu vou? E lá fui eu mais uma vez. Agora para aprender sobre as leis e os direitos das pessoas com deficiência com a professora Graciele. Neste encontro entendi a diferença entre Igualdade X Equidade, através do desenho (Você sabe, desenho não é o meu forte, não é?), a seguir:

Figura 1 – Representação da diferença entre igualdade e equidade



Fonte: A autora, 2022.

O terceiro encontro no dia 9 de julho, manhã fria, FACED mais fria ainda, cama quentinha chamando e a dúvida: será que eu vou? Força na peruca e rumo à FACED! Dessa vez rostos conhecidos, Cíntia (nossa assessora de educação especial) e Andrea. Com elas aprendi o trabalho realizado na rede com crianças muito pequenas e pequenas com deficiência e peguei muitas ideias para trabalhar com você, principalmente dicas de jogos que você e seus colegas iriam gostar muito.

O quarto encontro, dia 16 de julho, precisei trabalhar pela manhã na nossa festa Julina, nos encontramos, brincamos, dançamos e comemos bolo de milho. E à tarde estava eu na chuvosa FACED, agora com as professoras Karla e Katiusca, que me ensinaram o que é PDI (Plano de Desenvolvimento Individualizado), que inclusive fiz o seu. Neste dia, também conversamos sobre a nova orientação da Secretaria de Educação referente aos Atendentes Terapêuticos, agora eles poderiam atuar nas escolas, auxiliando as crianças com deficiência junto a equipe pedagógica.

No quinto encontro, dia 6 de agosto, o frio continuava, mas a curiosidade falava mais alto e me despedia da cama com tranquilidade. Neste encontro conheci jovens incríveis, jovens com deficiência e pensei em ti, no adulto que tu irias tornar-te.

O sexto encontro, dia 3 de setembro, agora a não tão fria FAGED nos aguardava para o encontro que mais esperei para poder encontrar formas de te ajudar, o encontro sobre TEA. A cama não me chamava mais, pois sabia que iria ter novas aprendizagens. Neste encontro, percebi que estava falhando com você, as professoras Karla e Mara alertaram sobre a importância da antecipação dos momentos e situações para as crianças com TEA e aí você começou a se sentir mais seguro, já que você já sabia o viria a seguir.

O sétimo encontro confesso que não pensei em ti, mas pensei no professor Notas, professor de música de nossa escola, um professor cego que nos ensina muito. Conheci a professora Marilena e sua fiel escudeira Estrela (cão-guia), neste encontro aprendi a escrever em Braille e juntos construímos cartões para o professor Notas saber nossas músicas preferidas, a "Pipoquinha", "A linda rosa juvenil", "Acorda Pedrinho", com escritas em Braille e desenhos em alto-relevo.

E lá se foram mais 3 encontros de muita aprendizagem, em um deles o cansaço me ganhou. Nos que estive presente, aprendi sobre Altas Habilidades e Superdotação e Surdez e Deficiência Auditiva.

Até que chegamos ao décimo segundo encontro, sobre Tecnologia Assistiva e comunicação Alternativa, você já fazia uso do colar para te auxiliar na fala (com os pictogramas) você sentia tanto ciúmes dele, mas mesmo assim emprestava para quem te pedia. O professor Eduardo e a professora Daianne, trouxeram alguns exemplos de histórias em pictogramas e vi ali uma forma de te aproximar dos teus colegas, já que livros são uma das suas paixões e dos seus amigos também. Criamos juntos histórias sobre animais, casas, príncipes e o mar, os pictogramas, saíram do seu colar e tomaram grandes proporções para um livro e para a televisão com um vídeo com as contações das suas histórias. Nesta proposta, todos vocês se sentiram protagonistas das suas aprendizagens e incluídos no processo de construção do conhecimento. Assistimos diversas vezes e em todas nos orgulhamos de nossas produções.

Encontro décimo terceiro e décimo quarto sobre medicalização, educação e aprendizagem com a professora Daniele e Luciana, evocaram alguns questionamentos: quem escuta as queixas das crianças na escola? Os medicamentos são a solução para todos os problemas? Posso questionar a utilização de medicação com crianças pequenas? Sei que estas questões merecem mais estudos de minha parte e irei buscá-las em breve.

E décimo quinto encontro dividido em duas partes, a primeira sobre Classe hospitalar com as professoras Maria Alice e Karla, que nos apresentaram uma outra visão sobre o direito das crianças à educação nos hospitais e a importância para os tratamentos, pois essa interação com professoras e as aprendizagens dão mais esperança e uma perspectiva de futuro para elas. E a segunda parte com a professora Larisa pela segunda vez, para finalizar a proposta de escrita em tessituras, acredita que fomos desafiados a escrever uma carta pedagógica à mão? Há quanto tempo não fazia isso? No mínimo uns cinco anos. E a carta precisaria ser escrita, na agora quente FACED. Primeiramente pensei: Será que dou conta? E logo me joguei no desafio da escrita. Acho que se a professora Larisa não desse esse empurrão, não escreveria esta carta com tanto sentimento.

Mas para quem escreveria? Só podia ser você, o encantador Solar que me desafiou e me ensinou tanto em relação à inclusão escolar.

Agora, aqui estou eu, te escrevendo essa carta que, no início da escrita achei que usaria uma página e já estou na quarta, pensando em ti e no nosso encontro na próxima segunda-feira.

Obrigada Solar, por me fazer buscar conhecimento e repensar a minha prática, teremos nossa despedida, deixo de ser tua professora, mas estarei sempre torcendo por ti.

Porto Alegre, calorenta FACED, 3 de dezembro de 2022.

Com carinho,

Professora Mariana Mu N. Romeiro



Carta de Marco

Para os queridos alunos e as queridas alunas.

Ao escrever esta carta não estou sozinho, comigo acompanham sonhos, alegrias, amorosidade e muita esperança. Os sonhos carregam a mão que escreve. Que insiste em deslizar pelo papel quase que em desalinho, pois são muitos os sonhos: da escola pública cheia de boniteza e com um lugar acolhedor para cada um e, por que não, para todos, o sonho de conviver com gente cheia de potência e vontade de juntos compreender o que significa inclusão e de muitos outros que escaparam do papel.

As alegrias vêm do ato de participar deste investimento da universidade pública na formação de professores para além do ensinar a dar aula, mas vivenciar a aprendizagem, de acreditar na produção de educadores potentes, oferecendo a cada um, ferramentas possíveis para mudar realidades e investir em possibilidades.

A amorosidade vem da forma como fomos acolhidos em cada encontro, atravessados por desafios,

dúvidas, inquietações e acima de tudo, muita vontade de estarmos juntos e refletir sobre nossa árdua batalha em compreender a necessária construção de práticas inclusivas.

Na esperança, construímos o fundamento de nossas tessituras, investir em um tempo de fortes convicções de que o mundo diferente é possível e, como diria nosso amado Freire, um mundo menos feio, menos cruel e que, realmente, cabe a nós lhe dar forma. Acredito que no Curso Tessituras, fio a fio, costura a costura, fomos dando forma a este lugar de formação de pessoas que com olhar atento acreditaram na tarefa que é nossa, e que nos pertence: a responsabilidade de aprender a conjugar o verbo esperar. Cabe a nós denunciar realidades que vivenciamos e também anunciar, através de nossas práticas, a superação de ações não inclusivas, assumindo assim um sonho possível. Articulado com nossas ações políticas que permitirão que os nossos alunos, sejam apenas alunos, e que a nós cabe assumir o compromisso de construir na escola, o educador inclusivo, em detrimento do tão aclamado aluno de inclusão.

Para inspirar nossa conversa revisei algumas cartas de Freire, na *Pedagogia da Indignação*¹ e nelas nos enxerguei em muitas linhas, como também muitas das questões que nos inquietaram durante nossa trajetória no curso.

Uma das questões que Freire aponta, seria o quão se apresenta fundamental saber que mudar é difícil, mas é possível, nos encontramos algumas vezes neste conflito e nos inspiramos na possibilidade de investir em ações políticas e pedagógicas, nas quais poderíamos nos comprometer com a certeza de que é possível e é preciso mudar.

Nesta carta em tessituras, me inspiro na minha teimosia em tecer a vida, reviver experiências como educador que se banhou nas águas da educação popular, que mergulhou nas incertezas, emergiu em desafios e algumas vezes quase se afogou em políticas pouco públicas, mas que nos respiros de esperança, nunca deixou de acreditar na beleza da diferença, na alegria da diversidade e na denúncia das injustiças.

1 FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas Pedagógicas e outros escritos. Organização e participação Ana Maria de Araújo Freire. São Paulo. Paz e Terra, 2021.

Meus queridos e minhas queridas, permaneçam em tessituras, articulando os fios dos sonhos possíveis, nunca deixem de esperar, e acima de tudo nunca desistam, mesmo que os nós da costura insistam em desprender, não esqueçam que a boa costura, é aquela que se mostra imperfeita e que os desvios das tramas são os que nos permitem ver as múltiplas formas de contemplar aquilo que foi tecido.

Marco Aurélio Freire Ferraz



Carta de Martha

Para o meu aluno.

Endereço: Assis Brasil, 9393939. Porto Alegre/RS-Brasil.

Estou te escrevendo essas linhas para lembrar que estivemos juntos por dois anos. Pois nos conhecemos durante uma pandemia mundial, onde nossos encontros eram on-line, uma vez por semana, com aulas do Projeto de Arte, de nossa escola. Ficamos com aulas a distância no primeiro semestre.

Quando nos conhecemos presencialmente, fiquei impressionada com o nível dos teus conhecimentos. Estavas iniciando na Educação Infantil, ou seja, Pré I A, no turno da manhã, com seus quatro anos de idade. Já conhecendo as letras e números.

Hoje fecharemos esse ciclo, pois estará se formando na Educação Infantil. Então em 2023 iniciará um novo ano, no Ensino Fundamental, séries iniciais. Sendo que você já está alfabetizado, e poderá ler a minha carta, e relembrar os nossos momentos, nesta jornada.

Aprendi muito contigo, durante o nosso percurso. Lembro-me de várias aulas em que você entrava na sala e lia a rotina que eu havia escrito no quadro branco com canetas coloridas, onde havia os horários e as atividades específicas daquela manhã, para serem cumpridas. Essa rotina, percorreu o segundo semestre de 2021.

Ao iniciarmos o ano de 2022, você me surpreendeu mais ainda, pois solicitava a rotina escrita na sala até para a sua professora referência nos outros dias da semana. Mesmo nos momentos em que íamos ao refeitório para o almoço ou quando fazíamos filas, nas quais você era o que vinha na frente. Você chamava minha atenção, quando eu precisava virar-me para observar os outros colegas. Nesses momentos eu caminhava de costas e você me advertia, dizendo que eu estava caminhando errado, que deveria caminhar voltada para a frente.

Lembro-me que um certo dia, dessas aulas, você chegou com seu pai, então chamou a minha atenção que ambos estavam parados na porta da sala. Me direionei a você. Mas, eis que seu pai me questionou: a senhora que é a professora da bagunça? Eu levei alguns segundos para processar esse comentário. Então respondi, que eu era a professora de arte-educação. Teu pai colocou-me que você sempre dizia em casa que nas segundas-feiras teria aula da bagunça. Então me posicionei na tua altura e perguntei: a aula da professora é da bagunça? E você disse-me: sim, aula da bagunça! Logo emendando outra pergunta: Porque está escrito várias vezes “banheiro”?

Você já lê e sempre visualiza o quadro com a rotina escrita, do início ao fim da aula. E no quadro está escrito várias vezes a palavra banheiro na rotina. Eu lhe respondi: temos que ir ao banheiro para lavarmos as mãos, antes e após algumas atividades. Desde então, continuamos nesse processo em que você sempre ao chegar na sala solicita a rotina. E me dizia, ou melhor, me perguntava: hoje tem aula de bagunça?

Eu sempre a lhe responder: Sim, hoje é aula de artes. Seguiu os teus questionamentos: tem música do “Bom dia”? Eu respondia-lhe: sim, está escrito na rotina.

– Vamos brincar de massinha? Quero massinhas para misturar! Vou fazer monstros. Tu tiras foto?

Pois então, sentirei falta desses momentos, das aulas de bagunças e de seus questionamentos sobre tudo que lhe chamou a atenção durante o nosso convívio. Nossa forma de interagir sempre foi e será muito especial.

Outro fato muito especial para mim. Um dia em novembro, em que a professora estava com a turma Pré I A, na terça-feira, você estava no refeitório, sentado. E me chamou, eu me aproximei, você me beijou na bochecha, espontaneamente. Me senti feliz, pois essa sua ação demonstrou que construímos um vínculo sólido.

Há muitos outros momentos que poderíamos lembrar, além dos descritos nessa carta. Aqui, um pequeno registro, de nossas segundas-feiras juntos.

Espero ter deixado um pouco de mim, pois recebi muito de você. O que tenho a dizer-te é que valeu a pena. Nosso contato e termos passado por essa construção de saberes.

Carta com nossas memórias!

Porto Alegre, 3 de dezembro de 2022.

Um grande abraço,

Prof.^a Martha Elena Guedes



Carta de Glauce

Para alguém especial.

À aluna em especial, que fez a professora enxergar o mundo de outra forma e levar a vida com mais leveza, e procurar se aperfeiçoar a cada dia que passa para aprender bem e sempre.

Mesmo com suas limitações, que não eram poucas, mostrou e mostra a cada dia, que a vida deve ser leve, livre e feliz.

Sempre sorrindo e interagindo com os colegas e participando de todas as atividades propostas na escola, em sala de aula.

Que hoje, mostra que quando se tem um objetivo na vida e luta por ele, conseguimos chegar lá com fé, coragem, determinação e luta.

O mundo é para todos e todas, e todos têm competência e capacidade de realizar seus sonhos e desejos.

Que sejas feliz nas suas escolhas e que realize todos os seus sonhos na vida pessoal e profissional.

Seja feliz sempre e nunca deixe de sorrir.

Rio Grande do Sul, 13 de dezembro de 2022.

Glauce Petry Dutra



Carta de Jonas

Para às pessoas privadas
do Direito à Educação.

Endereço: Rua da Esperança, 777; Bairro:
Saúde, RS. Planeta Amor.

Eso no puede ser nomás que um na carta

Quiriera fuera uma declaración de amor

Romántica, sim reparar em formas tales

Que ponga freno a lo que siento

Ahora a saudales

Te amo, te amo

Eternamente, te amo

Quando eu era menino

que alegria

pulava uma letra

comia uma vírgula
e não sabia
mas jamais deixei de expressar
o que sentia
agora, o que sou
um gato *mel blu*
guarda *la stella*
No voi tornar a casa sinsa te
Saiba meu amor, que noite bela
Quiçá, um grande amor que não cessa (...)
e que jamais cessará!

Porto Alegre, 3 de dezembro de 2022.

Jonas Rocha Abreu



Carta de Ana Paula B.

Para os meus alunos.

Rua da Esperança, s/n. Bairro da Perseverança.

Hoje é um sábado do mês de dezembro, dia abafado de um final de primavera, no qual estou no décimo encontro de um curso que me propus a fazer para agregar mais conhecimento para minha vida profissional. A professora do curso nos fez a proposta de endereçarmos uma “carta” para alguém, (não me perguntem o que é carta, pois já trabalhamos isso em aula) e eu resolvi escrever para vocês.

O ano letivo está terminando e eu tenho a sensação que faltou tempo para transmitir tudo que vim programando desde o início do ano, não digo em questão somente de currículo, mas de aprendizagem de vida, de cidadania, pois vocês vão iniciar uma nova etapa, fecham o ciclo dos anos iniciais e começam nos anos finais do ensino fundamental, e isso está me preocupando pois afinal de contas, vocês – em função da pandemia – deram um salto de 18 meses. Sim, foram um ano e seis meses de ensino remoto, onde muitos de vocês não tiveram acesso às aulas online, por um

problema ou outro. Pularam do segundo ano de alfabetização, no qual alguns nem estavam completamente alfabetizados, para o quarto ano, e agora estão no quinto ano e alguns continuam em processo de alfabetização. Então, gostaria de deixar a seguinte mensagem para vocês, que começará com aquela frase que vocês já me ouviram falar: estudem, aprendam, pois o que vocês sabem, ninguém tira de vocês e isso é o passaporte para levar vocês onde quiserem. Me pergunto todo o dia como conseguir fazer vocês terem interesse, prazer em aprender, busco novidades, ideias para prender a atenção de vocês em aula, mas confesso que têm dias que parece que tudo que planejei, tem que ter um plano B.

A vida é um eterno aprendizado, todo tempo aparecem coisas novas, o mundo está muito acelerado e a tecnologia veio com tudo. E, se não nos dedicarmos, a fila anda e como digo, vamos ficando para trás.

Vocês podem ser o que quiserem, basta ter foco e nunca desistirem; saciem suas curiosidades nos livros, com seus professores, com pais, amigos, internet, enfim procurem sempre saber e usem isto para o melhor. Nunca deixem que digam que vocês não podem, cada um de vocês têm condições de voar longe, mesmo alguns tendo um tempo diferente dos outros, todos são capazes de buscarem os seus sonhos.

Crianças, vocês são o futuro do nosso país, sei que já ouviram isso e para alguém de 10, 11 anos pode soar pesado ou até impossível, na verdade vocês são o seu próprio futuro. Serão cidadãos do bem, amáveis, responsáveis, aí sim, cada um será a peça-chave para uma nação melhor. Hoje vocês só têm a preocupação de estudar, então façam isso da melhor forma, não pensem que não sei as dificuldades que cada um enfrenta no seu contexto de vida, então por esse motivo que lhes convindo a aproveitarem ao máximo seu ambiente escolar. Só com os estudos suas vidas serão diferentes amanhã.

Vocês tiveram uma perda muito grande em relação aos estudos devido à pandemia, mas está em suas mãos buscarem o tempo perdido, e eu estarei aqui sempre que precisarem.

Não se culpem por situações que não estão ao seu alcance, busque o aprendizado para viver um futuro diferente. O mundo está muito diversificado e precisamos aprender como nos inserirmos nele da melhor forma, buscar oportunidades, fazer acontecer tudo ao tempo certo. Todos vocês são importantes

e capazes de alcançarem seus sonhos, para que isto ocorra, acreditem, estudem, façam sempre o seu melhor. Jamais desistam diante dos obstáculos.

E nessa caminhada escolar, nós somos todos diferentes, precisamos respeitar cada pessoa que cruza o nosso caminho. Façam de sua trajetória escolar uma ponte para seu amanhã, aproveitem esse período escolar e escutem, perguntem, questionem, mas acima de tudo, respeitem.

Espero no futuro encontrar vocês e ver que cada um conseguiu realizar seu objetivo, e espero que tenha, de alguma forma, contribuído para isso.

Porto Alegre, 3 de dezembro de 2022.

Com muito carinho,

Professora Ana Paula Barem Vargas



Carta de Elisângela

Para Vitor.

Endereço: Rua da Esperança, nº em movimento.

Escrevo esta carta em uma tarde quente de sábado, 3 de dezembro de 2022. Estou em uma aula na FACED e penso em ti. Querido, o mundo está em constante mudança e nem todas são positivas. Entretanto, a beleza da educação está em acreditar que mesmo do aparente caos surgem as mais belas criações.

Criança, o mundo já foi tão fechado! Há bem pouco tempo, qualquer diferença deveria ser identificada, classificada, eliminada. Apesar de nossa característica mais marcante ser a diferença, historicamente não somos bons, enquanto humanidade, em lidar com ela.

Disciplinar, corrigir e seriar parecem ter sido as palavras de ordem e a escola, durante um bom tempo, cumpriu com êxito essas funções. Por origem, a instituição escolar valorizou a normalização e desprezou as diferenças, apesar da realidade da condição humana a desafiar.

De uns anos para cá começou a chegar você. Sim, você, o portador da diferença, o que desafia e chama ao desacomodar, apenas por existir. Você existe e essa existência já não pode ser negada, pois os tempos são outros, e muito já conquistamos para que agora seu lugar seja garantido. E você traz sua personalidade, sua luz. Sua existência nos obriga à reinvenção, à amorosidade, à troca. Entretanto, meu querido, olho a minha volta e me preocupo, pois esse mesmo mundo que se abriu para as diferenças, dá claros sinais de se fechar novamente. E que tragédias já tivemos quando coisas assim ocorriam! Olho para setores da sociedade e temo por nós, temo por você. Quantos são aqueles e aquelas que com discurso “preocupado” escondem seus preconceitos? Quantos são os que, se um dia puderem, lhe tirarão o direito de estar na escola e em sociedade? Temo pelo futuro, cheio de passado, de ódio e intolerância que se vislumbra.

Porém, em meio a esse contexto, olho para você, para nós, e vejo que somos muitos e estamos crescendo. E cresce em mim a esperança e a fé em um futuro construído no dia a dia, dos pequenos e grandes atos, através da afirmação e respeito aos saberes.

Estamos tecendo um futuro mais justo, com equidade e respeito, apesar de tudo, meu querido Vitor².

Com carinho,

Professora Elisângela de Farias

2 Nome fictício que representa meus e minhas educandos/as.



**CARTAS
PARA AS
PROFESSORAS
E PROFESSORES**



Quem segura o dia de amanhã na mão?

*Não há quem possa acrescentar um
milímetro a cada estação*

Então, será tudo em vão? Banal? Sem razão?

Seria, sim, seria se não fosse o amor

O amor cuida com carinho, respira o outro, cria o elo

(Principia, Emicida)

Carta de Maria

Para as professoras que
têm a ousadia de sonhar.

Endereço: Rua da Utopia, nº 10.

Escrevo aqui uma carta para todas as colegas que ousam buscar a mudança de cenários em meio às dificuldades e desafios de ensinar, me dirijo a quem assim como Eduardo Galeano acredita na utopia como incentivo para seguir e continuar a caminhar, para aquelas que como Freire compreendem a escrita como um ato político de coragem, que representa o ensinar e aprender.

Escrever é um desafio, é para mim uma forma de desobedecer às regras nas quais acreditam que eu deveria me encaixar, e hoje endereço essa escrita como um convite à desobediência, para que todas aquelas que assim desejarem o façam, pois está no poder das palavras endereçadas a algo ou alguém a mudança.

Trago aqui importantes marcadores de quem sou: mulher, negra, professora, estudante filha e irmã... E apresento essas características para demonstrar um dos grandes aprendizados que as Tessituras construídas em vários sábados pelas manhãs e tardes me convocaram a pensar. Pensar na diversidade e o que ela representa, acolher as experiências e diferentes saberes, reconhecer sua importância e a luta pelos direitos coletivos, porque falar em educação especial e inclusiva é valorizar a pluralidade, afirmar as diferenças e compreender que somente igualdade não nos basta, devemos lutar pela equidade de direitos para sermos acolhidos em nossas particularidades.

Por isso, minha carta serve de incentivo para você que, assim como eu, ousa desacomodar, reaprender, reorganizar e compreender a potência das diferenças e a riqueza que vive nela.

O que escrevo aqui também serve para diminuir os anseios com a escrita, na intenção de reconhecer o seu valor, então professoras escrevam, registrem, critiquem, questionem e publiquem seus saberes, relatos, experiências e vivências, pois são deles que surgem as trocas e aprendizados que nos convocam a seguir em busca da Educação de qualidade, do acesso a todos os espaços e das possibilidades de crescimento.

A desobediência me trouxe até aqui, me possibilitou dirigir a vocês a minha escrita que está constituída de todos aqueles que por mim já passaram, que vem com assinatura de um espaço acadêmico de reconhecimento, como é a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e que para mim foi e segue sendo um espaço de conquista e de convite ao olhar crítico, questionador e desafiador.

Então professoras, façam das palavras aqui escritas um convite à entrega, um incentivo à teimosia e uma convocação à escrita daquilo que tanto realizamos diariamente, e que muitos caminhos, crenças, certezas, incertezas e práticas sejam compartilhadas.

Encerro essa escrita registrando a alegria da conquista de poder, com essas palavras, estar junto a tantos colegas de profissão que acreditam em uma educação plural e afirmativa, e nas inúmeras possibilidades de mudanças que enriqueceram a Faculdade de Educação através de seus relatos e experiências.

Que essa seja uma, das muitas oportunidades que ainda podem surgir da troca de conhecimentos. Vamos juntas esperar novos tempos e publicar a potência que somos e que seremos se assim ousarmos sonhar!

Porto Alegre, 03 de dezembro de 2022.

Professora Maria Borges Antunes

Carta de Maura

**Para as professoras
Liliane e Luciane.**

Endereço: Curso de Extensão Têxtil
do Fazer Pedagógico (UFRGS/POA/RS).

Sou mulher, mãe de dois filhos maravilhosos, um deles atípico (Síndrome de Down) e apaixonada, encantada pela área da Educação Inclusiva. Quando meu filho mais velho Leonardo nasceu, em 1998, ele trouxe consigo o mundo da inclusão para que eu e meu esposo, e todas as pessoas que convivem conosco, conhecessem essa nova realidade. Para nós, inicialmente, foi muito diferente e assustadora, mas que aprendemos a conhecer e amar.

Após os 10 anos de vida do meu filho eu criei coragem e fui fazer magistério, (eu, com 42 anos de idade) e daí em diante não parei mais de estudar. Com a nota da redação do Enem eu consegui 50% de bolsa, e cursei pedagogia (concluí em 2014/1) quem diria, me tornei Pedagoga!

Após a conclusão da minha graduação, iniciei uma pós-graduação (Neuroeducação e educação inclusiva) e concluindo essa fiz outra pós em AEE. Nesse ínterim comecei a fazer concurso público e fui aprovada nos quatro municípios em que fiz as provas.

Iniciei efetivamente a trabalhar na área da Educação em 2016, e já passei por três municípios, agora feliz trabalhando no município onde moro.

Já venci o estágio probatório (3 anos). Uma colega do primeiro município onde trabalhei, me enviou pelo *WhatsApp* o link para inscrição desse curso de extensão na UFRGS, e na mesma hora, sem pensar, fiz a minha inscrição. Fiquei triste quando recebi, por e-mail, a notícia de que eu havia ficado na lista de suplentes. Nada na minha vida veio fácil, que bom! Pois valorizei muito mais minhas pequenas conquistas.

Então eu escrevi alguns e-mails dizendo o quanto desejava participar desse curso, resumindo, consegui a vaga!

Vim para a primeira aula com muita esperança que o curso trouxesse algo novo, diferente do que eu já havia vivenciado até então... Eis que, desde a primeira aula, eu saio sempre surpresa e muito feliz por ter passado meu sagrado sábado aqui nessa faculdade, pois nem percebemos as horas passarem.

A primeira aula já me emocionou e encantou com aquelas pessoas simpáticas da banda Maluco Beleza. A forma como todos os professores abordaram seus temas e assuntos previstos no cronograma foi sensacional!

Diferente de tudo que eu já vivi e vi até hoje! Linguagem simples e objetivas, narrações de experiências e trocas maravilhosas!

Concluindo, só posso agradecer a vocês e a todas e todos que empenharam tanto para que pessoas como eu, uma simples mulher, mãe e professora pudesse vivenciar tudo isso!

O curso está acabando, ficamos com o gostinho de quero mais.

Não deixem esse curso acabar, vocês estão ajudando muitas colegas de profissão como eu, e muitas famílias que tanto necessitam desse olhar, carinho e práticas acolhedoras e eficazes.

Sou realmente uma pessoa muito privilegiada por ter participado desse Curso.

Gratidão!

Porto Alegre, 3 de dezembro de 2022.

Maura Reis dos Santos

Carta de Elvia

Para todos os professores.

Endereço: Escolas em geral.

Sábado de sol e faz muito calor lá fora, mas na sala 102, da Faculdade de Educação (FACED/UFRGS), este calor não é percebido (ou sentido). São tantas as aprendizagens vivenciadas nos encontros do *Curso de Educação Inclusiva: Tessituras do Fazer Pedagógico*, que as preocupações cotidianas ficam em segundo plano.

Aqui aprendemos, compartilhamos os mesmos sentimentos, as mesmas angústias, e as incertezas que fazem parte do trabalho docente em Educação Especial. Nossos sábados foram de muito aprendizado. Eu gostaria que todos os professores pudessem vivenciar algo assim, pois sabemos as dificuldades enfrentadas todos os dias. E hoje, posso ter a certeza que o mais importante de tudo é acolher, escutar, e entender que para ensinar é preciso abrir-se para o mundo e tudo que nele existe.

Entendi também o verdadeiro papel da educação e que os verbos desafiar, olhar, investigar, sensibilizar, e amar, deveriam estar presentes no fazer pedagógico. Não apenas para constar no planejamento, mas como prática diária, pensando em quem aprende e como aprende.

Alunos com deficiência não podem estar na sala de aula por estar, ou porque a lei ampara. Eles precisam aprender e vivenciar as mesmas experiências que os demais alunos ditos “normais”, mas para isso, o nosso olhar de professor é que precisa ser diferente, e planejado levando em conta as dificuldades que cada um apresenta para realizar as tarefas escolares. Acima de tudo, precisamos entender que no processo de aprendizagem na educação especial, o resultado não é o mais importante e sim a experiência que foi vivenciada e construída.

Principalmente, é preciso que todos os professores se sintam pontes, para que as aprendizagens ultrapassem as barreiras do preconceito e da discriminação.

Porto Alegre, 13 de dezembro de 2022.

Elvia Regina Wiceskoski

Carta de Pâmela

Para os que não acreditam.

Endereço: Morada da Desilusão/Brasil.

Com desejo de encontrá-los bem, gostaria de dizer que são tempos difíceis para as pessoas que não acreditam, pois a cada novo sábado de formação deste curso, cada nova vivência e partilha, percebo as pessoas mais unidas e interessadas na busca de uma educação pública e de qualidade, na garantia dos direitos das pessoas com deficiência e pautada na perspectiva da educação inclusiva de verdade.

Por isso, convido você a abrir o seu coração para acreditar. É possível mudar a realidade. Fazer o melhor que pudermos, com as condições que tivermos, enquanto não pudermos fazer ainda melhor. Mas é preciso o primeiro e mais difícil passo: olhar para dentro de si. Se encontrar em meio as nossas inquietações, se entender e perdoar, não tentando uma reparação a tudo que foi feito até aqui, mas vestir-se de coragem e acreditar na possibilidade real e significativa da mudança.

Fechando meus olhos lembro-me de palavras, frases que me chacoalharam da cadeira no auditório dessa Universidade, durante as aulas necessárias neste curso:

1. Muito se fala do aluno de inclusão, mas somos nós, professores inclusivos?
2. Nossa formação é para trabalhar com pessoas, sujeitos, todos eles;
3. Cada um tem uma forma de ser e estar no mundo;
4. Não podemos julgar a família, nós não sabemos a realidade de cada um. Nosso papel é acolher.

Estar neste lugar, com estes professores e com estes colegas mudou a minha vida. Fiz meu barco navegar em alto mar quebrando as ondas agitadas que apareciam enquanto escolhia acreditar, pois manter-se firme pode ser mais difícil do que parece. Não faltarão tentativas de persuasão com discurso infundado, pronto e sem coesão, mesmo assim eu escolho não desistir da mudança, escolho lutar pelas coisas que eu acredito. Escolho acreditar.

Quando disseram “é tudo muito lindo no papel” apareciam práticas e experiências reais que davam certo.

Quando disseram “eu não acredito” mostraram vídeos do cotidiano que foi se transformando em um ambiente inclusivo potente.

Quando disseram “que não se tinha recurso”, indicaram cursos gratuitos, materiais e materialidades recicláveis disponíveis a todos.

Quando disseram “os colegas não têm formação”, disponibilizaram uma infinidade de textos e repositórios gratuitos com acesso vitalício.

Ainda assim, algumas pessoas seguem sem acreditar.

Então, você. Eu espero que você transcenda este sentimento, nunca é tarde para acreditar.

Podemos nos fortalecer, nos renovar, e trilhar um caminho de superação, esperança e empatia.

Contem comigo para esse processo, pois é sempre mais fácil junto!

Porto Alegre, 13 de dezembro de 2022.

Um abraço fraterno,

Pâmela Silva Zarzana.

Carta de Rosângela

Para os professores.

Endereço: Rua da Alegria.

Hoje, no dia 3 de dezembro do ano de 2022, escrevo especialmente para você da Faculdade de Educação da UFRGS, numa tarde de sábado às 15h 10min.

Venho por meio desta carta lhe informar que talvez você receba em sua sala de aula alguém muito “especial” no próximo ano. A minha convivência com essa pessoa foi repleta de sentimentos, entre eles: dúvidas, receios, medos por desconhecer o novo sobre suas particularidades, e de como eu ali, tão insegura poderia progredir junto com ela.

A cada dia, uma nova descoberta que iria além de laudos e rótulos, uma nova expectativa, aprendendo com suas possibilidades. Me perguntava quem ela era, de onde vinha, do que gostava ou não gostava, quais as suas particularidades, as suas barreiras, seu humor, a sua personalidade. Tantos anseios na minha alma, tantas perguntas em minha mente, tanta certeza de que eu poderia dar o melhor de mim

com ela, se eu acreditasse no seu potencial, pois todos temos. Muitas pesquisas eu fiz, muitas leituras, muitas perguntas, muito estudo, muitas estratégias.

Nem sempre acertei, mas com muito amor e determinação em fazer o meu melhor para garantir que esse aluno muito “especial” tivesse seus direitos da educação e socialização respeitados, me impulsionou em transformar todas as dificuldades encontradas em motivação para que juntos nos conhecêssemos e nos permitíssemos uma grande busca de conhecimento. Criando assim, ao longo do ano, uma linda história. Hoje, quase no final do ano, posso perceber que já não somos mais os mesmos, pois cada um de nós cresceu muito, rimos, questionamos, nos transformamos em seres melhores e completos, e eu com a certeza do dever cumprido.

Nesse sentido, querido professor, lhe escrevo para que caso você receba no próximo ano, esse aluno tão “especial”, fique tranquilo, reflita, observe, se desarme das suas preocupações, pois aqui neste curso que foi minha referência, aprendi que quando enfrentamos desafios com amor e responsabilidade tudo é possível e tudo vencemos, e ainda temos a oportunidade de fazer diferença na vida de alguém e mudar sua história. Esse aluno “especial” mudou a minha.

Hoje sou mais feliz, mais competente e mais grata pela oportunidade de conhecer o diferente, me sentir diferente e fazer a diferença na minha escola. Que este aluno seja um presente na sua vida.

Com carinho,

Professora Rosângela Thomaz Dias

P.S.: Como experiência deixo uma dica valiosa a você professor. Quando tiver dúvidas do que fazer, busque ajuda, converse sobre seus anseios, procure os colegas, compartilhe suas informações, faça essa troca de saberes. Muitas vezes não nos damos conta do quanto é significativo o que fazemos nas pequenas intervenções que planejamos na rotina escolar desses alunos.

Carta de Cláudia

Para um colega docente.

Endereço: Rua das possibilidades, s/n.

Caso ainda não saiba, você, em algum momento, receberá em sua sala alguém com deficiência e essa pessoa será sempre muito especial.

Quando eu recebi, fui tomada por uma avalanche de sentimentos e uma imensidão de pensamentos, dúvidas, receios, medos – confesso.

Foi a partir disso que fiz minha inscrição no Curso de Extensão em Educação Inclusiva, atitude que foi um divisor de águas para mim, pois a cada encontro eu me fortalecia e adquiria as ferramentas efetivas para minha prática docente. O curso que eu escolhi foi o *Tessituras do Fazer Pedagógico na Educação Inclusiva*.

Ao longo do curso, a troca com os professores e colegas fez com que eu entendesse que nosso papel enquanto pedagogos e educadores no processo inclusivo é o de mediador, ofertando condições concretas para que

os alunos com deficiências tenham as suas aprendizagens significadas, onde a criança possa construir sua identidade e estruturas psicológicas de forma a sentir-se valorizada nos processos de ação e interação com os demais.

Desde então, aprendi a olhar para a inclusão sem rótulos ou expectativas, simplesmente considerando quem a criança é, suas habilidades, barreiras, personalidade e aonde poderá chegar, sempre disposta a dar o melhor de mim, realmente acreditando nela.

Durante o curso, lemos, relemos, pesquisamos, nos aconselhamos, estudei muito, e juntos aprendemos as ferramentas para desenvolver estratégias para que essa criança tenha seu direito à educação e à socialização respeitados, transformando as dificuldades em motivação para que ela suba degraus, sempre baseada no amor e na vontade de garantir seus direitos.

No final desse mês que se encerra, não sou mais a mesma de quando iniciei esse processo de aquisição de conhecimento, na área da educação inclusiva. Aprendi muito, e chorei durante todo esse processo, mas com a certeza de missão cumprida e das transformações alcançadas, que acalentam o meu coração, apesar da incerteza do que virá pela frente.

Sendo assim, caso você receba uma criança com deficiência na sua sala de aula, não se assuste. Respire, aguçe o seu olhar, e saiba que, quando nos entregamos e damos o melhor de nós, o retorno positivo sempre vem.

Você terá aí uma linda oportunidade de ser ainda mais importante na história de alguém e, além de se surpreender, construir um sincero e recíproco amor.

Porto Alegre, 13 de dezembro de 2022.

Com carinho e os melhores votos de sucesso,

Professora Cláudia Vieira de Souza

P.S.: Querido colega, quando comecei a escrita dessa carta, confesso que a ansiedade tomou conta de mim. Em um primeiro momento, pensei em escrever somente um parágrafo, mas no momento da escrita toda a minha caminhada até aqui me veio à mente e consegui, então, escrever tudo que senti durante esses 14 encontros, que me fizeram ser uma nova professora.



Carta de **Cíntia e Andréa**

**Para professoras e
professores das infâncias.**

Queridas professoras, queridos professores que trabalham com as infâncias... que fizeram ou não o curso Tessituras, mas que se sentem desafiados pelas crianças a cada vez que teu olhar cruza com uma mirada inquieta e vibrante, cheia de promessas...

Há muitos anos, quando nos formamos no curso de pedagogia, jamais imaginávamos as professoras nas quais nos constituiríamos... antes disso, passamos por experiências tão ricas quanto toda a nossa trajetória profissional, assim como cada uma de vocês, certamente... Do curso de magistério aos inúmeros e necessários estágios... dos alunos e alunas que fomos conhecendo e que foram fazendo parte de nós... das monitorias e voluntariados nas regiões mais impensadas... sempre há conosco

a inquietude, assim como a alegria a cada encontro, com os pequenos, suas famílias e com vocês queridas colegas, pois, da forma como ao longo do curso tanto evocamos Paulo Freire:

[...] a atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza. É falso também tomar como inconciliáveis, seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigorosidade. Pelo contrário, quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também. A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria³.

Cartas são histórias, histórias que constituem nossa vida.

No curso *Tessituras do Fazer Pedagógico*, segunda edição do curso de aperfeiçoamento em educação inclusiva, entramos em contato com muitas histórias de vida dos cursistas. Ao longo de muitos sábados, um pedacinho de cada um de nós foi se tramando, se unindo em uma enorme teia, em um emaranhado de ideias e de desejos de fazer diferente, de ser diferente. A cada história que conosco compartilhavam, nos traziam, também, o universo de muitas colegas e escolas. Assim, nos permitimos e nos atrevemos a dirigirmo-nos a vocês que compartilham sonhos e as quais estiveram ou não de forma presencial conosco, mas que conosco estão, certamente.

Decidimos, então, contar um pouco sobre um trabalho com as infâncias e que também surge por meio de cartas de intenções, nossas e das famílias. Famílias, muitas vezes, destruídas, sem o esperar de dias melhores e com sujeitos pequenos, com poucos capítulos escritos da sua história, mas capítulos já cheios de emoções, vivências, frustrações, alegrias. A nossa carta de intenções, de Cíntia e Andréa, vem carregada de entusiasmo e desejo de acolhimento às diferentes histórias, assim como as nossas. Pensamos: O que queremos dizer para nossas parceiras de sonhos? O que pode ajuda-las no seu fazer? O que gostaríamos de ouvir algumas vezes ainda hoje, ou, lá atrás, quando iniciamos o trabalho com crianças pequenas e com o desafio e compromisso com as crianças com maiores fragilidades, ou seja, aquelas em que "algo não vai bem" no seu desenvolvimento?

O que queremos dizer com esse “algo não vai bem”? Crianças estão no auge do desenvolvimento humano, estruturas físicas, biológicas, cognitivas, emocionais estão se formando, se organizando. No trabalho com bebês e pequenas crianças, por mais que a busca por entender o que se passa quando uma dificuldade é observada seja importante e que, cada vez mais, essa criança precise ser estimulada, não esqueça nunca professora, mas nunca mesmo, de olhar no olho de tua criança, direcionar tua atenção e energia a ela, não às linhas escritas em um papel timbrado com número de CID. Por isso usamos a expressão já citada, não desconsideramos possíveis deficiências, transtornos, dificuldades... mas olhando para cada um, pensar e indagar sobre o que pode não estar indo bem, nos abre uma perspectiva maior para entendermos e atuarmos... nos coloca no nosso lugar, enquanto educadoras e educadores, preocupadas com as aprendizagens das crianças, e sobre isso podemos falar, pensar, intervir... buscar a forma como cada um pode aprender, o que pode aprender, como pode aprender, é nossa tarefa, com as peculiaridades que esse processo vai exigir para cada indivíduo.

Colegas, é importante ficarmos atentas aos processos nos quais um diagnóstico pode nos levar, de uma inércia pedagógica, ou a busca e cobrança por atendimentos terapêuticos e medicações que poderiam supostamente resolver todos os nossos problemas na escola (de forma nenhuma negamos qualquer forma de tratamento, mas lembramos e reafirmamos nosso papel enquanto escola, tá?) é, de certa forma, semelhante ao que as famílias passam. De uma hora para outra seus filhos e filhas deixam de ser “seus”. São agora dos médicos, dos terapeutas, afinal, daquele “transtorno”, deficiência é a equipe médica quem pode responder... Então, esse é um recado importante que queremos te deixar: não desistas do teu aluno, da tua aluna. Eles precisam do médico, dos terapeutas, tanto quanto dos pais, tanto quanto de ti... não terceirizes um papel que é teu, nunca digas “não tenho formação, o especialista do AEE é que sabe dessa criança”, ou “ele precisa de alguém exclusivo para cuidar dele”. Te ocupes da aprendizagem daquele que mais precisa, tanto quanto de todos os outros...

E, voltando à questão das famílias, reflitas conosco agora... o quanto uma criança pode ser retirada de sua teia familiar, o quanto pode ter sua infância roubada na busca de uma cura, de um conserto, de uma “reabilitação”... Assim colega, queremos que possas em tua prática olhar para as famílias de teus pequenos com essa compreensão... acolhimento, escuta, cobranças

adequadas em nome do melhor para os pequenos, mas acima de tudo, ajudando a formar uma teia que possa os embalar... Que possas levar a essas famílias teu conhecimento técnico sobre infâncias, que possas ajuda-las a perceber que todas as crianças podem aprender, que seus filhos têm o dever e o direito de estarem na escola e que esta os abraçará, que eles poderão desfrutar desse ambiente como for adequado a eles...

Redigir essa carta, para nós, também é uma forma de citarmos o trabalho que realizamos no atendimento de Educação Precoce (EP) e Psicopedagogia Inicial (PI), no município de Porto Alegre. Também é uma forma de partilharmos contigo um pouco do que trabalhamos em assessoria com as escolas infantis da rede própria e parceiras com a prefeitura de POA, no tocante às crianças chamadas “público da educação especial”.

Ficamos nós duas aqui pensando, se estas palavras fazem sentido a ti... lembramos de nosso encontro naquele sábado friozinho, de nosso café com pão de queijo, de tuas falas do quanto muitas vezes é difícil estar na escola, do quanto falta compreensão das colegas, do quanto frustra não ter apoio da saúde e/ou assistência social, do quanto algumas famílias parecem não estar nem aí... e pensamos se nossas palavras podem soar para ti como utopias... e se para ti, que não nos conheces pessoalmente, esta leitura faz algum sentido. Mas aí te perguntamos: trabalhar educação, não é utopia? Trabalhar com infâncias não é a boniteza justamente de uma aposta e de um desejo desse vir a ser? Não é a alegria das sementes espalhadas?

Assim, partilhamos contigo nossas reflexões e reafirmamos, estamos juntos! Buscas também construir tua rede com tramas mais miudinhas, com pontinhos mais próximos: tuas colegas de equipe, tuas amigas na escola, tuas colegas professoras de outras escolas com quem podes contar. A teia da inclusão é tecida a muitas mãos, como já dissemos, é muito importante a equipe multidisciplinar, quanto maior a rede para nossas crianças melhor, mas não ignores, não desprezes os enlaces feitos no cotidiano da escola... um tecido é composto de fios mais próximos até compor uma grande manta, por exemplo... também não ignores ou te revoltes com os nós, pois fazem parte dessa construção.

Por fim queridas, nunca se esqueçam de acolher, escutar e mimar, sim, mimar a quem muitas vezes precisa ser embalada... **Tu.** Te acolhas, te cuides, te entendas, te perdoes... faz teu melhor, estuda, busca excelência no teu fazer

para que possas ser feliz com tuas escolhas e também te aceitar nas falhas e limitações... **Te embales.** Seja força e ternura à tuas crianças, mas também força e aconchego à **tua criança** e a **teu adulto.**

Felicidades... seguimos...

Profas Andréa Matos Zenari e Cíntia Leão

Carta de **Ana Paula S.**

Para colegas, professoras/es e eu mesma.

Que bom falar com vocês por meio dessa escrita. Foram meses tão intensos de aprendizagem, amizade e colaboração. Parece que recém acabaram os nossos encontros de sábado, mas já virou o ano, inclusive.

É bom conversar por escrito, digitar as palavras para que elas permaneçam mais concretamente na nossa história, especialmente quando o assunto é a nossa formação docente.

Me lembro de quando as aulas iniciaram e a temática da inclusão era um caminho novo para mim. Muito influenciada pela minha amiga Francine, que estava se formando e pós-graduando em Educação Especial, me inscrevi para o Têxtil. Entre os diversos assuntos de que tratamos no decorrer dos encontros, um que acabou se tornando relevante no meu cotidiano pessoal e profissional foi a inclusão de alunos com deficiência visual.

Tivemos nossa aula sobre cegueira e baixa visão, acho que foi em setembro. Vivemos experiências incríveis com as professoras e com as/os colegas, lembram? Aprendemos sobre as diferenças vividas pelas pessoas com esse tipo de deficiência, utilizamos um pouco da leitura e da escrita em Braille, andamos com a bengala, conhecemos o Reglete e conhecemos a cão-guia mais fofa desse mundo. Inclusive, talvez metade da minha atenção na aula tenha sido voltada para ela.

Nesse período, comecei a me relacionar no meio acadêmico e profissional com pessoas com deficiência visual, o que me fez refletir bastante sobre a situação das pessoas com cegueira e baixa visão, sobre a falta de acessibilidade onde vivemos e também me fez utilizar o conhecimento construído durante as nossas aulas.

No relato que segue vou mudar o nome das pessoas, pois não sei se elas gostariam de ser identificadas.

Começo mencionando a Tatiana. Nós nos conhecemos no Programa de Pós-Graduação em Letras. Uma mulher muito legal, divertida e inteligente. Nos demos bem de cara. Fui, pelo que recordo, a primeira a conversar com ela na aula, pois ela havia ingressado na disciplina depois da primeira aula. Era comum que, no intervalo da aula, a turma saísse para tomar um café pelo *Campus* do Vale. Tatiana e eu saímos juntas pelo campus e tentei colocar em prática as dicas aprendidas no curso para guiar outras pessoas, bem como buscar formas de incluir essa nova colega nas interações existentes em aula (descrever situações, por exemplo). Nós ainda estamos construindo nossa amizade e, conseqüentemente, vou aprendendo a conviver de uma maneira mais inclusiva.

Em setembro de 2022 eu fui nomeada para um novo cargo público. Até então, eu era professora na rede municipal de Porto Alegre e tomei posse como professora em um Instituto Federal. Nesse meu novo ambiente escolar, conheci o aluno Martim. Ele tem em torno de 16 anos e tem deficiência visual. Já está bem acostumado com a escola, enquanto eu ainda estou me habituando. Por ser professora de línguas, lido em minhas aulas com muito texto escrito. Fiquei apreensiva de como seria o andamento das aulas de modo que incluísse todos os alunos, em especial Martim, pois eu nunca havia trabalhado com um aluno com cegueira. Como todo mundo diz, conversar é tudo. Então, falando com Martim, estou aprendendo a incluí-lo da melhor maneira possível nas práticas de sala

de aula. Nas aulas antes do recesso de Natal, por exemplo, estive aprendendo a adaptar atividades de leitura em atividades orais. Graças ao Martin, estou me tornando uma professora mais inclusiva.

Colegas, professoras/es e eu mesma, espero que sigamos mantendo contato para continuar refletindo juntos/as sobre nossas práticas. Precisamos ler e conhecer outras formas de ensinar e de promover a aprendizagem. Além disso, quanto mais conhecemos as pessoas, com deficiência ou não, talvez consigamos cada vez mais compartilhar conhecimentos significativos para todos os envolvidos. Esta coletânea de cartas certamente nos fará refazer algumas trilhas percorridas por nós ao longo da segunda edição do Tessituras.

Rio Grande do Sul, janeiro de 2023.

Um forte abraço, com muito carinho, da colega

Ana Paula Seixas Vial

Carta de Lissandra

Para os mestres do Tessituras do Fazer Pedagógico.

Endereço: Rua da Empatia e do Saber.

Caros professores, é com grande satisfação que escrevo esta carta, para agradecer a mediação do *Curso de Extensão em Educação Inclusiva Tessituras do Fazer Pedagógico*, ofertado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/FACED).

Este, que muito contribuiu para que eu, professora da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul, tomasse conhecimento das políticas públicas e dos direitos e deveres da escola, rede de ensino, professores, famílias, e principalmente do poder público. As políticas de educação e o movimento de inclusão são direitos dos indivíduos, oferecendo possibilidades democráticas para uma sociedade

justa e humana. Muito falou-se sobre a preocupação do incluir, da empatia, dos cuidados com a inclusão por algo justo e igualitário.

Mas ao longo deste curso foram acontecendo palestras com conteúdo diversificado e a cada sábado percebeu-se que a luta é constante. Me questionei a cada aula:

Por que estes mesmos mestres não estão palestrando para grupos de escolas e suas CRES no Estado? Nem todos os professores tiveram essa mesma oportunidade que tivemos aqui de saber conduzir essas políticas de lidar com o diferente do que estamos acostumados no dia a dia.

Sabemos do nosso potencial enquanto professoras e mediadoras da inclusão. Não sou a mesma pessoa que era quando iniciei o curso. Mudei meu pensamento, mudei meu olhar para o próximo; talvez tenha sido transformada ao adquirir maior conhecimento do que eu achava desconhecido. No decorrer de muitas conversas percebi também a fragilidade da falta de conhecimento da maioria dos colegas que resistem ao novo.

Saio ainda incomodada com o poder público, que sabe sobre as leis, mas não as cumpre. Ainda ficam indagações no meu pensamento:

1. Que políticas são essas?
2. Que inclusão é essa que só exclui?
3. Por que só o município cumpre as leis da inclusão?
4. Por que mestres com grande sabedoria no assunto estão somente palestrando para poucas professoras?

A indagação ainda ressoa no meu pensamento, um curso como esse jamais pode passar como desapercibido no meio acadêmico. Cheguei aqui como uma lagarta no ambiente totalmente desafiador, hoje vou embora como uma *butterfly*, procurando encontrar voos onde possa mediar o que aprendi.

Émile Durkheim já dizia: "A sociedade e cada meio social particular determina o ideal que a educação realiza"⁴. Será que realizaremos um dia uma

4 DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. Tradução de Margarida Garrido Esteves. In: DURKHEIM, Émile. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 73.

educação inclusiva de qualidade e igualitária? Me questiono e deixo as respostas para vocês mestres desafiando-os para próximos capítulos de novos cursos.

Termino essa carta com uma frase do grande pensador Paulo Freire: "Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas, perceberem as injustiças sociais de maneira crítica"⁵.

Porto Alegre, 3 de dezembro de 2022.

Beijos, muito AXÉ.

Ótimo ano de 2023, até breve!

Lissandra Cardoso dos Santos

Carta de Leana

Para os professores.

Endereço: Avenida dos Saberes Educacionais.

Vamos juntos analisar nossa prática pedagógica e observar a realidade dos nossos alunos, visando um olhar mais específico nesse contexto atual apresentado nas escolas. Neste sentido, fico surpresa com os relatos da falta dos profissionais do AEE, em saber que temos Salas de Recurso Multifuncionais (SRMs) fechadas ou utilizadas como espaço de reforço escolar.

O papel do professor do AEE é primordial e fundamental para o andamento da escola, assim como toda a equipe pedagógica, porém alguns impasses e descontentamentos me levaram a outros questionamentos, quanto à postura profissional atuante e suas práticas frente aos alunos e professores, principalmente, frente aos alunos público-alvo de inclusão. E, nesta perspectiva da realidade, me questiono e reflito, afinal que professores queremos ser? O que realmente buscamos atingir com o nosso trabalho em meio a tantos desafios vigentes no contexto escolar?

Novamente te convido a assumir uma postura reflexiva e realizar um diálogo junto à comunidade escolar, promovendo uma ação integradora entre a escola e seus membros, para a reconstrução do processo educativo como um todo. É talvez a mais importante das contribuições das atribuições do professor do AEE, junto aos demais professores. No dia a dia, percebo que não é nada fácil enfrentar esses desafios, pois a complexidade das práticas, os valores trabalhados, o desenvolvimento do currículo, a organização, enfim, tudo o que permeia as atividades escolares. Além do contato com as redes de apoio, onde os órgãos sociais e saúde estão presentes.

A complexidade da escola exige um trabalho conjunto por parte de todos da equipe escolar, onde precisamos discutir e refletir sobre todos os problemas atuais e reais, nos baseando na parceria, na coletividade e na solidariedade, com o objetivo maior de ajudar o aluno a tornar-se o sujeito protagonista, crítico e pensante, e isto, infelizmente constatamos que a escola precisa caminhar para tais mudanças.

Refletindo e acreditando que como professores, somos o elemento-chave no processo educacional, cabe a nós estarmos comprometidos com a formação do cidadão, abordando temas como motivação, coragem, conhecimento de mundo, entre outros. Baseando-nos nas discussões atuais, percebe-se que ainda existem professores que se sentem despreparados para os alunos público-alvo da inclusão. Professores que não compreendem o objetivo de propostas significativas, como a elaboração de um plano de desenvolvimento individual para os alunos.

Enquanto escrevo essa carta, reflito sobre a formação do sujeito e cada linha me desperta novas ideias e expectativas quanto ao tema educação inclusiva, mas confesso que ao vivenciar o universo escolar, onde a realidade cotidiana gira em torno das relações interpessoais envoltas de conflitos e de aprendizagens, faz-se necessária a reflexão sobre as abordagens pedagógicas utilizadas como suporte eficiente na construção do conhecimento dos alunos com necessidades educacionais.

Neste contexto, é fundamental que a escola como um todo esteja preparada, não apenas permitindo o acesso ao conhecimento, à participação, mas propiciando condições para que o indivíduo construa sua cidadania. É preciso saber um pouco da história de vida do aluno, para conhecer suas potencialidades

e dificuldades, perceber o sentido e o significado de suas ações. Por isso, acredito que todo o trabalho em conjunto com o Serviço de Orientação Educacional, AEE e professores se pautam mais na construção de um vínculo de caráter libertador, fundamentado na confiança e no respeito, do que em discussões formais sobre temas objetivos.

A escola e a família, muitas vezes, não têm conseguido responder aos anseios e necessidades dos educandos com necessidades educacionais, refletindo a falta de informação, orientação e preparo dos pais e profissionais. Com base nas discussões atuais, percebe-se que há certo despreparo dos professores em lidar com alunos de inclusão, indisciplinados e conseqüentemente desmotivados na escola, ocasionando assim maiores dificuldades na aprendizagem. Os discentes vêm enfrentando dificuldades no convívio social e nos trabalhos propostos pelos professores, devido às suas necessidades educacionais.

Nesse contexto, a sociedade espera da escola pública uma contribuição significativa para que os alunos tenham um futuro melhor. O desafio atual da Educação é encontrar uma maneira como a escola pode apoiar os alunos para que eles tornem o mundo um lugar melhor para se viver.

A mudança dessa realidade envolve esforços de várias ordens. Há um aspecto, contudo, que costuma ser esquecido nos debates sobre o tema: os alunos não podem ser considerados apenas como parte do problema, mas devem ser vistos também como parte principal da solução.

Surge a necessidade de situar e adensar as relações estabelecidas entre o aluno, a escola e o seu protagonismo. A nossa função como educadores, e também sujeitos sociais, é interrogá-los em suas dimensões educativas, em suas práticas comunitárias e formadoras, quais os componentes que nos trazem a uma teoria pedagógica. Sintonizar essa relação.

E você, que professor deseja ser?

Leana Garcia da Luz

Carta de **Lidiane**

Para a Secretaria Municipal de Educação.

Eu, Lidiane da Silva Machado escrevo esta carta após frequentar as aulas do Curso de Aperfeiçoamento em Educação Inclusiva, realizado na UFRGS. Um curso bem organizado e que abordou diversos aspectos da inclusão. Meu lugar de fala é de professora de Educação Infantil, atuando há 6 anos no município. E diante das aulas do curso, algumas inquietações me tomaram e me angustiam, por se tratarem de questões que estão fora de minha “alçada”, que não consigo resolver de dentro de minha sala de aula.

Acredito que seja do conhecimento de todos, o grande número de crianças de inclusão que estamos recebendo (com laudos ou não) nas escolas. O Sistema Único de Saúde (SUS) é demasiado lento em seus atendimentos, devido à grande demanda e a falta de recursos, em função disso, na Educação Infantil, realizamos encaminhamentos para os postos de saúde e permanecemos com a criança com “suspeita” de autismo, TDAH, atraso cognitivo, etc. E, por muitas vezes, uma criança que entra na escola, em uma

turma do Berçário, acaba frequentando toda a Educação Infantil sem ter um laudo ou diagnóstico. Enfim, com o andamento e processos do SUS não podemos interferir ou acelerar, vamos então, pensar nos processos inclusivos que podemos qualificar na rede municipal.

E é este ponto que me motiva a escrita desta carta, pois, atualmente, nosso sistema municipal prevê um estagiário de "apoio", um, para toda a escola. Quando a realidade vivida é de mais de uma criança por turma, que necessita de um apoio, um olhar, uma presença mais próximos de um educador, para além da professora referência da turma. Com isso, venho questionar o porquê não pode ser previsto no orçamento municipal destinado à educação, dois educadores por turno, em cada turma? Quando falamos de turmas de jardim A e B, estão previstos apenas uma professora, e uma monitora, para atender 22 crianças.

Ressalto que, nessas faixas etárias (assim como ocorre em turmas de berçário, maternais 1 e 2) também deveríamos organizar um quadro de pessoal (RH), com dois educadores juntos por turno. Independentemente da matrícula ou não de crianças de inclusão. Afirimo tal necessidade partindo de uma prática diária, ao longo de 6 anos, em que vivencio a falta deste trabalho em conjunto. O ideal seria, termos três educadores, sendo dois fixos e mais um de "apoio de inclusão".

Os estudos da área comprovam a importância dos estímulos nos primeiros anos de vida da criança. A legislação nacional atual orienta que o trabalho da educação infantil ocorra a partir das interações e brincadeiras. A qualificação do trabalho é feita a partir da busca pessoal de cada profissional, pois as formações ocorridas a nível da secretaria se mostram superficiais. Dentre todos estes aspectos, diariamente, percebemos que não é possível dar conta de tudo estando sozinha em sala. Percebemos o quanto poderíamos estar dando de estímulos a mais, se tivéssemos um trabalho em duplas, para poder instigar o potencial de cada criança individualmente, além do coletivo.

Desta forma, escrevo e solicito a reflexão sobre este tema, convidando a secretaria a pensar em uma prática de RH, diferente da atual, uma política que também organize duas educadoras nas turmas de jardins A e B. E que com isso, os processos inclusivos abrangeriam a todos, sendo possível atuar com um olhar, com uma atenção, com estímulos mais qualificados.

Encerro a presente carta, desejosa de que nós educadoras possamos trabalhar não sentindo falta, mas sim a potência de uma atuação compartilhada, que não tenhamos que lutar para exigir o mínimo e que possamos garantir o máximo de qualidade na educação de nossas crianças.

Afinal, se o futuro será feito pelas crianças de hoje, que marcas estamos deixando no agora?



Carta de
**Aline e
Renata**

Para professores(as)
que atuam frente a
Educação na Perspectiva
da Educação Inclusiva.

Quem nunca escreveu uma carta ou recebeu
uma carta, não sabe o que é amar.

As cartas são como um pedaço de carinho que
recebemos e guardamos.

São como memórias que podemos voltar.

Algumas são como enigmas, com letras troca-
das e meio juntas.

Outras parecem uma obra de arte que temos
medo de estragar.

Também tem aquelas que trazem além de belas
palavras o seu cheiro.

Como era bom as cartas.

*Márcio Campelo*⁶

Iniciamos nossa conversa parabenizando aos educadores que lutam diariamente para que se efetivem práticas inclusivas dentro das escolas, essa é uma luta diária e necessária para um fazer pedagógico com equidade.

Hoje falamos de amor. Uma carta como representação do amor, como nos traz Campelo. E falar sobre a educação inclusiva é carregado desse olhar amoroso e que observa cada estudante em suas potencialidades e dificuldades, é olhar para a diversidade no sentido de contemplá-la no fazer pedagógico das escolas.

Queremos te convidar a conhecer o nosso amor, a olhar com os olhos apaixonados pelo aprender e pelo criar.

O nosso amor é pela inclusão de crianças e jovens com Altas Habilidades/Superdotação. É um amor questionador, curioso e cheio de convicções! E não duvide da sua capacidade de dedicação no jogo da conquista, ele sempre encontra formas diferentes e originais para fazer você se apaixonar.

O nosso amor vai para além do que a escola preconiza e por ser exageradamente apaixonado pelo aprender e pela inventividade acaba se tornando invisível aos olhos dos professores. E é nossa função, enquanto mensageiras desse amor, lançar a flecha que muda as lentes e sensibiliza a todos quanto aos comportamentos apaixonados pelo aprender dos estudantes com altas habilidades\superdotação. Porém nem sempre suas paixões são os conteúdos e objetivos que a escola oportuniza. Por isso a necessidade dessa carta apaixonada, que diz sobre o amor invisível, sobre o amor que parece não precisar de afeto, que parece não precisar de atividades diferenciadas e que é visto, erroneamente, como autossuficiente, mas na verdade é tão carente quanto

6 CAMPELO, Márcio. **Quem nunca escreveu uma carta ou recebeu...** Site Pensador. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MjcxODAzMg/#:~:text=Quem%20nunca%20escreveu%20uma%20carta%20ou%20recebeu%20uma%20carta%2C%20n%C3%A3o,letras%20trocasdas%20e%20meio%20juntas>. Acesso em: 7 jan. 2023.

todos os outros amores da educação inclusiva necessitando de atenção de seus professores e familiares.

Não estamos sozinhas neste amor pelas altas habilidades, trazemos para a nossa escrita apaixonada autores como Costa (2018)⁷ que refere a importância de alternativas de atendimento e estratégias de apoio aos estudantes com altas habilidades/superdotação, de forma a atender suas demandas e necessidades. A partir dessas alternativas contribui-se tanto para a formação acadêmica e o desenvolvimento do seu potencial quanto o favorecimento de suas relações familiares e educacionais, vislumbrando a formação integral do indivíduo.

Quando o olhar é atento e afetuoso dentro da escola, entendendo as peculiaridades dessa criança ou adolescente haverá um desenvolvimento de forma harmônica, como refere Landau⁸:

Há crianças com superdotação que, se não forem estimuladas de forma adequada, desde cedo, se retraem e lutam contra seus próprios talentos. Talentos esses que poderiam conduzi-las às descobertas científicas, à criatividade artística, à liderança criativa ou simplesmente à realização de uma personalidade feliz (LANDAU, 2002, p. 27).

Silva e Luz (2021)⁹ reforçam ainda que a acolhida desses sujeitos é necessária, pois quando estes ficam na invisibilidade, não aceitando suas particularidades de aprendizagem ou de ser e estar no mundo, podem sofrer com dificuldades emocionais e de aprendizagem, nesse sentido reiteramos a urgência em acertar no alvo nossas flechas.

Flechas “mágicas” que buscam mudar as lentes dos professores frente aos estudantes com altas habilidades, vislumbrando possibilidades mesmo diante das dificuldades, pensando na integralidade do estudante enquanto ser humano.

7 COSTA, Leandra Costa da. Alternativas de atendimento e estratégias de apoio para os alunos com Altas habilidades/superdotação: relações entre o ensino comum e o Atendimento Educacional Especializado. In: PAVÃO, Ana Cláudia Oliveira; PAVÃO, Sílvia Maria de Oliveira; NEGRINI, Tatiane (org.). **Atendimento Educacional Especializado para as Altas habilidades/Superdotação**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2018. p. 125-156. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/18762>. Acesso em: 6 jan. 2023.

8 LANDAU, Erika. **A coragem de ser superdotado**. São Paulo: Arte e Ciência, 2002.

9 SILVA, Aline Russo da, LUZ, Renata Vanin da. Impactos da Pandemia na Educação Inclusiva: Relato de experiência da sala de inclusão e recursos das Altas Habilidades/Superdotação do Município de Porto Alegre. In: KRAEMER, Graciele Marjana, GIORDANI, Liliane Ferrari, , LOPES, Luciane Bresciani. (org.) **Educação inclusiva**: Tessituras do fazer pedagógico. Porto Alegre: CirKula, 2021.

Todo apaixonado quer oferecer o que tem de melhor ao seu amor, e não há relacionamento que se sustente sem uma boa receita para alimentar o corpo e a alma. Para isso deixamos nossa “receita” baseada na autora Eunice de Alencar¹⁰ que em seu texto *O aluno com altas habilidades na escola inclusiva*, nos provoca a ter uma postura instigadora e propositiva na busca por uma escola inclusiva. Essa receita não deve ser seguida à risca, é apenas uma forma criativa de trazer os itens que a autora acima citada nos traz.

Ingredientes:

- 2 pacotes de estudo sobre a temática das altas habilidades/superdotação;
- 3 colheres de sopa de criatividade, flexibilidade e empatia;
- 2 litros de valorização das aprendizagens e respeito aos alunos;
- 1 lata de condições favoráveis a pesquisa e desenvolvimento do potencial criativo dos alunos;
- 4 sachês de aprendizagem em profundidade nos assuntos de interesse dos alunos;

Modo de Preparo:

O preparo começa antes da aula, com um planejamento provocativo, que buscar fazer um levantamento inicial dos assuntos do interesse e possibilidades de criação. A partir desse planejamento é importante utilizar os ingredientes conforme os gostos dos apreciadores da receita, pois trabalhamos com diferentes paladares, por vezes precisaremos investir em algum ingrediente específico para que fique no ponto certo. Essa receita está aberta para quem quiser contribuir, caso você busque fazê-la, lhe convidamos a compartilhar conosco, pois quanto mais sabores, aromas e amores experimentarmos, melhor!

Nos despedimos dessa carta endereçada aos professores que atuam na perspectiva da educação inclusiva com a esperança de tê-los atingido. Nossa flecha amorosa busca conquistar mais professores e gestores educacionais que desejam realizar um trabalho de parceria e engajamento teórico-prático.

10

ALENCAR, Eunice Solando. O aluno com altas habilidades na escola inclusiva. In: MOREIRA, Laura Ceretta. e STOLTZ, Tania. (org.). *Altas Habilidades/Superdotação, Talento, Dotação e Educação*. Curitiba: Juruá, 2012.

Desejamos que, com seu olhar sensibilizado para o sujeito com altas habilidades, possamos juntos nos apaixonar por esse universo encantador das aprendizagens.

Porto Alegre, 07 de janeiro de 2023.

Com todo o nosso amor,

Aline Russo da Silva e Renata Vanin da Luz

Carta de Luciane

Para os professores que ensinam com afeto.

Decidi iniciar minha escrita pelas memórias da infância. O meu encantamento pelo magistério teve início no período de alfabetização. Fiquei deslumbrada com o imenso quadro verde, a escrita da professora tão desenhada e caprichada... A data era algo extremamente importante para iniciar a aula, a letra era grande e bem delineada. Aprendi a ler e escrever rodeada de afeto, unhas vermelhas e perfumes de flores, pois assim era minha professora: vaidosa e carinhosa. Eu queria ser ela... decidi ser professora aos sete anos de idade.

Ganhei um quadro do meu pai, um grande incentivador e com muito apreço pela educação. Aprendi com ele e com minha mãe que o estudo é libertador. Segui um sonho e hoje sou professora. Uma parte de mim ainda carrega as fantasias infantis do que era ser professora, na visão de uma criança de sete anos, o lado romântico ainda se faz presente: o professor tem o dom para solucionar tudo, ou, que tem superpoderes. Gosto de pensar assim, traz ânimo!

Ser professora é libertador, pois o conhecimento traz liberdade de escolha. Podemos contribuir com saberes, experiência, e, principalmente, com ações positivas.

Apesar de tudo isso, é necessário falar das experiências e vivências, dos desafios diários que os professores enfrentam.

Como dar conta de tantos olhos brilhantes, ávidos por saber... Olhos iluminados de esperança, pois para os alunos, o professor é o caminho para aprendizagem, o mediador para aquisição dos conhecimentos.

Procurei o curso para aprender, refletir e compartilhar ideias com meus colegas, pois atender a demanda de alunos de inclusão exige afeto, parceria e disponibilidade.

A partir do meu aprendizado e vivências com o curso, pretendo afirmar ou reafirmar se minhas ações pedagógicas, na escola, estão contemplando a todos. Para mim, a palavra inclusão trazia insegurança, pois eu imaginava não ter conhecimento suficiente para ajudar os alunos no processo de ensino-aprendizagem. Durante as aulas, os conceitos e a troca de experiências entre o grupo trouxeram conhecimentos reais, o verdadeiro chão da sala de aula. As aulas foram um espaço de diálogo e escuta, muitas vezes ouvi o relato de colegas em situações equivalentes àquelas vivenciadas na minha rotina escolar. E foi satisfatório ouvir como os colegas conduziram as situações, os aspectos positivos e negativos, pois trouxe confiança para futuras ações. Posso afirmar que o conhecimento, além de trazer liberdade, também traz segurança.

É importante ressaltar, durante o curso, o afeto e o cuidado que foram aplicados em cada planejamento de aula, muitas surpresas e emoções, tantas palavras ditas e escritas. Quantos saberes compartilhados nos sábados. Sou grata por tudo que aprendi, ouvi e vivenciei!

E o que eu posso dizer, ao final do Têxtil do Fazer Pedagógico é que somos professores. Isso basta! Estamos dentro de uma escola, lugar onde tudo acontece, cresce e floresce.

Nova Santa Rita, 13 de dezembro de 2022.

Luciane Nunes Lopa de Oliveira

Cartas de Cíntia

Para os meus queridos professores.

Endereço: Rua da Esperança, 2023.

Em um momento reflexivo entre colegas do *Curso Tessituras do Fazer Pedagógico na Educação Inclusiva*, registramos em meio aos estudos, práticas e observações cotidianas do nosso fazer pedagógico, nossos pensamentos e reflexões, assim surge essa escrita.

2022 foi um ano de mudanças em minha vida, onde um sonho, um pensamento, uma vontade, guardada durante muitos anos foi despertada, o que me fez ir em busca de aprimoramento, trocas e conhecimentos, aprimoramento da minha prática pedagógica e possibilitando a aproximação e a troca entre docentes e até mesmo com pessoas do meu convívio, com as quais, tenho certeza de que contribui positivamente. Este foi despertado, por uma conversa com uma pessoa especial que conheci no início do ano, suas palavras me fizeram refletir, sentindo e lembrando uma vontade, um sonho guardado durante muitos anos em

minha vida. Essa pessoa me disse que via em meus olhos, o quanto, a educação especial mexia comigo, era presente no brilho do meu olhar, em minha fala, e que eu deveria realizar uma especialização na área. Então, de forma quase que imediata sai em pesquisa, buscando o melhor curso, melhor universidade para cursar e, logo ingressei, seguindo com muito estudo e pesquisa. Serei muito grata a essa pessoa, que me fez ver o quanto amo a área da Educação Especial.

Nessa jornada, conheci muitas pessoas, reencontrei outras e me redescobri. Foi um ano incrível na minha vida, e poder repassar todo esse sentimento e conhecimento, propagando o aprendizado adquirido para meus queridos colegas me traz satisfação e alegria em poder auxiliar na mudança da nossa educação.

Atualmente vivo um momento em minha vida, onde a **educação de qualidade para todos** está presente integralmente da manhã à noite, como o ar que respiro, nas escolas, na família, e no convívio social, sempre buscando disseminar a inclusão para os que convivo, demonstrando que todos somos especiais, cada um com seu jeito, sua forma de fazer ou pensar, e que merecemos as mesmas oportunidades com equidade.

Hoje, trabalho em duas escolas, com realidades totalmente diferentes, municípios também diferentes, uma da rede privada e a outra da rede pública, ambas com os processos inclusivos em pleno desenvolvimento, buscando a melhoria da educação para todos, incluindo da melhor maneira possível os alunos em sua escola, com uma jornada ainda longa a traçar, mas no caminho certo.

É possível perceber o quanto ainda temos a crescer, o quanto ainda há dificuldades dos professores e/ou escolas em realizar as adaptações curriculares adequadas, adaptação de recursos e mobiliários, até mesmo em número de alunos por turma, assim como em suas práticas pedagógicas. Muitas vezes, nós professores e/ou escolas, encontramos diversas barreiras, dificuldades para realizar a inclusão de forma adequada, e em sua maioria estamos preocupados em vencer prazos e conteúdos programados, "dando conta" do que nos será cobrado ao final do ano letivo, currículo, notas, aprendizagem, o que acaba nos dificultando dedicar nosso tempo para aqueles que muitas vezes estão ali nos aguardando, nossos alunos com necessidades educacionais especiais, que na maioria das vezes são diferentes dos demais em nossa classe. Algumas vezes, por ter dificuldade em lidar, criar recursos ou elaborar planos adequados, outras em adaptar o currículo e em sua maioria, por não saber como fazer

e/ou não ter apoio de alguém especializado norteando esse trabalho, sentimos como se estivéssemos engessados, não conseguindo realizar a inclusão escolar da melhor forma.

Ao observar esses fazeres pedagógicos, ao longo deste estudo, percebo que em meio a uma vida corrida, todos nós, muitas vezes, acabamos por atropelar e nem perceber o outro, assim como suas necessidades como um todo. O processo inclusivo deve incluir os professores, que muitas vezes estão sofrendo com suas dificuldades, então é necessário que possamos nos ajudar, apoiar um ao outro, criando estratégias para a inclusão escolar, assim como as famílias destes alunos, e as demais, que certas vezes também estão resistentes ou com dificuldades de compreender e aceitar o processo inclusivo na escola, até passando para seus filhos certo preconceito, mostrando a inclusão como algo ruim, o que pelo contrário, aprendemos muito com as diversidades, interagindo e realizando trocas com o outro.

Neste período, de estudos e observações, conversei com muitos professores, observei seu trabalho e vi que alguns, realizam plenamente o trabalho inclusivo em sua sala de aula, dedicando tempo e buscando recursos e aplicando com seus alunos, uma verdadeira inspiração! Outros, com muita dificuldade, deixando de lado este aluno, ou aplicando recursos de forma infantilizada, com atividades retiradas da internet, cópias de livros, descontextualizadas com a realidade da turma e também fora do interesse do aluno com necessidade educacional especial (NEE). Em geral, ocorrendo por não conhecer o seu aluno com NEE, não criar o vínculo necessário e, outras vezes, por não receber o apoio adequado de profissionais especializados, o que faz o processo inclusivo funcionar.

Durante nossos estudos, conhecemos um pouco de cada deficiência, suas peculiaridades, e variedades. Percebemos que podemos avançar e muito na educação especial no Brasil, cada um fazendo sua parte e ampliando seus conhecimentos, buscando recursos e pesquisando, trocando com o outro, dividindo nossas angústias e dificuldades, partilhando cada conhecimento adquirido, com força, foco, garra, vontade e dedicação, podemos sim mudar a realidade e transformar a educação! Basta nos ajudarmos e seguirmos em busca desta.

Ao pensar em nossas dificuldades, senti a necessidade da aproximação, da busca de conhecimentos, não somente para mim, mas para partilhar com

meus pares, aqueles que se sentem da mesma forma que eu, os quais vão em busca de uma educação de qualidade, fazendo o seu melhor nas práticas pedagógicas da educação inclusiva.

Contudo, percebemos que as necessidades educacionais perpassam aos alunos, incluem também aos professores e demais profissionais da escola, os quais necessitam também de um olhar especial. Vemos a necessidade de todos aqueles que cercam esses alunos, os quais devem conhecê-los criando vínculos e assim acessar suas necessidades, desenvolvendo suas potencialidades, realizando um bom trabalho, com significado e objetivo, criando estratégias de aprendizagem onde haja possibilidade de cada um aprender e se desenvolver de forma adequada e integral na escolarização.

Percebe-se que o convívio, a troca entre os pares, são benéficos a todo ser humano, sendo assim, buscar proximidade, acolhendo nosso aluno, gerará bons frutos no futuro.

Tenho certeza de que encerro o meu ano de 2022, colhendo frutos de muito suor, esforço, estudo e dedicação ao meu trabalho, pois foi por ele que dediquei meus dias e as minhas noites de sono, foram momentos de estudo, de busca de conversa, de muito aprendizado.

Sei que é muito, que ainda há um longo e belo caminho a trilharmos, juntos, buscando a melhor forma, se não a ideal para a nossa educação inclusiva. Sigo essa incansável busca pelo conhecimento, estudando e pesquisando sobre a educação especial e seu fazer pedagógico, ampliando e compartilhando todo este conhecimento e recursos com meus queridos colegas e, aplicando em minha prática diária, também com algumas angústias e frustrações, e também com o sentimento de estar fazendo a coisa certa.

Porto Alegre, 13 de dezembro de 2022.

Cíntia Ariane da Silva Feijó



Carta de Mara

Para os meus professores
e colegas da Universidade
Federal do Rio Grande do
Sul, do *Curso Tessituras do
Fazer Pedagógico*.

Olá, meu nome é Mara Regina R. O. de Souza, escrever essas linhas torna meu dia ainda mais especial! Assim como foram todos os nossos encontros presenciais... tivemos trocas enriquecedoras unidas em prol de mais conhecimentos.

Estava à procura de um curso nessa área da educação inclusiva, quando fiquei sabendo fiz minha primeira carta de intenção, depois foi um momento de espera... Naquela expectativa... Não fui sorteada! Mas o universo conspirou a meu favor, fui contemplada como suplente! Fiquei muito feliz!

Acredito que estar na busca de novos conhecimentos é dar sentido aos processos dessas construções

de constantes aprendizagens voltadas para as possíveis transformações numa amplitude que contemple os nossos alunos com necessidades educacionais especiais (NEE), de forma acolhedora, eficiente e competente.

O aumento do número de alunos NEE dentro das nossas escolas, municipais, estaduais nas diversas cidades e região metropolitana de Porto Alegre, nos desafia a estar atentos fazendo valer os direitos das nossas crianças, otimizando um futuro promissor sendo, também, um comprometimento social para todos nós profissionais da educação.

Durante esse curso, as metodologias explanadas, a troca de saberes, os relatos, as leituras, os vídeos, as rodas de conversa, as dinâmicas, as reflexões vieram a contribuir de forma significativa e positiva na minha formação. Tessituras otimizou as minhas práticas pedagógicas, estar aqui aos sábados foi uma escolha acertada para potencializar minhas vivências no contexto educacional. Minha sincera gratidão por fazer parte da 2ª edição do Curso Tessituras/2022, já fico torcendo... que venha a pós.

No dia 05 de novembro de 2022 assisti apenas parte da aula com o professor Eduardo Cardozo, nesta data precisei trabalhar. Neste mesmo dia assistindo ao RBS Notícias fiquei encantada com o trabalho do Projeto Multi desenvolvido dentro da Faced-UFRGS, do qual o professor Eduardo Cardozo faz parte: "Literatura como forma de inclusão social", neste projeto são desenvolvidos também *audiobooks*, os personagens dos livros em formato de bonecos... Parablenizo todos os envolvidos, eu não tinha conhecimento desse trabalho tão grandioso... ofertando novas possibilidades. Compartilhei o *link* dessa reportagem com algumas colegas, entre elas algumas desse curso.

Refletindo sobre as minhas práticas... Lembro-me dessa questão:

Quem nunca se perguntou..., e agora o que eu
faço com o meu aluno com deficiência?

É normal termos anseios , medos, insegurança... mas é durante as trocas professor/aluno que se ganha a oportunidade de construir e reconstruir uma nova relação, acabar com os estigmas ainda que seja pedindo ajuda para os colegas, pesquisando, participando de cursos, formações de professores, essas inquietações nos evidenciam o quão é indispensável a nossa qualificação e não menos importante a empatia, o olhar acolhedor e atendo, por vezes

o laudo demora... a vida não para e faz-se necessário desenvolver atividades adequadas em toda vida escolar, para os nossos alunos com deficiência, e principalmente na primeira infância! É preciso ultrapassar os muros da escola, das desigualdades das políticas públicas, da falta de estruturas, somos mensageiros de um grande papel nos nossos trabalhos que repercutem nas famílias, na sociedade, sabemos que trabalhar com alunos com deficiência não é fácil, mas é também fascinante, na prática essa troca de saberes resulta em grandes aprendizagens. Por tudo que vivenciei com esse grupo de professores e colegas creio que vamos todos seguir buscando um atendimento de qualidade com muita ética no atendimento das nossas crianças, cientes dos nossos desafios, pois a vida não para!

Gratidão por fazerem parte da minha vida nessa caminhada!

Porto Alegre, 3 de dezembro de 2022.

Abraços,

Mara Regina Rosa Oliveira de Souza

Carta de Daiana

Para as professoras em dias difíceis.

Endereço: Rua do Encantamento s/n. Bairro: Seu Coração.

Professora! Não perca o encantamento em dias difíceis, eles vêm e vão, mas o que importa é o que fica de bom, de aprendizado.

Hoje, dia 13 de dezembro de 2022, chego à reta final do *Curso Educação Inclusiva: Tessituras do Fazer Pedagógico*, ofertado pela FACED (Faculdade de Educação) da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). E neste momento de escrita, hora de refletir, percebo que o que me motivou a participar deste curso foram os dias difíceis em sala de aula, com as colegas que ainda não conseguem “trabalhar” a inclusão, foi a negação ao atendimento, foi me sentir sozinha e angustiada no meu fazer pedagógico. Esses dias difíceis me motivaram a começar este curso e me trouxeram até aqui, até o décimo quarto encontro e muitas construções e desconstruções fizeram parte dessa trajetória, mas sabe o que também teve? Sim, os dias difíceis...

Professora, não perca o encantamento em dias difíceis, este encantamento me trouxe até aqui. A vontade de aprender, de fazer diferente, apurar o olhar para a minha prática pedagógica, multiplicar conhecimentos, mas também buscava não me sentir sozinha na minha jornada docente. Encontrei!

Ouvi, compartilhei, chorei, não me senti sozinha, me vi rodeada de colegas que compartilharam tantas outras angústias, medos, saberes. Tivemos professores maravilhosos que estavam ali dispostos a contribuir para o nosso aprendizado, tranquilizar nossos corações e mostrar que é possível trabalhar uma inclusão de qualidade, cheia de significados, mas também nos disseram que os dias difíceis estarão lá, na nossa trajetória, novas ou velhas angústias estariam lá, que teríamos que lutar pelo atendimento de qualidade, para que as leis se cumpram, mas nós não estamos sozinhos. É só olhar para o lado, para as famílias, para os livros, para a vida, para os colegas de jornada. Nós vamos encontrar amparo, conversa, um caminho e quando não for possível, respire, ressignifique, enxergue além da dificuldade. Não perca o encantamento em dias difíceis, este encantamento nos fez escolher essa profissão, nos fez assumir o compromisso, ele que nos ajuda a passar pelos dias difíceis, mas principalmente nos faz continuar. Professora sinta-se abraçada, acolhida carinhosamente e saiba que não está sozinha. E, para os dias difíceis, respire, ressignifique e não perca o encantamento.

Carinhosamente,

Daiana Scherer



Carta de Daniele e Luciane

Para os educadores
de crianças com e
sem deficiência.

É numa casa que a gente se sente só. Não do lado de fora, mas dentro. Em um parque, há pássaros, gatos. E de vez em quando um esquilo, um furão. Em um parque a gente não está sozinha. Mas dentro de casa a gente fica tão só que às vezes se perde (DURAS, 1994, p. 13)¹¹.

Desejamos encontrar vocês muito bem, com grande saúde e com seus planejamentos pedagógicos inclusivos em construção. Estamos escrevendo esta carta em Porto Alegre/RS, na Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), local no qual ocorreu o Curso de Extensão em Educação Inclusiva, o Tessituras do

11 DURAS, Marguerite. **Escrever**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Fazer Pedagógico, no ano de 2022. Nossa Carta é posicionada. Potencialmente posicionada e propositiva também foi a nossa aula sobre medicalização da/na escola, que aconteceu praticamente no encerramento do referido Curso.

Para lembrar um pouquinho, na nossa aula abordamos, sobre diferentes pontos complexos e contemporâneos, a Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) e as práticas medicalizantes dos estudantes com e sem deficiência. Com atenção para as relações apressadas que se fazem entre deficiência e o uso de remédios, fármacos e medicamentos. Debates sobre a necessidade de Redes colaborativas, comunicativas e educadoras entre Educação e Saúde, entre Escola e Unidade Básica de Saúde (UBS), entre professores de estudantes com deficiência e os profissionais da área da saúde que compõem este cuidado singular.

Entre as nossas artes produzidas e expostas nas paredes, no chão, nas portas, nos quadros, nos pilares, nos corredores da Faculdade de Educação, entre o que criamos coletivamente e o que experienciamos individualmente, escutamos os diferentes relatos que as Cursistas das Tessituras trouxeram, algumas delas expondo práticas excludentes pela busca indiscriminada por diagnóstico e a sanção dos efeitos do diagnóstico pela medicalização da criança com ou sem deficiência.

Através de escritos e fundamentos, problematizamos práticas em Educação Especial clínico-medicamentosas, apoios em educação e em saúde com características clínico-medicalizantes e a busca equivocada por atendimentos para tratamento da deficiência. A medicalização da docência, da infância, da aprendizagem e da vida, foi debatida naquela oportunidade através de suas especificidades, seus detalhes e inúmeros personagens. O conceito de medicalização foi aprofundado, desdobrando-se conforme os estudos de livros e seus autores e as intervenções com artes foram se desenvolvendo. Outras questões se fizeram presente e potência para o debate, tais como: políticas de saúde; pedagogia hospitalar e reforma psiquiátrica.

Não há possibilidade de uma aula sem um planejamento complexo e com aberturas, um conjunto de gestos, relações, diálogos, materiais concretos estruturados, materiais concretos não estruturados, formação de grupos, construção de cartazes e produção de novas narrativas comuns. As discussões e os cruzamentos do nosso planejamento com as narrativas docentes das Cursistas

das Tessituras funcionaram na medida em que conseguimos reunir algumas proposições e concluir, conjuntamente, que uma prática educacional distanciada da mediação docente, do planejamento pedagógico, das aulas diversificadas, da ampla e complexa experiência relacional e da avaliação processual, pode incorrer na medicalização da aprendizagem.

Tomando impulso, para nos distanciarmos mais daquela aula, nesta Carta colocaremos em destaque uma das perspectivas da medicalização, sem intenção de esgotá-la, mas de problematizá-la, através de uma lista de perguntas provocativas e úteis para a construção de planejamentos pedagógicos inclusivos. Iniciamos com um título que diz o que estamos pensando nas nossas aulas e pesquisas, e queremos conduzi-los, professores e professoras, a lerem esta carta e seriamente pensar: a medicalização da aprendizagem do estudante com e sem deficiência.

Na abertura desta carta registramos um excerto do livro *Escrever*, de Marguerite Duras (1994), sobre a rotina de escritora, daquela que escreveu histórias com complexos e instigantes personagens, com uma posição de mulher autora, com importantes livros de literatura disseminados na França e no mundo. Cabe revisitar a epígrafe, no início deste texto, para pensar a educação inclusiva a partir da perspectiva daquele aluno com deficiência que está isolado e sozinho em ambientes considerados povoados e seguros. Olhemos demoradamente para quando Duras nos diz: “Em um parque a gente não está sozinha” (DURAS, 1994, p. 13). Muitas podem ser as perspectivas para olhar, ver, ouvir, analisar e interpretar a Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008)¹², especialmente se considerarmos aquele que adentra, abre a porta, que entra, que acessa, que está sob um teto, na sala, na arquitetura da escola. Problematizemos então, é um convite ao pensamento complexo:

A contemporaneidade produziu a invisibilidade do estudante, de uma forma geral, desde a criança ao adolescente com ou sem deficiência? Com a invisibilidade da criança sabemos pouco sobre a infância e sobre como cada uma delas percorre a experiência da sua infância? Com a invisibilidade do adolescente diminuimos nossas possibilidades docentes de construção de experiências

12 BRASIL. Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto nº 6.253, de 13 de novembro de 2007. **Câmara dos deputados**. Brasília, 2008.

complexas, dialogadas, contextualizadas e coletivas? Com a contemporaneidade, que invisibiliza as mazelas sociais e econômicas, se justifica dizer que o estudante não aprende e, portanto, necessita de recursos medicalizantes? Com a invisibilidade da pessoa em processo de escolarização como ela é e com o que a compõe, com suas singularidades e idiosincrasias, a marcamos, formatamos, apertamos para caber na arquitetura da escola? A escola contemporânea necessariamente se produzirá com outros estudantes e outros docentes, mobilizados e esteados pela construção de experiências diversificadas, coletivas, comunitárias, criativas e subjetivas? Aproveitemos um exemplo bastante atual: quando somos subjetivados pela mídia capitalista ao consumo da aglomeração, da divulgação da imagem em festas e consumos, grupos e reuniões, passeios e paisagens instagramáveis: em quais imagens estão as pessoas com deficiência?

A medicalização da aprendizagem responde a quê? A uma justificativa para quem ficará fora da fotografia escolar. A interpretação de que quem aprende, conforme se espera e sem dificuldades aparentes, não merece outros olhares no espaço escolar e fora dele. A inversão e redução do que é aprendizagem. A redução da aprendizagem e do aprender a resultados e respostas previamente elaboradas. A ilusão de que a invisibilidade é sofrida apenas pelo estudante com deficiência. A uma busca pela normalização do ensinar e do aprender. A uma explicação para a ineficiência do estado na organização, gestão e fomento dos serviços qualificados e contextualizados de Saúde e Educação. A uma longa história de precarização do trabalho docente em Educação Especial, do Atendimento Educacional Especializado (AEE), no atendimento especializado em escola comum, em sala de recursos multifuncional, em sala de aula comum, do estudante com deficiência. O que impede, se não elimina, a potência das Políticas e diretrizes estruturadas nos últimos anos (2008-2023), no sentido da inclusão escolar de todos e todas as pessoas com deficiência, em contrapartida do capacitismo e da exclusão.

A aprendizagem de sensações (GAI, 2016¹³, 2021¹⁴), entendida como tal, é uma perspectiva que assumimos em nossa aula no Curso Tessituras, e que talvez possa favorecer com aberturas, para produzirmos a escola, potencializarmos as aprendizagens dos estudantes com ou sem deficiência

13 GAI, Daniele Noal. Aprendizagem de sensações (ou por uma pedagogia de cartazes). **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 18, n. 2 - edição especial, p. 477-488, set. 2016.

14 GAI, Daniele Noal. **Ética (viva) do Brincar**. Curitiba: CRV, 2021.

neste tempo, no tempo em que habitam e povoam a contemporaneidade. Busquemos em nossos planejamentos de novas aulas: os parques, as aglomerações, a terra, as ninharias, as plantas, os animais, as cores, os sabores, as brincadeiras, os passeios, as paisagens, os velhos monumentos, as memórias dos mais experientes, as conversações, os livros, as fábulas nacionais, as histórias ancestrais, a experiência, a observação, as artes, o silêncio do estudo mediado – busquemos as dinâmicas da vida. As dúvidas dos docentes não podem resultar nos diagnósticos limitantes da mediação, pois atesta o estranhamento, o silenciamento e a ineficiência da docência frente a pessoa com deficiência e suas singularidades. Diríamos que para um fazer pedagógico inclusivo mais importante é saber ensinar a estudar e a fazer perguntas, a estar na escola e ter dúvidas, a estar presente e se relacionar com novos problemas, a fazer listas de perguntas, de dúvidas e a todo tempo se questionar. Diríamos que este movimento empregaremos por aqui, na nossa docência universitária, também complexa e que nos apresenta novos estudantes, com ou sem deficiência medicalizados ou automedicalizados, por isto também sabendo que não é desafio simples a não medicalização da aprendizagem pela afirmação e potencialização da vida em produção.

Ensinar a estudar exige criar estratégias particulares para cada aluno se conectar com o desejo da aprendizagem. Sair da ideia de “aluno diagnosticado” para capturá-lo pela aprendizagem. Provocar gostar da investigação de conceitos formais em meio a limitações cognitivas tão marcadas pelos instrumentos formais de avaliação. Burlar, sim, a rigidez das avaliações em detrimento de um planejamento que seja compartilhado e aberto. Confrontar tudo que se possibilitou em termos de experiência e que foi cumprido com excelência pelo “aluno diagnosticado.” Diante do aluno se fazendo aprendiz, um fazer psicopedagógico bem planejado. O planejamento das intervenções pedagógicas é muito anterior ao contato com um aluno e um diagnóstico. Um planejamento de aula ou de atendimento ou de consulta ou de terapia exige: linhas de cuidado. Ter modos de condução que favoreçam a permanência e a aprendizagem. Como usar aquele restinho de curiosidade e esforço intelectual? [...] Sob o alerta de que mais importante do que saber o aluno e o diagnóstico dele, para colar um ao outro, melhor mesmo era saber olhar para o aluno com todas as informações que ele traz e mais um tanto que podemos auxiliá-lo a criar (GAI, 2016, p. 482).

Figura 2 - Do chão ao teto, passando por todas – e cada uma de – nós. Tecendo no coletivo.



Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2022.

Sintam o nosso forte e afetuoso abraço, Colegas! Estamos felizes pela possibilidade de planejar, pensar, construir e dar (no sentido potente do estar presente e ser presente) aulas juntas no Curso Tessituras. Aqui na FACED somos as Profas Dani e Lu do campo da Educação Especial e Saúde, e esta possibilidade não pode ser entendida como privilégio, menor valor, redução de carga horária, diminuição de rigor, presença e atuação docente. Seriamente defendemos a docência compartilhada para a mobilização e mediação da

aprendizagem de estudantes com e sem deficiência, desde a educação básica até o ensino superior. Estudar e estar à espreita, olhar e ver, estar presente e se sentir parte, construir projetos de presente e presença, assim como quem está no parque com a escritora Duras, vivendo potencialmente a vida e aprendendo com ela/nela: juntas compondo mapas abertos e potenciais para aprendizagens, sim, no plural!

Afetuosamente,

Daniele Noal Gai e Luciane Bresciani Lopes

Carta de Deise

Para os colegas
cursistas e professoras.

Endereço: Rua Costurando histórias e Sonhos.

Queridos colegas cursistas e professores, nesta noite quente de Porto Alegre, parei uns instantes para escrever sobre o *Curso de extensão Tessituras do Fazer Pedagógico*, e pensando no significado da palavra tessituras pesquisei seus sinônimos e um deles que me chamou a atenção foi a palavra composição. E o que fazemos aqui? O que fazemos na nossa profissão? O que fazemos na nossa família? O que fazemos nesse complexo sistema chamado vida? É, nós compomos.

Fazemos parte de... Parte de algo tão importante chamada Educação. Como uma grande orquestra fazemos parte, compomos. Nem todos com o mesmo instrumento, nem todos com o mesmo talento, nem todos no mesmo ritmo, mas seguimos tentando nos encaixar, acompanhar, e entre erros e acertos, aprender a fazer parte de uma grande sinfonia chamada **inclusão**. E nessa mesma orquestra

já passaram Louis Braille, Beethoven, Alan Turing, Stephen Hawking, Lucas, Pedro, Ana, Fernando, Maria e tantos... E como toda orquestra, se faz através de uma construção coletiva, estaremos amanhã no dia 3 de dezembro de 2022 na nossa sala de aula, em um sábado nublado e quente para coletivamente continuarmos construindo sonhos, histórias, fazeres pedagógicos de uma inclusão que pode ser real, que pode ser bonita, que pode sair do planejamento e ser ação de coração. Uma inclusão que abra os olhos para ver a deficiência e a eficiência de nossos alunos, filhos, tios, primos e pais.

Por fim quero, a partir de tudo que vi e ouvi durante as aulas; de todas as histórias e vivências; como professora, mãe e cidadã de um universo tão diverso, fazer mais. Estudar mais. Conhecer mais. E poder junto com meus alunos continuar compondo, seja num ritmo rápido dos superdotados, ou no lento dos que têm deficiência intelectual, no silêncio dos surdos, ou às escuras, no abraço sem braços, no bailar das rodas de uma cadeira sendo orquestrada pelo chacoalhar das mãos autistas.

2 de dezembro de 2022.

Com carinho,

Deise Cristina Alves Marinho

Carta de Tatiana

Para eu, você e nós professoras!

Sentimentos diversos em relação ao *Curso Tessituras do Fazer Pedagógico*, além de afeto, nós construímos trocas, choros, alegrias, conhecimento e muito amor pela Inclusão.

Creio que todos que participaram tenham sentido isto e com certeza até mais, em cada sábado. Encontros, muitas vezes, para se encontrar, ou para tentar se encontrar. Saberes significativos e diferentes. Estamos chegando ao fim, sábados de aprendizagem, mas também de apoio, a mim, a você e a nós. Muitas vezes queremos encontrar só um olhar amigo, e parceria junto de uma diversão, em meio a tantos não.

Sábados de idas à FACED, mas trazendo memórias entrelaçadas aos dias vividos anos atrás. Sábado com uma fuga à Redenção, de um alívio no coração, de um dia diferente nos fazendo a alma feliz.

Sentimentos que fazem pensar na realidade, mas, fugindo dela, pensando que chegamos ao fim de mais uma

jornada, mais um ciclo que se fecha. Com certeza mais um curso importante na minha e na sua caminhada. Assim como eu, todas saímos mais fortalecidas, mais experientes no mundo da Inclusão que faz parte de nossa jornada, como ser humano, professora e parcerias que amamos vivenciar, por este e tantos outros motivos que estamos aqui. A estas pessoas que compartilharam estes sábados, o meu muito obrigada.

Vocês farão parte da minha história. História difícil. Cheia de percalços, mas com a certeza de que dei o meu melhor.

Aos docentes presentes, meus mais sinceros agradecimentos e com certeza ainda nos veremos por aí, em outra caminhada pois somos professoras e não cansamos nunca.

Canoas, 13 de dezembro de 2022.

(sábado nublado de muito calor, mas com coração contente)

Tatiana Gudaites Pereira Aguiar

Carta de **Cristiane**

Para os participantes do Curso Tessituras.

Venho por meio desta compartilhar o quão significativos foram os encontros que tivemos para o meu crescimento enquanto pessoa.

As escutas foram fundamentais para as reflexões e práticas, falas de experiências que tocaram a minha alma, o que foi importante para tentar fazer o melhor para o próximo, assim compreendi situações que às vezes não se tem entendimento básico para auxiliar. Vi jovens mulheres guerreiras, tanto na vida pessoal quanto na vida profissional compartilhando momentos frágeis da vida, mestres compartilhando saberes eruditos de forma didática com experiências vividas ao longo da sua trajetória.

Grupos de inclusão mostrando os seus saberes e desafios na vida cotidiana de forma alegre, dando um show de pertencimento em uma sociedade em que ainda tem muito que aprender e se humanizar.

Só quero agradecer por cada momento que tive a oportunidade de aprender com vocês e enxergar o mundo de outra forma, mais sensível, menos egoísta, menos ignorante, observando de forma mais atenta.

Porto Alegre, 3 de dezembro de 2022.

Grata,

Cristiane Barcelos Dias

Carta de **Fabiane**

Para a minha irmã.

Endereço: Rua do Coração, s/n.

Patrícia,

Me desculpe se por anos de minha vida não te compreendi, eu não sabia o que era ter uma pessoa com deficiência na família até você chegar. E você chegou bem no dia do aniversário de meu segundo ano de vida. Crescemos juntas, com essa pouca diferença de idade e com outras tantas diferenças.

Quando pequenas, eu não entendia por que você era muito protegida pelos nossos pais, por que você parecia receber mais atenção e cuidado, você ia sempre a médicos, tomava remédio e não fazia nada sozinha. Fomos crescendo e cada vez mais eu percebia que algo em você era diferente. Demorou para eu me dar conta que você tinha uma deficiência intelectual de nascença e a partir desses momentos passei a entender melhor o que acontecia em nossa família após o seu nascimento.

Mas foi quando me tornei professora, que fui aprender sobre o que é ter deficiência, e como todos podem se desenvolver e se superar dentro de suas limitações, foi estudando que descobri que é possível melhorar a qualidade de vida de outras pessoas com deficiência, como você, Patrícia. Que todos têm direitos e que você tinha muitos e nossa família humilde, pouco instruída não sabia. Hoje eu sei o quanto a nossa sociedade não é inclusiva por ter você ao meu lado, por saber de cada dificuldade que nossa família enfrenta por você e que tudo é um processo de luta e construção. Entendo que incluir é analisar o indivíduo na sua totalidade, buscar entender suas particularidades para ajudar a superar os desafios da vida. Compreendi que lidar com a diferença incomoda porque mostra as nossas próprias fragilidades (e ninguém quer lidar com elas). Sei que existem muitos/as outros/as como você no mundo e, por isso, precisamos lutar por justiça social, para que vocês tenham equidade de oportunidades, sejam valorizados dentro de suas subjetividades.

Todo ser humano tem direito de aprender, ser e viver na sociedade. Hoje eu estou no penúltimo dia do *Curso Tessituras do fazer pedagógico*, 2ª edição, e você está aqui comigo presencialmente, mas estive em meus pensamentos em cada aula, nas quais aprendi mais sobre a inclusão na escola e na sociedade.

Hoje eu sei te acolher, te reconheço e te aceito como você é, a partir de muitas trocas e reflexões que tive nesse curso, me fortaleci e saio mais preparada para enfrentar o mundo em busca da inclusão de pessoas com deficiência. Te amo, minha irmã, você me ensinou e me ensina todo dia a ser mais compreensiva paciente acolhedora e acreditar que o poder da mudança está na coletividade e que passa pela profissão que escolhi.

Porto Alegre, 13 de dezembro de 2022.

Fabiane Oliveira Machado

Carta de Fabiani

Para todos interessados
em aprender.

Muitas inquietações me convocam a essa escrita, trajetórias de aprendiz, trajetória de docente, trajetórias de mãe, trajetórias de psicopedagoga e ainda trajetórias de educadora inclusiva.

Ao lançar meu olhar longitudinal a esses diferentes trajetos, percebo movimentos de migração da escrita do papel para a tela do computador, do notebook, do *tablet*, e do celular, que para muitos jovens é uma ferramenta essencial e que têm tamanha familiaridade com sua funcionalidade e aplicativos, os quais são motivo de grande reflexão.

Essa geração nasce conectada, e de repente em sala de aula, desconecta e olha para o quadro de giz e presta atenção aos professores.

Avanços tecnológicos fenomenais, plataformas, monitoramento, *proctoring*, tudo isso ao nosso dispor, e a escola ainda perseverando na lógica das primeiras escolas dos povos sumérios com a ênfase na escrita e na cópia.

Na reprodução do conteúdo com ênfase no resultado final, na avaliação. E aí, mais questionamentos:

1. Onde está a inovação?
2. Onde está a criatividade?
3. Onde está a flexibilização?

É preciso reciclar processos, equacionar ferramentas e artefatos, temos muitas possibilidades de tecnologia assistiva de baixo custo, inclusive é preciso migrar das paredes da escola e conectar com o mundo, com os jovens, operar/sintonizar nas mesmas linguagens e a partir desse encontro buscar a produção de sentidos autorais. A inquietação se dá nas práticas obsoletas, percebem-se muitos avanços em pesquisas, teses e dissertações e a escola segue cristalizada. Urge um pensar coletivo, ação cooperativa, unir em torno de um único propósito: educar. Para muitos, a escola e as experiências vividas nela são a grande metáfora da **vida**.

Fabiani Ortiz Portela

Carta de **Sandra Eli**

**Para todos os professores
do curso, em especial para
professora Graciele Marjana
Kraemer e colega Tatiane.**

Porto Alegre, décimo quarto encontro, *Educação Inclusiva: Tessituras do Fazer Pedagógico*, 2ª edição, sala 102, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, dia 3 de dezembro de 2022.

E então, chegamos ao nosso penúltimo encontro, são 12 horas e estou caminhando pelo Parque da Redenção, num sábado abafado de 30 graus, e aquela sensação de melancolia que sentimos quando algo bom vai acabar.

Faz 40 anos que moro em Porto Alegre e não tinha incluído na rotina passear pelo parque, certo dia estava tão prazeroso que me sentei em um dos bancos, fiz uma foto e postei no grupo "Jardins de Luxemburgo", sim temos manias

de não valorizar o que é nosso! Foram 14 sábados tomando suco de abacaxi do Cláudio (40 anos trabalhava ali, temos algo em comum).

Quem sou eu? Tenho 55 anos, sou morena clara, olhos castanhos, uso óculos, cabelos castanhos depois dos ombros, estou vestindo saia e blusa com estampa amarela e preto. Preciso melhorar minha autodescrição, mas aqui aprendi a dar o primeiro passo.

Sou professora da Rede Estadual de Ensino do Estado do Rio Grande do Sul há 22 anos, tenho dois filhos, um de 32 e outro com 26 anos, e uma neta com 5 meses de idade.

O que me motiva? Meus alunos!

Certa vez, um de meus professores perguntou o significado da palavra "aluno" ninguém respondeu, e ele na lousa escreveu: do latim

"A" → quer dizer sem.

"luno" → quer dizer luz, vocês estão aqui em busca da luz, o conhecimento que vos libertará.

Sua fala ficou tão marcada em mim, que nunca mais parei de ir ao encontro da luz e foi assim, que quando minha colega, Tatiane postou no grupo da escola o link para inscrição no Tessituras, a fiz no mesmo instante.

"Aqueles que passam por nós, não vão sós, e não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós" (O pequeno Príncipe, Antoine de Saint-Exupéry).

Faz dois anos que eu não trabalho mais com a Tati e não a vejo, mas foi por um gesto dela que aqui estou tentando aprender, compartilhar esse conhecimento com os colegas, e atender da melhor maneira os meus 17 alunos da sala de AEE.

Sempre olhando para a pessoa, não rotulando pela deficiência.

Nosso papel é pedagógico, não é clínico.

Precisamos primeiramente criar o vínculo para depois dar a aula.

(Professora Graciele Marjana Kraemer, dia 25 de junho de 2022).

Essas e outras tantas falas importantes se fizeram presentes ao longo dos 14 encontros, durante eles, muitas soluções de problemas no chão da sala de aula em que eu trabalho tiveram que esperar pelo sábado de aula, para eu pedir orientação aos professores, porque eu não possuía o conhecimento necessário para resolver.

Para finalizar, quero agradecer a professora Maria Alice de Moura Ramos que, com a sua empatia, generosidade e sutileza fez-me acreditar que nessa busca incessante do conhecimento não tem idade, seguimos!

Com carinho, muito obrigada a todos!

Sandra Eli Dornelles Araújo

Carta de Fátima

Para a querida professora.

Endereço: Rua da Felicidade, s/n. Esperança, RS.

Nesta tarde de sábado quente estou aqui empolgada, e ao mesmo tempo com uma certa ansiedade e nostalgia, finalizando o 14º encontro de um curso que foi muito importante para mim, que possibilitou um crescimento e enriquecimento na minha forma de pensar sobre a inclusão, então resolvi escrever a você para falar um pouco sobre isso.

Meu sonho seria que cursos assim fossem disponibilizados a todos os profissionais da educação, pois foram os sábados muito gratificantes, mas sei que infelizmente isso não é possível.

Então gostaria de lhe falar percepções que tive neste período que talvez a auxiliem em algum momento.

Quando receber um aluno com deficiência em sua turma não se apavore, se não souber como agir, siga o seu

coração, procure ser afetuosa, pois se é algo novo para você, para seu aluno também poderá estar sendo um momento muito difícil.

Não fique presa a laudos, CIDs e pareceres para definir seu aluno, é importante você ter esse conhecimento, mas ele não poderá ser o único perfil do seu aluno.

Não o rotule, principalmente enfatizando os seus pontos frágeis, pois você estará criando marcas que poderão acompanhá-lo por toda a sua vida escolar podendo até ultrapassar os muros da escola.

Quando falar com a família procure ser empática, a maioria já passou por muitas críticas e julgamentos. E, acredite, a maioria está procurando fazer o seu melhor, às vezes com o pouco entendimento que têm da situação e precisam de alguém para auxiliar e compreender.

Em sala de aula não o deixe em segundo plano, promova a participação dele em todas as atividades que você irá realizar, talvez não com os mesmos objetivos que o restante da turma, mas que ele sinta que tem a mesma importância nas atividades que os demais colegas.

Evite agir diferente ao comunicar-se com ele, pois seu aluno percebe isso, assim como sente quando você o trata com indiferença.

Lembre-se que acima de qualquer laudo ele é uma criança/jovem que merece receber o carinho e atenção como tal.

Sei que parece uma fala romantizada sobre a inclusão, mas se você refletir sobre essas palavras acredito que seu olhar irá mudar.

Boa sorte e estamos juntas nessa caminhada.

Porto Alegre, 13 de dezembro de 2022.

Com carinho,

Fátima Viviane Gruginiskie Garcia

Carta de Sheila

Para meus colegas professores.

Endereço: Rua da Esperança, 1000. Bairro: Amor.

Aqui vos fala uma professora com 22 anos de experiência de magistério, mas que enquanto estiver viva (ou mesmo até depois) vai aprender. Educar não é fácil, ser professora também não é... Mas existe profissão mais encantadora? Desconheço.

E foi como por encantamento que, após tanto tempo de caminhada, a Educação Inclusiva me conquistou. Não estou tentando dissociar Educação Inclusiva da Educação como um todo, mas confesso que antes tinha receio, um certo medo de trabalhar com alunos de inclusão. Sentia-me insegura e incapaz, com poucas ferramentas e conhecimento para lidar com esses alunos. Hoje entendo como são importantes as formações específicas, porque nos instrumentalizam e nos dão segurança no fazer pedagógico. Porém, com o tempo, percebi que o mais importante é observar o aluno: suas potencialidades e suas capacidades.

Por muito tempo, focava erroneamente, no que o aluno não conseguia fazer... "Ah! Mas isso ele não consegue fazer", "eu não sei o que fazer com esse aluno", "eu não estudei para isso". Essas e outras falas já foram ditas por mim, não tenho vergonha de admitir. Tenho orgulho de ver o quanto aprendi e evolui para saber como essas falas são capacitistas. Ainda hoje, ouço essas e outras afirmações em relação aos alunos de inclusão. Mas, mais uma vez, afirmo: observem seus alunos, olhem para eles, vejam como aprendem. Cada pessoa é única! Foquem em suas potencialidades!

Além de professora, sou esposa e mãe de dois filhos. O meu caçula está dentro do TEA (Transtorno do Espectro Autista). Eu vivencio diariamente a inclusão escolar e no ambiente familiar. Eu vibro com cada pequena conquista do meu filho. Coisas tão simples e banais, como conseguir se alimentar sozinho, são uma imensidão sem precedentes no processo dele. Assim é com os alunos também. A Educação me envolve, a Educação Inclusiva me emociona, me desafia, me alegra.

Durante esse ano, que iniciou tão difícil e que está findando com tanta esperança e anseios, um curso numa Universidade Pública, faz eu me apaixonar ainda mais pelo caminho que decidi trilhar. Esse curso me encorajou a iniciar outra especialização, agora na área de AEE (Atendimento Educacional Especializado).

Como eu falei no início dessa carta, queridos colegas, estou sempre em processo de construção e no *Curso Tessituras do Fazer Pedagógico* eu aprendi tanto! Aprendi como as leis são importantes para nortear o nosso trabalho; como compreender a história da educação inclusiva embasa práticas do presente; como conhecer as múltiplas deficiências tornam o trabalho melhor direcionado. Mas, antes de tudo, aprendi como ter vontade, "brilho no olho", empatia e afetividade fazem a diferença em todo esse processo.

Enfim, caros colegas, termino essa carta endereçada a vocês com todo o meu amor e carinho de mãe atípica e de professora da rede pública, dizendo: existe sempre um caminho a percorrer... tenham o olhar atento e a escuta sensível em suas práticas. Juntos podemos muito.

Canoas, dezembro de 2022.

Com amor,

Sheila Alves Siqueira

Carta de Veridiana

**Para as mulheres que
não desistem, alucinadas
ou sonhadoras.**

14º encontro do *Curso Tessituras do Fazer Pedagógico*.

Prezadas professoras, estudantes, mães, amigas, colegas e tantos outros atributos e adjetivos que se encaixam nessas pessoas que, muitas vezes, se reconhecem em uma só. Seres incansáveis pela busca do conhecimento, desacomodação, procura...

Essa escrita carinhosa e cheia de significados, é para lembra-la, ou melhor, não deixar que você esqueça, do quanto é especial, forte e batalhadora. Quando foi colocada à prova para algo novo, sua inquietação e até mesmo o medo, a fizeram sair em busca de algo a mais.

Sozinha ou acompanhada, suas dúvidas e questionamentos precisavam de respostas, e essas, vieram a partir de encontros e diálogos, trocas e relatos que, muitas vezes, nos deixavam com um nó na garganta, pois eram histórias de luta, resistência, resiliência, empatia, solidariedade, nar-

radas por quem vivenciou na pele, no dia a dia, e não por quem apenas ouviu falar. Por quem fez e faz a diferença, quem luta para que a história tome rumos diferentes, para que o final não seja sempre o mesmo.

Ah!! Quantas ideias surgiram, quanta ansiedade, por pensar que era preciso, mais do que isso, necessário fazer com que a aprendizagem construída aos sábados chegasse aos demais colegas. Não era possível guardar tão belas aprendizagens, não poderia eu, ser tão egoísta, quando percebo que posso e devo compartilhar tudo que fomos tecendo a cada encontro. O ver, que sempre foi fundamental, se tornou olhar, um olhar cuidadoso e preocupado, sensível e analítico, que era capaz de fazer com que aqueles que estavam à volta, percebessem a importância desta diferenciação para muito além da figura física, olhar a alma, a essência.

Estimadas, ainda que muitas vezes nos tomem por alucinadas ou sonhadoras, não deixem de acreditar em cada ser de luz que cruza seu caminho, sua história e jornada. Tenham certeza de que todo esforço e dedicação fizeram a diferença. É preciso continuar sendo resistente e corajosa, pois dando o primeiro passo, outras nos seguirão, então, seremos muitas, seremos tantas a defender nobres causas como a exclusão da inclusão, que nos sentiremos vitoriosas, felizes e gratas por não termos desistido.

Continuaremos a lutar por uma sociedade mais justa e um mundo mais fraterno.

Um abraço cheio de esperança!

Nova Santa Rita, 03 de dezembro de 2022, sábado.

Veridiana Biscarra

Carta de Sílvia

Para a querida colega Renata.

Escrevo essa carta sentada no auditório da FACED, num sábado à tarde, em 3 de dezembro de 2022.

Tu bem sabes que ontem perdi o meu tio querido, passei o dia fora da escola, me despedindo dele e, principalmente, confortando minha família. Chorei, abracei e revi familiares, mas também fiquei feliz relembrando nossas histórias de infância, comemos cuca e salame (coisas de descendência alemã). E já te imagino dizendo:

- Ui!! que nojo, nunca comi; ou
- É mesmo? Comem isso?
- Não sei, sou preta. E, como sempre, vamos rir juntas.

Começo a carta assim, pois nossos dias na escola, e nos atendimentos dos alunos e alunas são repletos de alegria e aprendizagens e de momentos “tenso” como tu mesma começa a dizer: “Hoje foi tenso”.

Partilhamos no decorrer deste ano das mesmas “angústias” em relação aos nossos queridos e queridas alunos/as, porém tentando manter um pensamento: “queremos uma escola para todos, mas que respeite o espaço e o tempo de cada um, inclusive as desorganizações de cada um, que muitos insistem em chamar de surto”.

Lembro que quis muito estar neste espaço da escola, para cuidar, possibilitar o crescimento de todos e todas e estamos neste espaço do AEE como uma equipe. Quando percebemos que a inclusão se limita a alguns espaços, discutimos e divergimos em certos momentos, até sobre as estratégias da educação inclusiva. Porque falo em equipe, nessa carta quero destacar “o teu papel” professora Renata (concurada como monitora) neste processo de inclusão. A inclusão é uma reflexão diária, é perceber e se perceber em relação ao outro, em cada momento. Cada dia é um dia diferente para os nossos alunos e alunas. O que acontece em casa, a falta dos atendimentos na área da saúde, a má alimentação e desinformação das famílias, tudo reflete na vida dessas alunas e alunos. Mas nós, cara colega, precisamos seguir em nossos sonhos de uma escola e sociedade que tenha um olhar que acolha o diverso. Lembra que quis que participasses do curso de extensão, mas não foi possível, porém, não teve um sábado sequer que eu não te enviasse uma mensagem, um slide, uma foto para juntas debatermos em como usar esse conhecimento para embasar “nosso projeto” de inclusão verdadeiramente.

Sílvia Gassen

Carta de **Silvana**

**Para mulheres, mães,
esposas, professoras
e amigas.**

Quero contar um pouquinho sobre as vivências em Porto Alegre. Após a semana inteira de muito trabalho na escola, no AEE, chegar aos sábados traz expectativas e alegrias. Dia do Curso Tessituras na FACED, dia de estar em um bairro que carrego muitas memórias afetivas e num local muito importante para mim, a UFRGS além de toda sua importância acadêmica, tem valor sentimental, me aproxima da minha filha embora não tenha sido o *Campus* dela, ela passou por aqui, nós passamos por aqui, e é incrível o quanto carregamos em nós os lugares que passamos. Estar neste curso me faz querer ser uma pessoa melhor para o outro, para aqueles que passam e passarão por mim.

A educação inclusiva tem meu coração profissionalmente e na vida. Antes de cada encontro penso com alegria o que irei aprender, o que irei conhecer, o que irei ouvir dos professores e colegas e as trocas que serão feitas.

Ah, são momentos de prazer, onde me vejo entusiasmada por mudanças e sei muito bem o valor de pequenos passos, sei que as políticas inclusivas precisam melhorar, mas olhar para dentro da escola dentro da sala de aula, onde está nosso aluno, que pode ser feito para garantir o ensino dele, é difícil, é angustiante, mas acredito nas possibilidades e que a cada dia algo novo acontece. Tessituras resulta de um tecer, de entrelaçar várias partes menores a fim de se obter um todo inter-relacionado, e isto de fato aconteceu, durante este curso, iniciei me inscrevendo sozinha, depois conseguindo a vaga e sabendo que a minha colega de escola também conseguiu, éramos duas, ao chegar na primeira aula, encontrei duas colegas do mesmo município de trabalho, depois vieram mais quatro colegas e já estávamos em oito, assim um grupo que além da parceria nas aulas, estávamos nos almoços, na feira, nas lojas, na redenção, nos espaços que os sábados nos oportunizaram, comprando flores, fazendo mil coisas para otimizar o tempo e ali na FACED, crescemos como seres humanos. Me encontrando entrelaçada aos colegas, aos professores, a minha família, a escola, aos alunos, tudo junto, formando algo maior que nem tenho ideia do que será, mas sei que será grandioso e marcante. A educação proporciona isto, a troca de saberes proporciona mudanças. Com certeza não serei a mesma de quando entrei e tentarei multiplicar o aprendizado obtido. O Tessituras estará indo para Gravataí onde moro, em Sapucaia do Sul onde trabalho e todos os lugares que eu passar, pois carrego comigo, e sempre no coração, pois ali é onde ficam as marcas, as experiências adquiridas em nossos quinze encontros.

Os lugares que estamos são os lugares que conquistamos como espaços, mesmo percebendo que não tenho voz em grande grupo, argumentar, falar, colocar minhas ideias e opiniões, pois a vergonha é muito forte, me sinto vulnerável, estar neste ambiente que percebo como imenso, com pessoas muito empoderadas em suas falas, por algum momento pensei que a parte de escrever não seria para mim, por me julgar incapaz, menor academicamente, pois o sonho de mestrado, me paralisa, o mundo acadêmico é desafiador, e ainda não tive a coragem de entrar e tentar, ficando nas especializações que são confortáveis, mas coloco aqui, é que diante de todas minhas inseguranças a professora Larisa falou em sua aula, da nova proposta para os textos e neste momento a alegria invadiu a minha alma, pois foi muito forte me impactando, foi pensado em cartas e ali quase no encerramento me senti incluída na possível escrita para um livro com a possibilidade de participar. Aqui estou registrando alguns pensamentos e escrevendo não só para mim, mas para mulheres que são tão

batalhadoras tentando dar conta do que é necessário fazer, do que é importante para o outro e principalmente importante para si mesmo. Estudar me faz movimentar, me orgulha e me satisfaz, e ouvir das possibilidades que posso ter e viver, foi inspirador e a educação inclusiva precisa passar por mim, e passou, marcou e continuará viva através das minhas falas, dos meus abraços, do meu ouvir, do meu sentir, do meu olhar e das minhas práticas pedagógicas. O aprender continuará, espero continuar fazendo parte deste movimento da vida.

Porto Alegre, 03 de dezembro de 2022.

Um grande abraço a todas nós, o mundo precisa dos nossos olhares afetuosos.

Silvana Trindade Dambros

Carta de Gerusa

Para os professores do sétimo ano.

Endereço: Rua Trabalho colaborativo, nº 1. Bairro: Equidade.
Cidade: Inclusão - CEP: 90035-141.

Estava sentada com caneta e papel na mão e fui instigada a escrever uma carta para alguém, como forma de fechamento do *Curso de extensão em Educação Inclusiva: Tessituras do Fazer Pedagógico*, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em meio aos meus pensamentos, lembrei de vocês, professores do 7º ano.

Começo a escrever recordando uma citação de Paulo Freire: “[...] ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tornamos parte” (FREIRE, 2001, p. 40)¹⁵. Essa citação ressalta que estamos sempre aprendendo, seja com nossos alunos em sala de aula, seja com pessoas do nosso cotidiano e, quando aprendemos algo, mudamos e nos construímos. E, nesse

ano trabalhando juntos, como mudamos não é mesmo? E, em especial, mudamos e tocamos a vida de três alunos da Educação Especial, alunos com Transtorno do Espectro Autista, alunos do 7º ano, nossos alunos. Seres humanos que nos proporcionaram tantas oportunidades de crescimento, tanto no aspecto pessoal, quanto no profissional.

Gostaria de agradecer por tudo que compartilhamos durante este ano. Como pedagoga da seção de Atendimento Educacional Especializado, pude vivenciar com vocês grandes experiências, trocas de saberes e ideias, na busca conjunta por tecer um fazer pedagógico inclusivo.

Recordando sobre a nossa primeira reunião pedagógica, para orientação sobre dos futuros professores, lembro de alguns rostos preocupados de como trabalhar com alunos público-alvo da Educação Especial. Minha fala para vocês, foi e será sempre de encorajamento, parceria e acolhimento.

Olhando tudo que construímos durante esse ano, planejando atividades, Plano Educacional Individualizado, avaliações e sobretudo criando novos olhares, percebo que criaram atividades significativas para os alunos e muitas delas com impactos sociais na vida diária deles.

Em alguns momentos de orientação percebia a angústia que sentiam, questionavam-se internamente se realmente estavam fazendo o correto, assim como a preocupação se os alunos estavam aprendendo. E muitas vezes eu ouvia “Romana, preciso de ajuda”, “vou te enviar uma atividade para olhar”. Nessas narrativas eu sempre lembrava da fala do professor Marco Aurélio, do curso Tessituras, “todos nós somos imperfeitos”, e sempre procurava deixar claro que o processo de aprendizagem é igual para todos, a forma que cada aluno aprende, é que é diferente. Em cada atividade que desempenhamos de forma colaborativa, e na medida em que observávamos os resultados, era possível observar que o olhar de vocês brilhava e novas ideias surgiam.

Nesse final de ano, olhando o crescimento dos alunos, vejo que todos vocês conseguiram ensinar com sentido. Uma frase da Maria Montessori¹⁶ reflete o processo de aprendizagem que proporcionaram aos alunos: “as crianças são investidas de poderes não conhecidos, que podem ser as chaves de futuro melhor”.

16

MEC. **Manifesto dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos Educadores (1959)**. Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2010.

Assim, encerramos este ano, com o justo sentimento de dever cumprido. Que o próximo ano seja recheado de desafios, para evoluirmos juntos, em busca de uma Educação cada vez mais Inclusiva.

Porto Alegre, 13 de dezembro de 2022.

Gerusa Romana Leal da Silva

Carta de Débora

Para os professores e colegas do curso Tessituras.

Retrospectiva...

O fim do ano é sempre um bom momento para pensarmos um pouco sobre a vida, lembrar da nossa trajetória, do caminho que escolhemos percorrer, afinal a VIDA é feita de escolhas! Falando em escolhas, assim como eu, alguns colegas escolheram aproveitar os nossos sábados de maneira gratificante.

Cabe aqui um agradecimento especial à coordenação do curso e aos professores que ministraram suas aulas com muito carinho e criatividade. Aproveito para agradecer os colegas que compartilharam suas vivências, angústias e alegrias, e também souberam ouvir e entender quando fosse a hora. Nas conquistas, nas derrotas, nas horas boas, nas horas difíceis, compartilhando momentos, compreendendo e sendo compreendido, dando força e coragem para seguir em frente, assim são amigos.

Ao chegar ao final do nosso curso, sinto que fiz diversos amigos e amigas e posso dizer que foi uma honra estar junto de pessoas tão dedicadas e comprometidas em busca de um mundo melhor. Ser professor ou atuar na área da Educação é diariamente desafiante, é ter muitos filhos “emprestados”, é plantar uma sementinha em cada um e nos cabe regar e cuidar do nosso jardim todos os dias.

Ser professor é pegar a mão, abrir a mente e tocar o coração. Que estes nossos encontros fiquem guardados em nossa memória e sirvam de impulso para seguirmos em frente.

Com carinho,

Débora Chiarello

Carta de Marina

Para um professor inclusivo.

Ando por aí querendo encontrar, em cada esquina, paro em cada olhar, vejo uma criança e a esperança em seu caminhar.

Que a chama viva que é uma dádiva, mova os professores da inclusão do seu lugar. Que busquem o conhecimento que não se apaga, tendo a certeza que suas atitudes jamais serão somente palavras, apenas, palavras pequenas.

Em que oferta-se uma educação de qualidade a todos, independentemente de quem seja, ou qual seja sua condição, é seu direito.

Proporcionar com amor, dedicação e sabedoria a cada indivíduo do seu meio de convívio acadêmico, conteúdos e atividades para a vida cotidiana, com certeza deixará uma lembrança positiva viva em seu atendido.

Arrisco-me ainda a dizer que o professor, antes de iniciar sua busca por conhecimento e em seguida a prática, deve ter certeza de que está aberto a novos horizontes

de sua carreira e que uma vez assumido o compromisso, necessita estar em constante investimento por essa busca.

Como afirma Paulo Fochi¹⁷ (2021, s/p) o “[...] conhecimento não é estático, nem está pronto e acabado. Assumir a complexidade e o inacabamento do conhecimento e dos processos de conhecer é um ponto de partida fundamental para mudar as relações de poder e do papel da escola na vida das crianças”.

Digo que cada passo que dado é uma semente que está sendo plantada, que quando é regada aparecem os frutos e fico contente em dizer que sou uma dessas, pois, uma vez um professor me ajudou, inspirou e plantou uma semente em meu coração e hoje faço parte desse universo sendo uma professora inclusiva.

Acredito que podemos fazer a diferença na vida de alguém assim como fizeram na minha e inspirarmos outras pessoas a buscarem meios e alternativas para fazer acontecer uma educação inclusiva. Conforme aponta Letícia Butterfield¹⁸ (2023, *online*), a “Inclusão é um direito daqueles que precisam, e incluir é um dever de todos.”

Marina Inês da Silva Marzola Nunes

17 FOCHI, Paulo. Notes about what I have learned being a children's teacher. *In*: Graziela Kunsh. (Org.). **Urbânia 6**: Public as mutual. 1ed. Oslo: Oslo Biennale, 2021. Tradução disponível em: https://www.instagram.com/p/CWBAS_vLbWY/ Acesso em: 27 set. 2023.

18 BUTTERFIELD, Letícia. **Frases**. Online, 2023. Disponível em: <https://leticia-butterfield.blogspot.com/2023/03/frases-leticia-butterfield.html> Acesso em: 27 set. 2023.



Carta de
**Karla,
Katiuscha
e Mara**

Para as educadoras e aos
educadores.

O desafio de uma educação inclusiva: ser pertencente e fazer pertencer

O fato, porém, de que ensinar ensina o ensinante a ensinar um certo conteúdo não deve significar, de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo. Não o autoriza a ensinar o que não sabe. A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe colocam o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação,

sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática (FREIRE, 1997, p.19)¹⁹.

Caros colegas, educadores e educadoras, que se debatem no cotidiano procurando entender os princípios de uma educação inclusiva, essa escrita é destinada a você, e a nós pois escrevendo vamos (re)construindo também nossa história, nossas memórias e nossas percepções sobre o que pensamos, fazemos, queremos, sobre aquilo que praticamos com os alunos e alunas que chegam até nós com diferentes maneiras de ser e estar no mundo, pedindo antes de tudo, respeito e acolhimento.

Iniciamos essa escrita com uma referência a Paulo Freire pois ele aponta a responsabilidade que é ensinar. Freire nos diz que é preciso se preparar, se capacitar, se manter em constante formação, antes mesmo de iniciar a docência. Quando falamos nos processos inclusivos, esse movimento de ação-reflexão-ação tão defendido por Paulo Freire é de suma importância. Afinal, inclusão não é uma metodologia!

Inclusão tem a ver com uma filosofia de vida! Ser uma pessoa inclusiva demanda da (re)configuração de nós mesmos como pessoas o tempo todo para lidarmos todos os dias com a diversidade em diferentes espaços e tempos, porque inclusão também não é território! Ela não acontece só na escola A ou B, no sistema C. Inclusão acontece nos encontros e desencontros cotidianos, nas dificuldades diárias, nas diferenças, nos diálogos e descobertas de potências.

Nesse movimento, vamos precisar ir refletindo sobre nós, sobre o outro, sobre as tessituras dos nossos encontros, sobre os sentimentos que causamos uns na vida dos outros. Temos conosco que um dos sentimentos mais importantes quando falamos em inclusão é o sentimento de PERTENCIMENTO. Sentir-se parte de algo, de um espaço, de um movimento, nos fortalece. Nos dá um senso de identidade! Ao nos sentirmos pertencentes, nossas experiências são valorizadas, estabelecem novas modalidades de relações que acabam por impactar nossas aprendizagens. Ocorre do mesmo jeito com os alunos que apresentam maneiras diferentes de ser e estar no mundo. Ao sentirem-se parte

da escola, terem suas experiências valorizadas, terem suas características vistas como identidade e não como dificuldades, defeitos, comportamentos que necessitam ser concertados um passo a mais no processo inclusivo foi dado. Mas, olhe só! O primeiro passo parte de nós! Para existir pertencimento, precisa antes de tudo existir ACOLHIMENTO.

Ah, professora! Ah professor! O acolhimento é um movimento que envolve um exercício diário de disponibilidade de estar com o outro e de aprender com ele. É preciso que a gente possa se encantar com o percurso que nossos alunos e alunas vivem e constroem. As mudanças são diárias, muitas vezes pequenas, mas intensas! Se não conseguimos ter o encantamento, perdemos a capacidade de acreditar nesse outro que chega até nós. E sem encantamento, sem crença no potencial de aprender de cada sujeito não tem processos de ensinar e aprender. Todos podem aprender, resta sabermos o que estamos querendo ensinar! Toda e qualquer aprendizagem precisa fazer sentido, precisa mobilizar o sujeito aprendente, precisa desafiar. Ninguém aprende em uma zona de conforto! Mas para sairmos da zona de conforto precisamos ser convocados, como convocamos vocês durante o percurso do curso. Então, não tenham medo de escutar os sujeitos que chegam até vocês para descobrir o que lhes mobiliza. Não tenham medo de dialogar. O diálogo e a escuta são as maiores ferramentas de uma prática inclusiva de fato, pois aproxima, acolhe, respeita as diferentes caminhadas e interesses.

Não se amedronte frente aos desafios! Quando estamos decididos a enfrentar os desafios, acabamos por encontrar caminhos que nos levam às mudanças, só que para tecer esses novos caminhos precisamos ter um novo olhar, aberto a outras possibilidades de aprender, de representar a aprendizagem, de experimentar os espaços que compõe a escola.

Nessa tessitura de uma educação inclusiva vamos precisar resgatar memórias, nossas como estudantes, dos sujeitos que chegam como aprendentes na escola, vamos precisar resgatar os resíduos das experiências, os retalhos da vida que cada um ou uma escolheu lembrar. Vamos precisar resgatar os sons, cheiros, gostos, pessoas importantes, imagens, os registros mais positivos da memória, mas também os mais sofridos para compreender o não-aprender e porque ele se instala. Essa tessitura vai depender da tua sensibilidade para escutar, acolher, refletir, organizar as informações

e estender a mão, esperando os diferentes tempos de cada um para te alcançar. Teu trabalho é não desistir! É convocar e esperar!

A proposta de uma educação inclusiva pode levar tempo. Necessita paciência, insistência, respeito, olhar e escuta. É preciso confiança! Confiança de que não queremos concertar os sujeitos, pois não há o que arrumar, há o que aprender com eles, há o que ensinar, há processos a descobrir e qualificar, mas não há nada para ser concertado. É preciso observação, reflexão, registros para descobrir os sentidos, os desejos, os caminhos, os percursos, que são individuais e aí, se encantar e poder encantar o outro com novas propostas. Confiar é verbo que precisa ser regado com a água do tempo. Precisa disponibilidade, entrega, afeto, pertencimento.

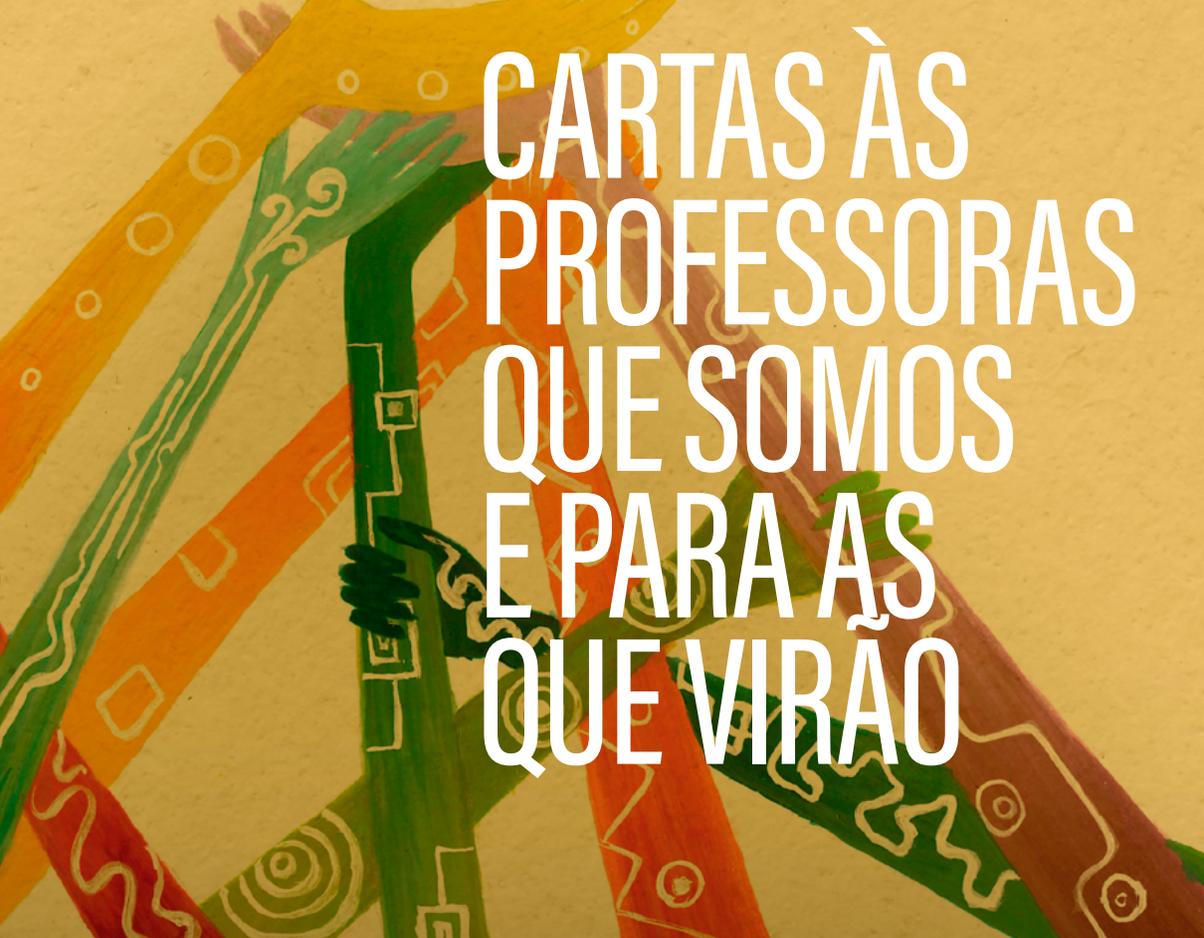
Se conseguimos trilhar esse caminho, mesmo com todas as dificuldades inerentes ao processo, nos tornamos completos, parceiros, coloridos, multifacetados, complexos, intensos, suaves, subjetivamente constituídos um nos outros. Trilhamos assim o caminho das possibilidades e não das impossibilidades! Para além de ensinar letras, números, mapas, dados históricos, ensinamos a ser e a pensar, nos interessamos sobre como o outro se sente nesse processo, o que a aprendizagem significa para cada um. Vamos escutando, olhando, percebendo, esperando e deixando SER, simplesmente SER!

E o primeiro princípio da inclusão é deixar cada sujeito SER o que se é! Então sejam bem-vindos à cultura inclusiva, a uma nova maneira de olhar e sentir o mundo, de maneira mais justa e igualitária. Estamos todos nessa estrada e vamos nos encontrando ao caminhar!

Karla Fernanda Wunder da Silva, Katiuscha Lara Genro Bins e Mara Eloisa Ceratti Scalco



CARTAS ÀS PROFESSORAS QUE SOMOS E PARA AS QUE VIRÃO





Você vai ler
Que tudo em mim
Pede o fim do silêncio
Esperar
Já não é o bastante
(Cartas, Roupa Nova)



Carta de Sabrina

**Para Sabrina Garcia
dos Santos Pessoa.**

Endereço: Daqui quinze ou vinte anos.

Que bom poder falar com você novamente, espero que esteja bem, saudável e feliz junto a sua linda família.

Escrevo para partilhar com você sobre um percurso maravilhoso que vivenciei no ano de 2022, incentivada por uma grande gestora e profissional de educação, topei fazer minha inscrição no curso de extensão em Educação Inclusiva, na FAGED/UFRGS. E o primeiro desafio foi ter que escrever uma carta de intenção, o que sempre me traz incertezas e essa foi superada com a ajuda de uma amiga querida, incentivando e valorizando essa minha escrita.

Fiquei surpresa ao me ver selecionada, pois nesse universo que vivo, como uma mulher preta, duvidar de minhas capacidades é um sentimento que me assombra, mas que também fortalece minha busca a novos desafios, e acima de tudo, me dá força para conseguir concluí-los com

sabedoria e respeito aos homens e mulheres negras que vieram antes de mim, e que não tiveram essa oportunidade.

Ser uma professora concursada e estar em um espaço acadêmico é um privilégio.

Mas enfim, vamos falar sobre esse universo da Educação Inclusiva em que eu estive imersa nesses 14 sábados. Aqui pude retomar algo que sempre gostei e que me fortalece que é o contato presencial, com várias pessoas de realidades diversas. Sábados que às vezes vinham com a carga de uma semana exaustiva, mas que ao mesmo tempo me trouxeram muita vida, muita garra, muita luz.

Minha expectativa era de teoria, técnica, certezas absolutas. Sim, tivemos muito disso e que maravilha poder perceber este corpo docente que esteve entregue nessa partilha e olhando nos olhos de cada uma, mas tivemos também a percepção do que acontece para além dos livros, para além do teórico. O dito "chão da escola".

Uma das muitas frases que me impactaram foi:

"O conhecer, vem somente no conviver".

Sim, estamos mais instrumentalizadas para trabalhar com a Educação Inclusiva, mas isso só terá sentido se fizermos boas escolhas, escolhas singulares, escolhas que visem o desenvolvimento de cada criança presente em nosso espaço escolar.

Entendo hoje, com mais clareza, porque não aceitei fazer estágio em espaço hospitalar na minha graduação: era o medo de errar, de não ser útil, de não ser capaz, de não reconhecer as potencialidades de cada criança para auxiliar no seu desenvolvimento.

Eu não perdi esse medo, mas o fato de receber uma turma com número significativo de alunos que precisariam de outro olhar, me moveu a este lugar que eu havia deixado lá atrás. Lugar de estudante, da busca de conhecimentos, da interação fora do ambiente escolar.

Confesso que estou muito feliz nesse lugar, me reencontrei com a profissional que estava adormecida em mim. Como sou grata em poder contar

tantos colegas de profissão que viveram essa conquista comigo, debatendo cada tema que aqui vivenciei, em ter uma família que apoiou minha ausência por acreditar no meu potencial e agradeço a você amiga, por estar aí nessa luta em prol de uma educação pública e de qualidade fazendo o que você ama, com tanta dedicação.

Sempre que precisar estarei aqui.

Porto Alegre, 13 dezembro de 2022.

Amorosamente,

Sabrina Garcia dos Santos Pessoa



Carta de Sandra Lopes

Da alegria de sonhar à realidade da inclusão.

Após alguns anos atuando como educadora, passando pela Educação Infantil e Ensino Fundamental, no ano de 2022, iniciei como professora titular do Atendimento Educacional Especializado – AEE, onde atuo com alunos do Pré I ao 9º ano.

Com muita expectativa, mas também com algumas inseguranças sobre como se daria meu trabalho no AEE, senti a necessidade de aperfeiçoamento, buscando enriquecer minha prática pedagógica. Então, em 11 de junho de 2022, iniciava minha jornada no *Curso Educação Inclusiva: Tessituras do Fazer Pedagógico*, este curso me trouxe muito mais do que o esperado, me fez pensar na trajetória até aqui, percebendo que o início dessa jornada não foi no magistério, e sim, na minha infância.

Sempre gostei de poesia, escrevia muito sobre meus sentimentos e vivências, por volta dos 12 anos, com um tio diagnosticado com esquizofrenia, Tio “Edi” (Edivaldo – nome fictício), escrevi um pensamento sobre ele:

Todos dizem que sou louco, mas não sou.

Eu não sou.

Apenas sou um menino, que o corpo é terráqueo,

mas a mente...

É do espaço infinito, da alegria de

SONHAR.

Meu tio foi um incompreendido, viveu numa época em que havia muito desconhecimento sobre sua condição, especialmente, por se tratar de uma cidade pequena, onde possivelmente ele era um dos poucos casos com um diagnóstico como esse.

Neste período pude observar o sofrimento da minha família, na busca de qualidade de vida para o meu tio, acompanhei a minha vó sofrendo humilhações por parte de profissionais da saúde, sendo enganada por falsos religiosos, que se diziam capazes de tirar “espíritos” ou “demônios”, que estavam “encarnados” nele, pude acompanhar algumas crises e internações.

Deparei-me com uma sociedade nada inclusiva, mas estas vivências, foram esculpindo minha forma de lidar com as diferenças, buscando ver cada indivíduo além das suas dificuldades ou limitações, fez com que desde pequena me indignasse com todo tipo de discriminação e me trouxe até a professora Sandra, que sou hoje, acreditando e lutando por um mundo melhor, onde todos tenham oportunidades de serem quem são.

Certa vez fui acompanhar minha avó, em uma consulta com a psiquiatra do município onde morávamos, não lembro, mas acredito que era para buscar receita de algum medicamento. Quando em algum momento da consulta, a profissional começou a ofendê-la e faço questão de relatar as palavras que ela usou de forma grosseira e desrespeitosa:

“Quando falo com a senhora, parece que estou conversando com uma parede, com uma porta, a senhora não entende. Será que dá pra senhora me olhar com atenção, porque com porta e parede não falo mais?” (Infelizmente não lembro o resto, pois estas foram as palavras, que ainda hoje soam na minha memória).

Durante toda a fala da psiquiatra, minha vó ficou calada, e eu não conseguia entender, como uma mulher forte e guerreira como ela, deixava aquela “monstra”, falar daquela maneira?

Então, não aguentei e furiosa, falei para a psiquiatra:

“Olha aqui, se a senhora sabe tudo, então quando o meu tio estiver em crise, vou ligar para a senhora ir lá controlar ele e resolver tudo, porque a senhora ‘sabe tudo que tem que fazer’?”

Surpresa com o que aconteceu, a “doutora”, bem mais calma disse:

“Pode me ligar?”

E eu insisti:

“Qual número, que eu vou anotar?”

Anotei o número e saímos do consultório.

Ao sair, já me preparei para ouvir o sermão, já que acreditava ter sido desrespeitosa com uma pessoa mais velha, mas minha avó foi até a residência, sem dizer uma palavra. Isso começou a me preocupar, pois provavelmente ela ia deixar para a minha mãe me repreender. Chegando em casa, para minha surpresa, ela contou a todos o ocorrido, elogiando minha conduta, mas a mãe me deu aquela olhada, que dizia: “Não foi certo!”, porém não brigou comigo.

Alguns anos depois, em uma conversa com a minha mãe, entendi porque a vó aguentou aquela humilhação. Ela tinha um filho que precisava constantemente dos serviços de saúde, e para facilitar este acesso, era interessante não entrar em conflito com os profissionais. Para ela não era humilhação, era parte do processo de buscar recursos para dar o melhor para o seu filho.

Outro episódio que vivenciei, foi numa carona no carro da prefeitura, para ir em outro município, agora se tratava de uma enfermeira (também não lembro o motivo da carona, mas provavelmente para falar com algum médico especialista).

Dentro do carro, a enfermeira começou um assunto, sobre o desconhecimento das famílias, no geral, sobre os problemas mentais dos seus filhos, muitas vezes, sendo negligentes nos tratamentos e blá blá blá. O motorista percebeu que ela estava fazendo aquelas colocações como se fosse o caso da minha família e ele disse:

“Enfermeira, posso lhe garantir que não é o caso da Dona Maria (nome fictício para a vó), eu conheço eles (minha família), e fazem de tudo pelo Edivaldo. Pode até acontecer com alguns, mas não é o caso deles”.

A enfermeira mudou o assunto e mais uma vez minha vó ficou calada.

Quantas outras vezes estas coisas aconteceram, e eu não estava presente? Esta é uma resposta que eu não tenho, mas arrisco dizer que devem ter sido muitas. Quantas mães e pais passam por estes constrangimentos em busca de tratamentos para seus filhos, ainda hoje?

Presenças constantes na casa dos meus avós, eram os falsos religiosos, falsos profetas, cobrando pela cura, ou exorcismo dos maus espíritos que estavam no corpo do meu tio, pois era essa a maneira que eles explicavam o fato de ele conversar muito sozinho, mudando a entonação da voz durante seus diálogos.

Durante a vida, o tio Edi passou por alguns momentos mais traumáticos, como em uma crise, que ele solicitou que todos saíssem da casa (meus avós correram para minha casa que era ao lado) e quebrou muitas coisas, praticamente a sala toda, mas chamou a atenção, que ele não quebrou os posters da parede, onde havia fotos da família, a não ser um quadro, com a foto dele. Por que ele não quebrou os outros? Por que quebrou somente o dele? O quanto ele teve que se controlar para não quebrar tudo e deixar aqueles quadros na parede? Essas respostas nunca teremos, mas eu acredito que deixar aquelas fotos intactas, foi uma demonstração de amor e respeito pela família.

Crise como a descrita anteriormente não ocorreu mais, que eu me lembre, mas ocorreu uma outra onde foi preciso chamar a polícia para controlá-lo e desta vez ele machucou a minha vó (não foi grave) e meu avô bateu no braço dele com um pedaço de madeira. Foi muito triste, o algemaram, para controlá-lo e existe um peso psicológico muito grande em ver uma pessoa que não é criminosa, sendo algemada, isso não é certo, mas naquele momento foi a única alternativa, infelizmente.

Devido às possibilidades de crise, todos os membros da família estavam sempre em alerta, especialmente quando tio Edi não estava em casa, pois poderia machucar alguém ou ser machucado, muitas coisas podiam acontecer, mas ele também precisava viver, sair, encontrar pessoas. Nunca aconteceu

nada nas vezes em que ele saiu, acreditava-se que quando tinha coragem e disposição para passear, estava bem psicologicamente.

Poucas vezes, ele foi internado em Hospitais Psiquiátricos, só lembro de uma, ao visitá-lo, me recordo de uma mulher em uma cadeira de balanço entoando cantigas de ninar para uma boneca e de seus cabelos cobrirem o seu rosto, parecia algo tão caricato, como se vê nos filmes, mas era real. O lugar era escuro, frio, as pessoas pareciam estar ali só esperando o tempo passar, somente existindo, sem viver, como alguém em coma num hospital. Achei aquele lugar horrível, como em um longa-metragem de terror. Ao ver meu tio, só pensei: "Ele não precisa estar aqui, neste lugar". Acredito que meus familiares também pensaram, porque logo ele já voltou para casa.

Quem era o Edivaldo, tio Edi, segundo as histórias que ouvi e vivi? Menino um pouco estranho e muito inteligente, que foi aprovado na Universidade Federal de Santa Maria, estudando sozinho. Era autodidata, um pesquisador nato e já se destacava no Ensino Médio, às vezes seu conhecimento deixava alguns professores desconfortáveis, pois normalmente ele já sabia os conteúdos que estavam sendo trabalhados.

Foi o primeiro da família a iniciar uma faculdade, no curso de Física da UFSM, numa época em que era praticamente impossível aprovar para a Universidade Pública sem fazer curso pré-vestibular. Já nos primeiros meses de graduação, algo desencadeou os sintomas da esquizofrenia e infelizmente, passou o restante da vida sofrendo com os efeitos deste transtorno e não conseguiu concluir a faculdade. Nos períodos em que estava "bem", conseguia passear, batizou a minha prima, passeava com ela de bicicleta, assim como tentou me ensinar a andar, deu aula particular de matemática e física.

Tinha uma resistência muito grande a tomar o/s medicamento/s, que precisavam ser colocados no suco ou na comida, porém vez ou outra ele descobria onde o remédio era colocado e conseguia burlar a medicação. Certa vez, peguei algo na geladeira para beber e acabei tomando o remédio que estava ali para o tio Edi, foram momentos de muita tensão, como eu era pequena, chorei muito e todos ficaram apreensivos com as reações que poderiam acontecer no meu organismo, mas tudo ficou bem e não tive problemas, pois tomei pouquinho. A atenção, quanto aos alimentos, sucos e garrafas de água na geladeira precisavam ser redobrados, para não ocorrerem estes acidentes.

Um dos momentos mais tristes que vivemos, foi na época que meu tio passou a ter problemas clínicos, devido aos fortes medicamentos que tomou durante anos, precisou ficar no hospital, pois estava bem debilitado. Um dia durante esta internação, em outro município, minha vó recebeu uma ligação, estávamos somente eu e ela em casa, era do hospital, ele estava muito mal, havia piorado. Enquanto falava ao telefone, ela começou a chorar e pedir que eu fosse o mais rápido possível chamar minha mãe e minha tia, no trabalho delas, que era pertinho da casa. Eu achei que ele havia morrido, saí correndo muito nervosa e passei mal no caminho com falta de ar (totalmente emocional, pois não tenho problemas respiratórios), avisei primeiro a minha tia e em seguida segui ao trabalho da minha mãe, na escola do bairro, onde ela era professora, chegando lá consegui dar o recado, mas comecei a chorar copiosamente, até conseguirem me acalmar um pouco e irmos para casa. Desta vez ele resistiu e alguns familiares foram para Santa Maria onde ele estava internado.

Infelizmente, outras chamadas telefônicas do hospital ocorreram e na última, desta vez não acompanhei o momento, ele veio a falecer, com 37 anos, muito jovem, deixando um vazio muito grande em nossa família, especialmente na minha vó, que durante 37 anos viveu incessantemente uma luta pela vida e saúde do tio Edi. Parecia que a vida dela estava sem sentido, ela não sabia como era viver sem ele e por mais que todos fizessem o seu melhor para fazer com que ela se sentisse bem e voltasse a ser feliz de outra maneira, não houve jeito, um ano após a morte do meu tio, minha avó faleceu e após um ano da morte dela, foi a vez do meu avô nos deixar.

As perguntas que ficam: Será que hoje, as mães, pais, familiares em geral, de pessoas com transtornos e deficiências, estão conseguindo viver sem culpa, sem julgamentos, podendo cuidar só do que importa que é do seu/s filhos/as? Como teria sido a vida do meu tio, se ele nascesse hoje? Não tem como saber, mas há muitas pessoas, muitos profissionais pensando a inclusão com muita afetividade e acredito que um mundo melhor está sendo construído, para as pessoas com deficiência e transtornos.

Seguindo minha trajetória, cheguei até maio de 2022, no Atendimento Educacional Especializado, em duas escolas municipais de Ensino Fundamental da região metropolitana de Porto Alegre, nas quais tive a oportunidade de conhecer estudantes incríveis, dos quais escolhi quatro para descrever nesse texto, cujos nomes substituí por características marcantes de cada um, sendo "Sonhador", "Talentoso", "Habilidoso" e "Afetuoso".

Sonhador tem 17 anos e está concluindo o 7º ano. Ao conhecer o estudante, pude observar que se tratava de um menino introspectivo, com baixa autoestima, dificuldades cognitivas e na fala, muito educado e cordial, com uma mãe muito presente, mas sem condições de auxiliá-lo nas questões escolares. Ele ainda apresentava certo isolamento social, especialmente no recreio.

Após alguns atendimentos institucionais (em sala de aula) e na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM), reconheci um menino muito sensível, que cria personagens por meio de desenhos, cada um com uma história, suas criações parecem misturar realidade com imaginação, além de serem incríveis do ponto de vista dos valores humanos, da vida. Neste período, encaminhamos o aluno para atendimento psicológico (ainda aguardando vaga) e fonoaudiológico, que já vem dando resultados positivos.

Algumas intervenções foram realizadas, como: elogiar os desenhos feitos pelo aluno, mostrando o quanto são bons, já que **Sonhador** não acreditava muito no seu potencial, dar visibilidade às suas obras, mostrando para os seus professores e colegas, que passaram a admirá-lo, também muita conversa e escuta. Algumas mudanças de comportamento foram observadas no estudante, como: melhorou a autoestima, começou a socializar mais e participar dos grupos de conversa no recreio, ficou mais sorridente e confiante. Na SRM construímos um livro, intitulado pelo estudante *Mundo, sonhos, portas* com os desenhos e histórias dos personagens. Todo o livro é incrível, mas algumas criações chamam mais a atenção como: *Relógio do tempo da vida*, *Tom* (um ser sem alma), *Luz* e *Escuridão*.

Um momento muito especial para **Sonhador**, foi no dia 25 de agosto de 2022, quando realizamos um evento na SRM, com a presença da direção, supervisão e orientação da escola, além de alguns colegas e Coordenação da Educação Especial, para fazer o lançamento do livro *Mundo, sonhos, portas*, onde os presentes, disseram frases de incentivo ao estudante, bem como deixaram mensagens por escrito e tiraram fotos com o escritor. Infelizmente optamos por não convidar a família, já que há um conflito, em relação ao teor dos desenhos do aluno e a religião seguida pelos pais.

Após todo este processo, observou-se que **Sonhador**, embora já tenha material para seu segundo livro, que será lançado em 2023, não sente mais necessidade de se expressar por meio de desenhos, está mais motivado para as

questões cognitivas, participando mais ativamente das aulas e até foi convidado para representar a turma na “Feira de ideias” da escola, junto com mais 2 colegas.

O sucesso de **Sonhador**, foi agente motivador para outros alunos do AEE, que perceberam que todos podem se destacar em alguma área. Foi o caso de **Talentoso**, de 15 anos, também do 7º ano, que percebeu ter um dom para a música, começou a tocar teclado, inclusive entre apresentações na escola, realizadas e agendadas, já tem quatro. Para tocar as músicas ele utiliza tutoriais do *YouTube* e durante os atendimentos na SRM, temos um tempo destinado aos ensaios. A família também tem incentivado e já estão com projeto para que ele tenha aulas de música na Igreja que a família frequenta, então se aguardam muitos avanços nesta área para o próximo ano.

Segundo relato de alguns professores, o estudante **Talentoso**, tem se mostrado mais focado nos estudos e mais organizado com seus materiais, já que anteriormente, havia uma queixa quanto a conversas paralelas em sala de aula (embora não tenha grandes dificuldades cognitivas) e falta de organização dos cadernos (na SRM, eventualmente, era necessário reorganizar seus cadernos).

Matriculado no 5º ano do ensino fundamental, está **Afetoso**, um estudante de 10 anos, como uma vida pregressa muito difícil, marcada por maus-tratos familiares, com um diagnóstico de deficiência intelectual e HIV. Faz parte hoje de uma família acolhedora (Projeto municipal), muito afetuosa, que em breve estará com a sua adoção efetivada. Devido à experiência de vida difícil, uma aproximação não foi muito fácil, pois ele não confia facilmente, desconfia de todos, chegando a dizer nos primeiros atendimentos na SRM: “Não gosto de você!”, mas após adquirir confiança, mostra-se muito dócil e amável, mostrando que as dificuldades que passou, estão sendo superadas pelo amor e afeto que tem recebido nesta nova configuração de família que ele tem.

Afetoso, ainda está em processo de alfabetização, onde a professora da turma, equipe pedagógica, professora do AEE e família, estão sempre dialogando sobre estratégias para desenvolver as habilidades necessárias para a alfabetização do estudante, algumas estratégias já estão dando resultados como: criação de uma apostila personalizada para uso em sala de aula e outra como tema de casa, mas todo dia é um desafio na busca da melhor forma de valorizar suas potencialidades e diminuir e até sanar suas dificuldades. O mais importante é a lição de vida que ele nos dá, após tanto sofrimento, ter tanta “doçura” no olhar.

Na Educação Infantil, Pré II, apresento o **Habilidoso**, um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), alfabetizado em português e com bons conhecimentos em inglês, com hiperfoco por letras e números. Apresenta os aspectos cognitivos bem avançados para a faixa etária, além de ser muito afetuoso, gosta de abraçar, dar beijos e dar apelidos carinhosos, o meu é “profinha Sandrinha”.

O estudante acima está sendo estimulado com jogos simbólicos, brinquedos variados e músicas, buscando a organização de seus conhecimentos, com objetivos pré-estabelecidos e intencionalidade, pois muitas vezes, usa os recursos oferecidos de forma aleatória, sem dar um sentido ao que está fazendo. Com o passar do ano letivo, pode-se observar que está mais seguro, para demonstrar e compreender seus sentimentos e emoções, além de desenvolver sua autonomia, reconhecendo regras de comportamento e valores sociais.

A experiência no AEE, com uma gama de indivíduos muito diferentes, mesmo com diagnósticos parecidos, fez com que num primeiro momento eu ficasse assustada com a possibilidade de não atender as demandas que cada um necessitava, mas os conhecendo e me aproximando afetivamente, gerando confiança, o trabalho fluiu, porque não é o diagnóstico que determina o tipo de trabalho que será desenvolvido, e sim as necessidades individuais.

O Curso de Aperfeiçoamento em Educação Inclusiva: Tessituras do Fazer Pedagógico – 2ª edição, foi um grande aliado na construção do meu fazer pedagógico com professora do AEE, pois além das aulas com professores muito bem qualificados, as trocas com colegas que estão passando pelos mesmos desafios no dia a dia de trabalho, são de valor imensurável. Só tenho a agradecer a oportunidade de ter feito parte deste projeto, hoje me sinto mais segura no desenvolvimento das minhas aulas, devido a essas trocas no curso e também com os/as estudantes, com os quais aprendo todos os dias, com certeza me torno um Ser humano melhor a cada conversa ou interação com eles. Muitos planos foram feitos por mim neste ano, como continuar me especializando na área da Inclusão para, no futuro também colaborar com a formação de profissionais nesta área.

Sandra Aparecida Coelho Lopes



Carta de Vanessa

Para a minha filha amada.

Endereço: Rua do Futuro, 2016. Apto: 25. Bairro: Esperança.

“Sobre o porquê é importante pensar nos outros”.

Estamos no início de dezembro e eu confesso que ando cansada, refletindo sobre muitas coisas, porém no meio disso tudo, encontro uma esperança. E esperança talvez, seja o que me faça estudar sobre educação inclusiva num curso realizado aos sábados e que me propõe uma série de desafios e reflexões.

Desde o início do ano, tenho pensado muito na importância da Educação Especial e Inclusiva e o quanto, ela me fez ter um olhar “mais humano” e atento com o outro. Quando comecei a trabalhar na Sala de Recursos de Atendimento Educacional Especializado, eu me dei conta o quanto a nossa Educação precisa ser mais flexível e estar pronta definitivamente para todos, ou seja, o ensino excludente já não cabe mais, nunca coube e é preciso que a geração de hoje, cada vez mais, promova esta ideia de inclusão.

Dedicar-se à Educação é estar pronto para a luta. Quando falo em questões como essa, também estou pensando em mim, e em ti. Estou pensando na sociedade como um todo. Com o tempo verás que pensar nos outros também é importante. A nossa visão vai se expandindo. O mundo é grande e diverso, e mesmo que tenhamos nossas limitações é preciso promover a ideia de que todos somos capazes de aprender.

Espero que daqui uns anos, tu possas ver o mundo com olhar justo e que sejas promotora da justiça. É preciso pensar nos outros para a promoção dos direitos humanos. Estou buscando me capacitar por mim, por ti, por nós.

Porto Alegre, 3 de dezembro de 2022.

Com carinho,

Vanessa Alves Félix



Carta de Susie

Do eu do momento para o eu do futuro.

Endereço: Rua do Fazer Certo, s/n. Bairro da Alegria.

Hoje, dia 13 de dezembro de 2022, um sábado maravilhoso de sol e calor, venho te escrever essa carta com muito amor e esperança de dias melhores. Quero dividir contigo a alegria de poder dizer que aprendi muito sobre inclusão no curso que participei e que, apesar de atualmente encontrar dificuldades em atuar com as crianças que tenham alguma deficiência, muita coisa vai mudar aí no teu tempo.

Com o número de crianças com deficiência aumentando cada vez mais (acredito que está ficando mais fácil o diagnóstico) se fez necessário buscar conhecimento em cursos, livros e palestras. Na minha utopia, aí no futuro essas crianças terão todo apoio para terapias, médicos especializados, e escolas que realmente façam a inclusão, porque agora, isso não acontece.

Muitas crianças chegam no ensino fundamental sem ter conseguido uma consulta com um neurologista,

o que dirá sobre ter acesso às terapias que melhorariam muito sua condição. As escolas recebem esses alunos, se dizendo inclusivas, mas os profissionais não estão qualificados para melhor atendê-lo ou, cá para nós, alguns não os querem nas salas, pois dá trabalho planejar e incluí-los na turma. Algumas escolas não têm o mínimo de acessibilidade para receber crianças com andador, cadeira de rodas ou que necessitem de algum outro acompanhamento. E o que é a inclusão, senão ter um olhar diferenciado para aquela criança, procurando meios que irão ajudá-la a se desenvolver melhor.

Que mundo vivemos neste momento em que o diferente assusta e é inaceitável? Agora, vemos crianças inocentes sendo espancadas nas escolas, sendo excluídas de sua própria formatura, sofrendo *bullying* em lugares públicos, simplesmente por serem diferentes dos padrões da sociedade. Apesar das leis que amparam as pessoas com deficiência, ainda estamos longe de sermos uma sociedade inclusiva.

Precisamos ter políticas públicas que amparem esses indivíduos e seus familiares, que qualifiquem os professores, que planejem escolas e ambientes acessíveis a todos urgentemente. Espero que essa carta chegue em tuas mãos em um momento bem melhor para o nosso país e para o mundo. Que as pessoas sejam realmente seres “humanos” e que abracem toda a diferença e deficiência com respeito e empatia.

Susie Ani Gomes Souza



Carta de Francine (2022)

Para Francine Mirele Numer
(2018).

Endereço: Do meu eu de 2018.

Carta às mulheres desse mundo.

Se há algo que te deixe em pânico, suplico que tenhas coragem, que tenhas suporte para enfrentar e que enfrentes. Meu desejo de boa sorte em todos os enfrentamentos dessa vida.

Uma experiência vivida e dividida para reflexão:

Em julho de 2021, voltando de uma viagem de férias, percebo uma significativa perda visual (em torno de 80%) em um dos olhos e então se começa uma saga.

A primeira medida foi ir ao oftalmologista com o intuito de trocar o grau dos óculos, mas, ao fazer o exame, percebi que não seria possível.

Segue-se com exames e após a ressonância o diagnóstico vem: **tumor cerebral** – meningioma de sela túrcica.

Sempre tive pânico da expressão “tumor cerebral”, viver isso foi enfrentar o meu maior pesadelo. Não conseguia dissociar o diagnóstico de uma sentença de morte. E, então, preciso ser porta-voz de que há muita vida e muito a se viver apesar de um diagnóstico ruim.

Meningiomas são predominantemente benignos, tendo uma probabilidade de 3% de malignidade. Tumores cerebrais em mulheres têm muito mais ocorrências benignas do que malignas.

Apesar dessas estatísticas favoráveis, quem dorme com um barulho desses?

Tumor cerebral não tem “cura”, pois sempre haverá risco de recidiva. Porém, sendo benigno, a remoção basta.

Na iminência de uma cirurgia no cérebro encontrei na docência minha sanidade. Ao adentrar na sala de aula a Professora Francine assumia as rédeas da vida, uma vida sem “um barulho desses”.

Na espera pela cirurgia me vi refletindo sobre quase tudo, tentando burocraticamente organizar minha família sem mim, tentando organizar minha vida com todas as possíveis sequelas que poderiam acontecer: perda da fala, perda visual, sequela neurológica. Além do medo da morte havia todos esses outros medos.

Não foram reflexões fáceis, mas foram muito importantes: reflexões sobre como seria minha vida com deficiência.

Professora da prefeitura de Porto Alegre, lido com alunos da Educação Especial desde 2012, nas mais diversas deficiências. E, na intenção de oferecer um atendimento melhor a eles, resolvi aprender mais em uma especialização na área. Minha condição de saúde me fazia tentar relacionar essas aprendizagens às minhas possíveis sequelas. Passada a cirurgia que foi um completo sucesso me sinto obrigada a dizer que podemos viver apesar de um diagnóstico ruim. Que, apesar do pânico, seguir é a única forma de nos mantermos vivos.

E que não podemos esperar quando o assunto é a nossa saúde. Mais de um ano depois, com a ressonância de controle feita sem sequela nenhuma, me sinto obrigada a gritar para o mundo: TUMOR CEREBRAL NÃO É UMA SENTENÇA DE MORTE. A ciência é capaz de muito, precisamos enaltecê-la.

Em dezembro de 2022 acato o pedido de escrever sobre o curso que participei sobre educação especial, promovido pela UFRGS. O gatilho para realizá-lo foi disparado nas reflexões pré-cirúrgicas, mas não falo sobre essa vivência na carta. Quando recebo o retorno da primeira escrita, sinto a necessidade de compartilhar essa vivência. E eis ela aqui. Agora, podes conferir comigo a outra carta.

Carta do futuro, à Francine de 2018.

Oi, hoje os dias ainda estão difíceis, mas são, agora, de muita esperança após dois anos de restrição pandêmica, com muita solidão, adaptação, resiliência e medo. Hoje podemos recuperar parte de nossa normalidade.

Numa eleição histórica veio o alívio e a vontade de ter esperança para um futuro em que todos poderão comer com dignidade e que a educação voltará a ter prioridade e potência.

Como atriz nesse cenário de mudanças, apesar das 50 horas de trabalho semanais, tu aceitaste te desacomodar. Entrou num curso para atender aos teus alunos com mais qualidade, acabou saindo uma pessoa transformada e, se possível, transformadora.

Hoje estamos perto do final dos 15 sábados de encontros, te escrevo no 14º deles, 14 encontros desfrutando e aprendendo com as trocas, as experiências, as vivências e as conversas.

Começamos em 11 de junho de 2022, assistindo e aplaudindo uma banda formada apenas por pessoas com deficiência. Nas músicas, a resistência, o ritmo e o poder reverberavam e te inundaram numa experiência de acalantar o coração e marejar os olhos. Neste dia também aprendemos sobre anamnese. Sobre a importância de perguntar como o aluno acorda, para entender como ele chega à escola. Se ele se alimenta, pega ônibus ou vai a pé, como é esse trajeto? Essa pavimentação? Conhecer sua história: se acorda sozinho, se alguém o acompanha e, a partir das respostas, entender o que o desorganiza. Também aprendemos que falar sobre brinquedo preferido pode estabelecer vínculo e gerar confiança.

Numa grande desacomodação entendemos que há um motivo para que os hospitais psiquiátricos, as prisões, e as escolas tenham rigor nos horários, nas atividades estabelecidas e permaneçam fechados, cercados, cadeados; são todos semelhantes. Foucault afirmou que esses espaços têm um mesmo ritual, uma mesma disciplina.

Algumas questões vieram neste encontro e te inquietaram:

Por que a “normalidade” precisa ser normatizada?

O que é ser normal?

Por que seguimos inventando nomes para classificar pessoas e poder colocar todos numa gaveta?

No encontro seguinte circulamos sobre as diversas décadas, entendendo sobre os aspectos legais e princípios norteadores da educação das pessoas com deficiência. Percebemos o quão recentes são as leis e decretos que regem a educação inclusiva e imaginamos o quanto ainda precisaríamos evoluir para realmente termos espaços universais.

Além disso, falamos sobre o AEE, protagonismo juvenil das pessoas com deficiência, fomos desafiados a escrever.

Aprendemos a diferenciar birra de crise na aula dedicada ao Transtorno do Espectro Autista. Com a aula sobre a cegueira e deficiência visual transcrevemos frases em Braille e lemos desenhos com as mãos. Além de termos a ilustre companhia da cão-guia mais querida que conheci. Subimos e descemos escadas com apoio e entendi o quão confiante precisamos estar para ceder nosso deslocamento a alguém.

Quando aprendemos sobre surdez e deficiência auditiva pudemos conhecer uma cultura diferente e, por um perfil de uma rede social, entendemos um pouco sobre o cotidiano de uma família de pessoas com surdez.

Aprendemos que Gardner classificou oito áreas de inteligência e essas áreas são usadas na classificação das AH/SD. Entendemos que há pessoas que são brilhantes e aprendemos a diferencia-las daquelas que tem superdotação. Aprendemos que as pessoas com AH/SD precisam ser estimuladas, necessitam ser desafiadas e é papel da escola e do AEE oportunizar isso. Aprendemos que há 18 tipos de aceleração, mas, no Brasil, só usamos a estratégia de saltar séries.

Entendemos que a limitação de uma pessoa com deficiência física está no meio que ela circula, por não estar preparado para recebê-la. Aprendemos que devemos ter espaços públicos construídos com conceito de desenho universal. E que o ideal não é adaptarmos as aulas, mas as elaborarmos de forma que todos possam acessar, e que o desenho universal para a aprendizagem contempla isso.

Aprendemos que a classe hospitalar, apesar de obrigatória, se mostra, em números, muito aquém do mínimo necessário e aceitável.

Aprendemos...

Aprendemos muito, para muito além desses dias de encontros. Aprendemos a ter um novo olhar, novas formas de abordagem. Aprendemos a nos encontrar com as diferenças, a entender a evolução individual.

Cada passo é uma evolução.

Aprendemos, principalmente, que podemos ser sujeitos de mudança.

Que precisamos ser o mundo que queremos ter. Precisando lutar e construir o nosso mundo ideal e que o poder de uma ação pode estimular outros a serem agentes dessa mudança.

Aprendemos que tem muita produção, muita aprendizagem nas trocas com os colegas e muita evolução quando um grupo quer ser agente dessa mudança.

Sou grata a ti, por ter aceitado o desafio. Aos colegas por me ensinarem tanto. A UFRGS pela oportunidade e aos professores por me transformarem a cada encontro.

Então, quando essa e outras oportunidades surgirem, estejas sempre pronta para aprender!

Porto Alegre, 3 de dezembro de 2022.

Com carinho,

Francine Mirele Numer



Carta de Fernanda

Para a professora que sou.

Endereço: Estrada da Coragem – Cidade do Presente.

O mês que se inicia anuncia a finalização de um ciclo que, sabemos, exigiu muitos esforços teus, em um ano que te colocou em movimento, em falso, em dúvida, em inquietação.

Escrevo com o intuito de dizer algumas palavras que possam te ajudar a ver o que, por vezes, te parece difícil perceber com a beleza devida. Com essa beleza, percebo que o teu movimento, ainda que em falso, te permitiu caminhar em busca do que desejas ser.

Sei que carregas um pingente com a palavra “coragem”, para não te deixar esquecer de levá-la contigo por onde andas. Por isso, te digo: foste e és corajosa, por te colocar em movimento, por deixar que as tuas inúmeras inquietações te levem ao lugar de quem deseja aprender – e que sabe que a busca pelo aprender é parte da responsabilidade que tens como professora.

Querida, já te deste conta da beleza que existe naquilo que escolheste ser? Professora. E que a dimensão dessa beleza se torna ainda maior quando essa palavra é pronunciada com outras sonoridades, vindas das vozes afetuosas que te chamam de “profe” ou de “sora”? Já te deste conta, sim, eu sei. Por isso, já te ouvi dizer que, mesmo naqueles momentos em que te parece mais difícil ser professora, não te imaginas mais fora da escola. A escola já é parte daquilo que te faz ser quem és. Os sujeitos, os barulhos, as materialidades, os afetos; tudo isso que faz a escola, também faz o teu “eu” nesse mundo.

Ao te tornares aluna do *Curso de Educação Inclusiva: Tessituras do Fazer Pedagógico*, percorreste caminhos bonitos ao longo desse ano que está se encerrando. Viveste experiências e constituíste reflexões valiosas. Caminhos, experiências e reflexões que conectaram diferentes partes de ti: a criança, sobrinha de uma pessoa com deficiências intelectual e auditiva; e a adulta, cidadã e professora, que defende a importância de uma educação pública, qualificada e inclusiva e, para tal, assume a sua responsabilidade nesse processo. Ao voltar os olhos para a criança que foste, o curso te possibilitou ver o teu tio de uma forma que não tinhas visto até então. Ao lembrar da tua amada avó – mãe e responsável pela criação e pela educação do teu tio –, te perguntaste: e se a infância e, portanto, a fase de escolarização dele fosse vivida hoje? Quantas oportunidades diferentes ele poderia ter? Ele estaria frequentando uma escola? Estaria interagindo, brincando e aprendendo junto de outras crianças? A fase adulta da sua vida poderia ser diferente? São indagações para as quais não tens respostas, mas que permitiram à adulta de hoje dar as mãos à criança de ontem, entrelaçando emoções, sentimentos e pensamentos.

Trazendo de volta o olhar para a professora que és, aprendeste, logo nos primeiros encontros desse curso, uma lição valiosa, que anotaste com convicção em teus registros: educação inclusiva não é uma modalidade de ensino, mas sim, uma perspectiva, uma concepção de educação. É uma lente para ver a escola, os seus sujeitos, as suas práticas. Esse ensinamento te ajudou a refletir sobre o que fazes todos os dias, na escola em que trabalhas.

Educação Inclusiva é aquela que garante equidade de oportunidades e de condições de aprendizagem para alunos e alunas com ou sem deficiências. Incluir é promover a justiça social, através do acesso e da permanência dos alunos e das alunas na escola, possibilitando o seu pleno desenvolvimento.

Aprendeste, pelas palavras de Carlos Skliar, que a escola deve “ser o lugar de qualquer um” e, ao mesmo tempo, “de cada um”. Aprendeste, também, sobre

como a diferença apresenta um imperativo à escola, pois escancara as suas próprias fragilidades. A diferença desacomoda, reverbera, suspende as certezas que, historicamente, a constituíram: não existe um aluno exemplar, um corpo ideal, uma forma única de aprender. Existem saberes plurais, corpos diversos, experiências de aprendizagem múltiplas; enfim, diferentes formas de ser e estar no mundo.

Se, por um lado, os caminhos que percorreste te desacomodaram de muitas formas, por outro, e ao mesmo tempo, te fizeram ainda mais convicta sobre algumas questões: o trabalho docente exige intencionalidade e planejamento; responsabilidade e afeto. Nessas palavras residem os pilares da prática pedagógica em que acreditas.

Quase ao final do percurso trilhado, em uma dinâmica proposta pelas professoras do 14º encontro do curso, recebeste uma palavra escrita em uma folha de papel: sonhar. Essa palavra reverberou em ti. Não posso deixar de te dizer, já me preparando para concluir essa carta: que bom que te permites sonhar. Existe uma beleza imensa em olhar para a escola como espaço do sonhar, do imaginar, do criar. O sonho está na utopia que te leva a sempre caminhar, como pensou e escreveu Eduardo Galeano, mas também está nas pequenas coisas que concretizas cotidianamente.

A escola que sonhas também está na escola que vives e que ajudas a construir. Está no abraço afetuoso que recibes da tua aluna; na proposta de atividade que planejas e compartilhas com uma colega; no espaço democrático de fala e de escuta que se abre em uma aula “qualquer”.

Para o novo ano que já se anuncia, desejo que tu sigas sonhando. Que sigas imaginando a escola que sonhas. Mais do que isso, desejo que consigas ver a escola que sonhas na escola que tens; nos alunos e nas alunas que estão nas salas de aula do hoje; nos e nas colegas com quem compartilhas a sala de professores do agora. Que acredites – e, se possível, inspire outras pessoas a acreditarem – na potência do presente, tecendo-o sempre com afeto, com responsabilidade, com intencionalidade e, principalmente, com respeito pelas diferentes formas de ser, estar, aprender, ensinar, amar e viver.

Porto Alegre, 03 de dezembro de 2022.

Um abraço afetuoso,

Fernanda de Amorim Golembiewski



Carta de Jaque

Para Jaqueline Passos —
para mim, daqui a 10 anos.

Endereço: Rua dos Amores, s/n.

Quando uma colega compartilhou o *link* do curso no grupo de *WhatsApp* da escola, eu logo vi e pensei: “Que afinal serão Tessituras?”

Sem ter a mínima ideia do que era, a chamei e fizemos a inscrição, só pensando no certificado de 180 horas. Muitas, oba!! Difícil arrumar um curso com tantas horas.

Enfim, uns dias depois recebi um e-mail dizendo que não havia sido selecionada e fiquei feliz, afinal seria um ano cheio na escola, pós-pandemia, casa, duas filhas, como conciliar tudo isso? Achei melhor, mas passando mais uns dias recebo outro e-mail, dessa vez me chamando para o curso. Abracei a oportunidade, fui já pensando que não seria bom e que iria desistir. Não sei como pensei nessa bobagem, porque desde o primeiro dia de aula que participei me apaixonei perdidamente pela educação inclusiva,

assim como um primeiro amor, onde só se pensa e se vive por ele. Todas as aulas foram especiais, mas a mais top de todas foi sobre o TEA.

Não sei ainda o que realmente me toca, mas sei que desmistificar um monte de preconceitos e aceitá-los como realmente são, foi libertador. Na minha escola atualmente temos muitas crianças com TEA, e todas com suas particularidades e com seus jeitinhos especiais que conquistam a todos.

Então... O curso foi tão tocante que no meio do caminho abriu um processo seletivo para Porto Alegre e eu me inscrevi para além da educação infantil, também para a educação especial. Na verdade, só tenho pós na área, e a experiência? Não sei, isso ainda é uma dúvida, mas a certeza que tenho, é que estou no caminho certo. Permanecendo por essa estrada tão especial que é a inclusão.

E, sabe aquilo que falei das 180 horas? Pois é, esquece, o curso foi muito além disso, muito mais. Posso dizer que foi quase um divisor de águas, o que eu vi e ouvi, coisas que em nenhum outro lugar veria.

Então hoje sou grata pela colega que compartilhou o curso e que com estranheza li aquele nome "Tessituras", hoje vejo o quão bom foi. E mais grata ainda a mim que não desisti, pois muitos foram os momentos de incerteza.

Sempre acreditei na educação, e agora mais ainda por poder fazer a diferença na vida de alguém, de maneira tão profunda, como a educação inclusiva, que é só amor, e toca o nosso coração.

Escutar durante o curso os relatos das colegas, que além de seus alunos, ainda tem seus filhos atípicos, foi gratificante e motivador demais.

Para você, prezada Jaqueline, que daqui a 10 anos ainda estará na ativa, firme e forte, espero que você tenha realmente encontrado a sua motivação e realização no seu trabalho com a educação e, mais ainda, com a inclusão.

Porto Alegre, 13 de dezembro de 2022.

Beijos, Jaque.

Jacqueline Moresco Passos



Carta de Jéssica

Para o mundo.

Endereço: Rua Amarás ao teu próximo como a ti mesmo.

Neste primeiro sábado do mês de dezembro com temperatura agradável, escrevo esta carta, para o mundo ouvir, ler e sentir o que tentarei traduzir em palavras: o sentimento de conclusão do *Curso Tessituras do Fazer Pedagógico*.

Iniciamos as aulas com olhares de curiosidades, dúvidas, medos e coragem de desacomodar ideias, ações e pensamentos, em busca de um mundo inclusivo.

Ao longo desta caminhada construímos novos conhecimentos com livros, vídeos, dinâmicas, falas, objetos, recursos tecnológicos e a presença da Estrela (cão-guia) para que realmente nossos encontros fossem inundados de saberes para a vida. Os professores que ministraram as aulas deixaram suas marcas, tantas que algumas ressoam em nossos pensamentos e posso transcrevê-las:

1. Devemos partir das potencialidades e não das dificuldades;
2. Eu te aceito como tu és;
3. Inclusão não é chegar, é o processo todo;
4. O processo é mais importante que o resultado.

Frases que nos fizeram fortes em meio aos desafios diários de uma sala de aula, compartilhando com as famílias da escola tais palavras de ânimo e encorajamento, para que, possam espalhar esse olhar inquieto e corajoso, que desenvolvemos nessa trajetória. Levamos um sentimento enorme de ser e fazer a diferença, pois a inclusão acolhe todos em suas características e anseios, recebe suas angústias, entende suas potencialidades e dificuldades. Se for necessário, refaça a rota para chegar ao objetivo, conceba a ideia de que somos todos diferentes, percebendo as sutilezas do outro como enxergamos as nossas.

Mundo, receba essa carta com o olhar inquieto e corajoso.

Jéssica Ferreira Rodrigues de Paixão

Carta de Angélica

**Para meu pai Rosalino e meu
eu do futuro.**

Se eu pudesse te ver hoje e conversar com você na terra, ia contar o quanto eu cresci, amadureci como pessoa, como mulher, como profissional. Há dois anos enfrentamos uma pandemia, não poderíamos nos ver e nos tocar, eu havia enfrentado um câncer de mama um pouco antes disso tudo acontecer, fui afastada do meu trabalho e lutei muito para sobreviver, fiquei careca, fiz quimioterapia, vi meu mundo desabar em questão de dias, logo eu, que sempre fui de trabalhar muito, sair, me divertir, uma vida agitada.

Felizmente dei a volta por cima me curei e recebi muito carinho, muito amor e muita oração, posso dizer que sou um ser de muita sorte. Aprendi muito com a doença amadureci e cresci ... mudei. Pensei em não ser mais professora, são muitas horas de um trabalho, por vezes, cansativo e pesado. Mas, quando chego na sala de aula e me deparo com meus alunos percebo o quanto eu amo o que eu faço e a falta que senti quando fiquei afastada do meu trabalho. Faltava algo. Estar em aula com meus alunos me completa.

Sempre tive admiração e fui muito próxima de crianças especiais, como dizem algumas colegas: "tenho imã". Na verdade, as crianças me escolhem e por este motivo eu resolvi fazer o curso Tessituras já tendo um curso de especialização em Educação Especial. Procuo me atualizar e compreender melhor meu trabalho com esses seres de luz que precisam de muito amor e um profissional dedicado a eles.

O curso me tocou por diversos momentos, mexeu muito com o interior da gente, tocou nossos corações a cada aula, tendo uma vivência diferente a cada encontro. Um crescimento como pessoa e como profissional. Estou trabalhando muito nos últimos tempos e espero, logo, me consolidar na área da Educação Especial para trabalhar e me dedicar somente a essa área, são planos futuros e estudar mais e mais. Muitas vezes me falta tempo, a vida é muito corrida, mas quando estou com meus alunos me dedico muito a eles.

Quando eu não estiver mais nesse plano, espero me encontrar com você e contar tudo que fiz e ainda farei por meus alunos. Quero encher você de orgulho e, eu mesma, por ter me tornado uma grande profissional dedicada, responsável e amorosa. Ao mesmo tempo que sinto um alívio por estar na reta final do curso sinto um aperto no coração, pois já estou com saudades dos nossos aprendizados aos sábados. Deixo uma canção, de Raul Seixas²⁰ para finalizar minha carta,

*Enquanto você
Se esforça pra ser
Um sujeito normal
E fazer tudo igual
Eu do meu lado
Aprendendo a ser louco
Um maluco total
Na loucura real*

20

SEIXAS, Raul. **Maluco Beleza**. Composição Raul Seixas e Cláudio Roberto. Disco sonoro: O dia em que a Terra parou, Gravadora Warner Chappell, 1977.

Controlando
A minha maluquez
Misturada
Com minha lucidez
Vou ficar
Ficar com certeza
Maluco beleza
Eu vou ficar
Ficar com certeza
Maluco beleza

Angélica Mattos



Carta de uma pequena despedida

Queridos/as leitores/as,

Nos despedimos com o coração preenchido de contínuos desa-fios costurados por linhas que tecem estas Cartas, amarradas pelas tessituras que constituem um tecido, um *Patchwork*, produzido pela conexão de fragmentos multicoloridos, tricotados em uma única banda, uma rede de relações que se envolvem em coesão, em uma unidade.

Este conjunto de gentes, que fazem a educação acontecer, que estiveram conosco durante o ano de 2022, segue marcando nosso jeito de fazer a Educação Inclusiva na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trata-se de um jeito que mistura nossos pátios, nossas salas de aula, nossas escritas. Escola-U-niversidade juntas. Encontros que nos levarão, no ano de 2023, para proposição do Curso de Especialização, o terceiro ato do Tessituras.

É importante, nesta despedida, afirmar que a proposição de uma educação plural e democrática com seus desdobramentos político-pedagógicos ainda precisa avançar na construção de um cenário educacional brasileiro onde se deseja uma Escola para Todos. Um sistema educacional pensado para Todos, acolhe as diferenças em sua plenitude, reafirmando que para além do Direito à vida partilhada, impulsiona o desenvolvimento do ser humano e contribui na constituição de cada sujeito.

Um educador se faz em sua didática, na sua forma de olhar o Outro. Um modo de promover aulas, encontros,

de imprimir ideias e sensações, de ensinar e de experienciar a alteridade. Com diferentes matizes, vamos colorindo nosso mundo, dando vida, fazendo, e se fazendo, em composição. Assim somos, misturas de cores, de sabores, peças que se encaixam e vão produzindo nos modos de ser. Múltiplas formas de contemplar o mundo.

Inspiradas em Paulo Freire, entregamos para as rodas de leituras as Cartas Pedagógicas do Tessituras, uma das formas de comunicação que o autor gostava de utilizar. Uma presença-permanência que nos motiva e ensina a seguir acreditando que o lugar da Escola, pode ser um bom lugar para estar, que professores e professoras são estados de luta-prazer, de encontros, seguimos inspiradas no pensamento freiriano, que em seus últimos textos nos ensina a recomeçar. Assim, escreveu,

Fazia algum tempo um propósito me inquietava: escrever umas cartas pedagógicas em estilo leve cuja leitura tanto pudesse interessar jovens pais e mães quanto, quem sabe, filhos e filhas adolescentes ou professoras e professores que, chamados à reflexão pelos desafios em sua prática docente, encontrassem nelas elementos capazes de ajudá-los na elaboração de suas respostas (FREIRE, 2000, p. 16)²¹.

Assumindo a perspectiva freiriana, como um modo de produzir a docência, seguiremos defendendo o direito à escolarização de todos, conforme assegura a Constituição Federal, em todos os territórios. Trata-se de um compromisso humano, político e ético na/pela produção de escolas plurais, sejam elas públicas ou privadas, comuns ou especiais. Para nós, pensar a escola, e os processos de escolarização, passa pela acessibilidade, participação, permanência e aprendizagem.

Porto Alegre, abril de 2023.

Com carinho,

Liliane Ferrari Giordani e Luciane Bresciani Lopes

21 FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

Sobre as autoras e os autores

Aline Russo da Silva

Formada em pedagogia, especialista em Altas habilidades/Superdotação, mestre em políticas públicas Gestão e currículo. Professora da Sala de Integração e Recursos para AH/SD do município de Porto Alegre. Envolvida nas lutas políticas e pedagógicas no que tange a educação especial na perspectiva da Educação Inclusiva o curso de Tessituras do Fazer Pedagógico cruzou o meu fazer através da parceria entre a Sala de Recursos e a professora Graciele, atuando no sentido de formar os estudantes de pedagogia da UFRGS sensíveis aos estudantes que demonstram indicadores de AH/SD.

Ana Paula Barem Vargas

Pedagoga com especialização em Educação Infantil, atuo como professora dos anos iniciais, na E.M.E.F Gonçalves Dias, no município de Canoas, realizada com o Curso Tessituras.

Ana Paula Seixas Vial

Professora de língua portuguesa e de língua inglesa no ensino médio e superior, doutoranda em Letras, me aproximando do curso em parceria com uma amiga e colega para compartilhar experiências e aprendizagens sobre educação inclusiva.

Andréa Matos Zenari

Pedagoga com trajetória na gestão escolar, educação infantil e educação especial. Caminha por entre as bonitezas do trabalho com pequenos e com quem acolhe as diferentes infâncias.

Angélica Mattos

Trabalha há 13 anos na educação pública. É apaixonada por educação inclusiva de qualidade, equidade, baseada no amor, respeitando as diferenças de cada um.

Cíntia Ariane da Silva Feijó

Pedagoga/Neuropsicopedagoga, especialista em Alfabetização e Letramento e em Educação Especial Inclusiva: AEE. Professora nos anos iniciais do ensino fundamental e Neuropsicopedagoga atuando com atendimentos. Cursista/escritora do Tessituras.

Cintia Leão

Pedagoga em Educação Especial, mestre em educação. Me emaranho no gosto por desafios e por tecer redes, crochetoando entre infâncias e formação de professores.

Claudia Vieira Souza

Pedagoga, com pós-graduação em psicopedagogia. Atua como professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Porto Alegre. Trabalho como professora do B2, na E.M.E.I Don Luiz de Nadal.

Cristiane Barcelos Dias

Professora na Rede Pública Estadual - Anos Iniciais. Uma eterna aprendiz em busca de conhecimentos neste vasto campo da educação em Tessituras.

Daiana Scherer

Professora de Educação Infantil no município de Canoas, 15 anos na educação, com uma gratidão imensa de participar junto de outras professoras da escrita em tessituras.

Daniele Noal Gai

Costura papéis e aulas. Educadora Especial pela Universidade Federal de Santa Maria. Docente da Faculdade de Educação UFRGS. Doutora em Educação. Líder do Projeto Geringonça [pedagogias da diferença ecologias da vida] UFRGS. Coordenadora da pesquisa-extensão Entre Artesanias da Diferença.

Débora Chiarello

Especialista em Educação Especial e Inclusiva, pós-graduada em Ciências da Natureza e Matemática e Licenciada em Matemática. Em 2022, realizou o curso de extensão: Tessituras do fazer pedagógico pela UFRGS. Atualmente, cursa Pós-Graduação em Serviço de Atendimento Educacional Especializado pela UFGD (2023) e atua como professora de Matemática, no ensino médio do Colégio Militar de Porto Alegre.

Deise Cristina Alves

Graduada em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco; Especialista em Educação Infantil e Anos iniciais pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci. Professora de ciências dos anos finais da Rede Municipal de Porto Alegre.

Elisângela Acosta de Carvalho de Farias

licenciada em História pela UFRGS, com especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica. Mestre em educação pela USAL/ Argentina. Professora de história no município de São Leopoldo. O que me levou ao curso foi minha busca por realizar inclusões efetivas no ambiente escolar.

Elvia Regina Wiceskoski

Professora do Ensino Fundamental, do AEE na escola pública e psicopedagoga. Buscando aprendizagens e vivências no Curso de Tessituras.

Fabiane Oliveira Machado

Pedagoga de formação. Atua como professora de Anos Iniciais em Porto Alegre. Conheci o curso através de uma grande amiga, Gislaine da Luz Maciel, juntas já fizemos muitas formações, pois acreditamos que o aperfeiçoamento na temática é extremamente necessário para que a inclusão realmente aconteça.

Fabiani Ortiz Portella

Educadora inclusiva, atuando na escola, na clínica e na universidade - tecelã de saberes.

Fátima Viviane Gruginskie Garcia

Professora, casada, mãe de dois meninos lindos, que após algumas reviradas da vida encontrou-se apaixonada pela inclusão e a latente vontade de fazer a diferença.

Fernanda de Amorim Golembiewski

Mestra em Ensino de História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2022). Professora de História dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Trilhando caminhos de pesquisa, ensino e aprendizagem para a construção de uma educação inclusiva e antirracista.

Francine Mirele Numer

Mestre em matemática, professora de ensino fundamental e médio, curiosa buscando sempre entender os alunos.

Gerusa Romana Leal da Silva

Pedagoga na Seção de Atendimento Educacional Especializado (SAEE) do Colégio Militar de Porto Alegre – CMPA. Especialista em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade de Ciências, Educação, Saúde, Pesquisa e Gestão – CENSUPEG; Neuropsicopedagoga Clínica e pós-graduada em Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação, pela Universidade Federal de Rio Grande – FURG.

Glauce Petry Dutra

Professora de geografia das séries finais do fundamental 2. O curso tessituras deu uma outra visão sobre a inclusão e de como efetivamente é a realidade e de como seria o ideal para alunos de inclusão.

Isamara da Silva Nunes

Professora de Anos Iniciais e Educação Infantil. Pedagoga, Especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais, Especialista em Neurocognição Interfaces com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Professora na rede pública de Novo Hamburgo.

Jacqueline Moresco Passos

Professora de educação infantil e especial, na rede de ensino municipal de Esteio e Porto Alegre.

Jéssica Ferreira Rodrigues De Paixão

Formação em Pedagogia, especialização em orientação educacional e professora de infâncias, na escola E.M.E.I MAPA 2. Tessituras do fazer pedagógico, me possibilitou ver, sentir e tocar o que realmente é inclusão escolar.

Jonas Rocha Abreu

Professor Concursado de Língua Espanhola - Anos Finais, atuando na Educação Pública do município de Esteio. Em constante aperfeiçoamento, na busca de tornar-me, efetivamente, um Prof. Inclusivo.

Josiane Farias Fagundes

Pedagoga formada pela UFRGS, pós-graduada em alfabetização e letramento, Psicopedagogia Institucional e pós-graduada em Educação Especial, sonha com tessituras para uma verdadeira educação inclusiva.

Karla Fernanda Wunder da Silva

Doutora em Educação, Psicopedagoga e Pedagoga Especial. E.M.E.E.F. Professor Luiz Francisco Lucena Borges.

Katiuscha Lara Genro Bins

Doutora em Educação, Especialista em Alfabetização e Pedagoga Especial. E.M.E.E.F. Professor Luiz Francisco Lucena Borges.

Kelly Cristina Soares Oliveira

Professora atuante nos anos iniciais na rede pública e municipal, atualmente na sala do AEE. O curso Tessituras veio agregar novos conhecimentos, trocas de vivências e muitos aprendizados.

Leana Garcia da Luz

Mulher, pedagoga, mãe, esposa e carismática. Professora que busca a inclusão de todos de acordo com as suas singularidades e especificidades, olhando e acolhendo cada sujeito, único e especial! Participante das escritas em tessituras e eterna aprendiz.

Lidiane da Silva Machado

Pedagoga, pós-graduada em Educação Infantil, professora de educação infantil na rede pública, aperfeiçoando o olhar atento às infâncias.

Liliane Ferrari Giordani

Professora que gosta dos pátios das escolas, da leitura embaixo da árvore, da roda de conversa. Se emociona com as descobertas encantadas dos estudantes, que adora abraços longos e permanece aprendiz.

Lissandra Cardoso Rodrigues dos Santos

Formada em Pedagogia pelo IFRS, atualmente leciona na Escola Estadual de Ensino Fundamental Bahia. O curso me transformou em relação a ter empatia com o próximo. Me tornei uma pessoa melhor. Pude aprender muito a mediar relações de aprendizagem com os alunos.

Luciane Bresciani Lopes

Professora, mãe, estudante. Tecendo encontros entre a universidade e a educação básica.

Luciane Nunes Lopa de Oliveira

Professora da EJA, alfabetizadora dos pequenos e pedagoga. Na escola, compartilhando e buscando novos saberes!

Mara Eloisa Ceratti Scalco

Psicopedagoga e Pedagoga Especial. E.M.E.E.F. Professor Luiz Francisco Lucena Borges

Mara Regina Rosa Oliveira de Souza

Formada no magistério, e em pedagogia, pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Dificuldades na aprendizagem e Arteterapia na Educação, sou professora de séries iniciais na E.M.E.F. Vanessa Ceconet em Sapucaia do Sul/RS, amei essa oportunidade ímpar que não chegou por acaso na minha formação, atuei com outras professoras pela escrita em tessituras.

Marco Aurélio Freire Ferraz

Doutor em educação pela UFRGS formação em atendimento educacional especializado. Membro do fórum pela inclusão escolar de POA.

Maria Borges Antunes

Mulher negra, professora dos anos iniciais da rede municipal de Guaíba, pedagoga, especialista em psicopedagogia institucional, militante e membro do Coletivo Pretas&Profes. Encontrei nessa formação uma oportunidade de construir tessituras com possíveis caminhos que levem a pensar uma educação de qualidade para todos de maneira política, sensível e potente, com respeito as diferenças e em busca da equidade de direitos.

Mariana Mu Nichimura Romeiro

Pedagoga especialista em Psicopedagogia e Educação Infantil. Professora e Articuladora das Novas Tecnologias da Rede Pública do município de Porto Alegre com crianças de 3 a 6 anos.

Marina Inês Da Silva Marzola Nunes

Professora de educação infantil, na Escola Nossa Senhora de Nazaré - ASDO. Formada no Curso Normal pela Escola Instituto Estadual de Educação "Olivia Lahm Hirt" e Licenciada em Pedagogia pela universidade Anhanguera.

Martha Elena Guedes

Artista plástica e arte Educadora, que através das tessituras de linhas e pontos, que ao entrelaçá-las construímos redes de palavras ideias e saberes. Ressignificando meus conhecimentos no fazer artístico. Graduada em Artes Visuais, habilitação em desenho, licenciada em Educação Artística e com especialização em Educação de Jovens e Adultos pela UFRGS.

Maura Reis dos Santos

Graduada em Pedagogia e pós-graduada em Neuroeducação e Educação Inclusiva e AEE - Atendimento Educacional Especializado. Professora concursada do município de Canoas e sou professora Peb I, com turmas de Anos Iniciais. Foi incrível ver, ouvir e perceber tudo que nos foi ofertado. As trocas realizadas com as professoras/es, e com as colegas; a forma como tudo foi trazido com tanta delicadeza, objetividade e profissionalismo, acrescentou muito na minha prática profissional.

Pâmela Zarzana

Professora de infâncias na rede pública municipal, ressignificando a prática inclusiva, com outras professoras pela escrita em tessituras.

Renata Vanin da Luz

Psicopedagoga e pedagoga, professora da Sala de Integração e Recursos para Altas Habilidades na SMED de Porto Alegre.

Rosângela Thomaz Dias

Professora de Séries Iniciais, na escola, com outras professoras pela escrita em tessituras.

Sabrina Garcia Pessoa

Pedagoga - Professora de Educação infantil na E.M.E.I Miguel Granato Velasquez. Feliz por essa oportunidade de participar deste curso que trouxe novas perspectivas para minha trajetória profissional

Sandra Aparecida Coelho Lopes

Professora Especialista em Atendimento Educacional Especializado e Administração Escolar, com formações na área da Educação Inclusiva.

Sandra Eli Dorneles Araújo

Professora do AEE no Colégio Estadual Presidente Arthur da Costa e Silva, Porto Alegre, RS.

Sheila Alves Siqueira

Professora de séries iniciais na rede municipal de Canoas, 23 anos de magistério, mãe típica do Pedro e mãe atípica do João.

Silvana Trindade Dambros

Professora há mais de 20 anos, graduada em Pedagogia, com especializações em Psicopedagogia, Educação Continuada; Atendimento Educacional Especializado e Sala de Recursos. Casada com o Mateus e mãe da Thaise. Há cinco anos com a chegada do sobrinho João Vicente com síndrome de Down, direcionei-me totalmente à Educação Inclusiva, por perceber nestas novas vivências, oportunidades para novas práticas pedagógicas. Atualmente como professora no AEE, me encontro sendo parte, sendo ponte, sendo rede, buscando cada vez ser uma pessoa inclusiva.

Silvia Fernanda Martins Gassen

Mãe do Rafa e do Mikael, pós-graduada em educação especial inclusiva, atualmente atuando na Sala de Integração e Recursos da E.M.E.F Professor Anísio Teixeira. Aprendendo sempre com a inclusão e com meus/minhas alunos/as, com afeto sempre.

Susie Ani Gomes Souza

Professora da educação infantil, atuando no SAAE atualmente. Sou uma Pedagoga e neuropsicopedagoga, que está sempre buscando me aprimorar, por isso o ingresso no curso maravilhoso tessituras do saber!

Tatiana Gudaites Pereira Aguiar

Pedagoga, com pós em educação e Ciências. Orientadora da escola Paulo VI, no município de Canoas. Tessituras foi uma linda aprendizagem, composta por amor, seriedade e resiliência.

Vanessa Alves Felix

Mestra em Literaturas Portuguesa e Luso-africanas pela UFRGS (2015), licenciada em Letras com ênfase em Português - Literaturas de Língua Portuguesa (2012), pela mesma instituição. Em 2022, realizou o curso de extensão: Tessituras do fazer pedagógico pela UFRGS. Atualmente, cursa Pós-Graduação em Serviço de Atendimento Educacional Especializado pela UFGD (2023) e atua como professora de Redação, no Ensino Médio. Além disso, é colaboradora da sala de recursos do Colégio Militar de Porto Alegre, no qual atua na área de Linguagens, compondo assim a Equipe Multidisciplinar da SAAE do CMPA.

Veridiana Cardoso Biscarra

Professora do ensino fundamental, séries iniciais. Supervisora escolar e orientadora educacional. Aluna, aprendiz e, agora, multiplicadora das aprendizagens e construções oriundas dos encontros e escritas: Inclusão, Tessituras, Amor!



Este livro foi produzido com os recursos da Emenda Parlamentar Individual do Orçamento Geral da União, do ano de 2022, sob nº 28620006, destinada à Faculdade de Educação para o desenvolvimento do Curso de Aperfeiçoamento: Educação Inclusiva: Tessituras do Fazer Pedagógico - 2ª Edição.

The background is a vibrant, abstract composition of various geometric shapes and patterns. It features large, overlapping circles in shades of green and yellow, some with concentric spiral patterns. There are also smaller squares and rectangles in red, green, and orange, scattered throughout. The overall color palette is warm, dominated by yellows, greens, and oranges, with accents of red and blue. The style is reminiscent of folk art or modernist abstract painting.

www.pimentacultural.com

Cartas pedagógicas

tessituras em educação inclusiva